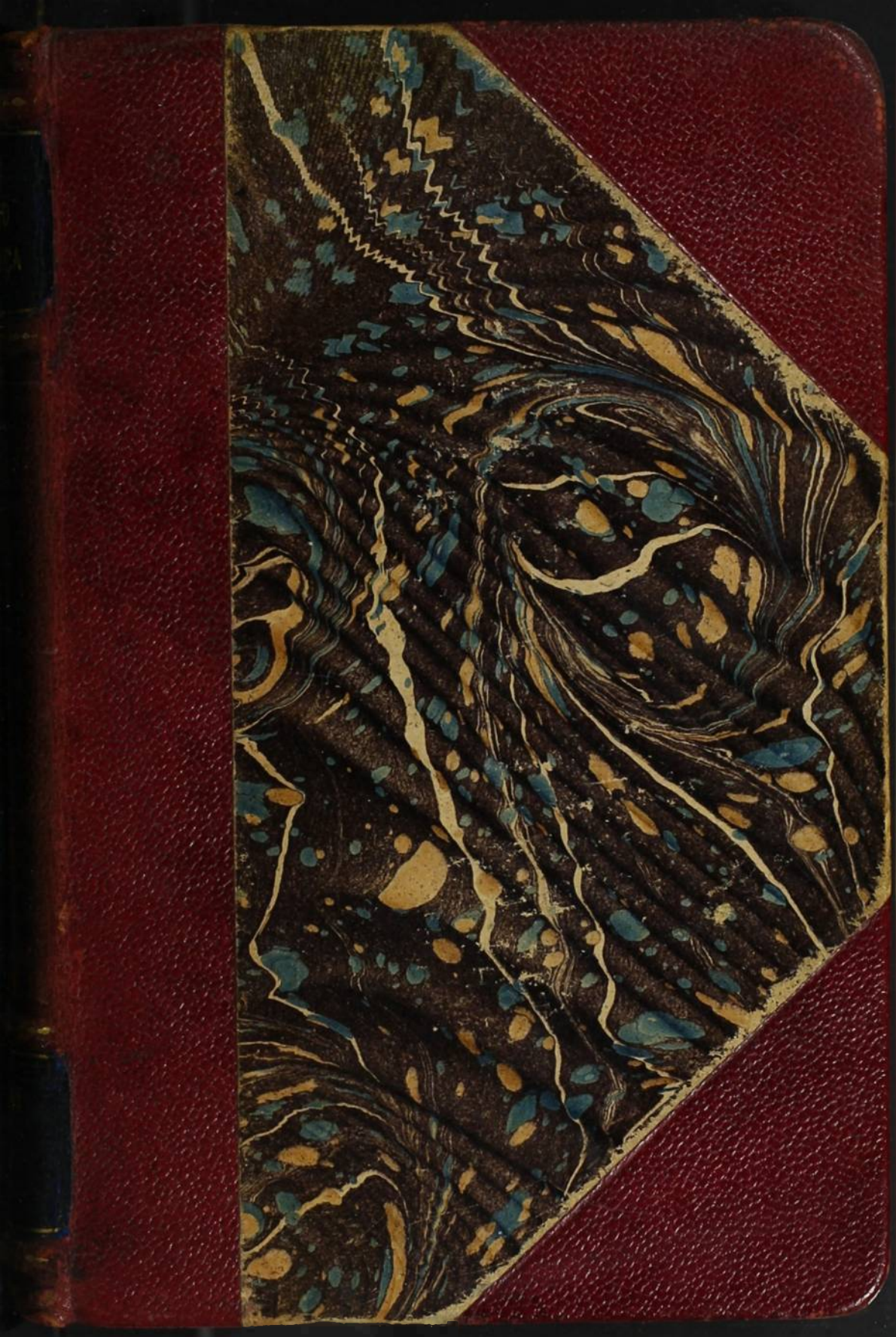

TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO
WERNER, LIMA & Cia.
R. Possidonio Ignacio, 4-A
S. PAULO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA
Collecção in-12 a 1$000 o volume.

ARSÈNE HOUSSAYE

LUCIA

HISTORIA
DE
UMA MULHER PERDIDA

VERSÃO DO FRANCEZ

TOMO I

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69 Rua do Ouvidor 69

Obras que se achão á venda n'esta livraria:

J. M. de Macedo

O Forasteiro, romance. 3 v. in-8º enc. 7$000, br..... 5$009
Os Quatro Pontos Cardeaes. — A Mysteriosa, romances. 1 v. in-8º enc. 3$000. br..... 2$500
Um noivo á duas noivas, romance. 3 v. in-8º br. 6$, enc. 8$000
A Namoradeira, romance. 3 v. br. 6$, enc..... 8$000
Nina, romance. 2 v. br. 4$, enc..... 5$000
As Mulheres de Mantilha, romance historico. 2 v. br. 4$000
enc.. ..... 5$000
A Luneta Magica, romance. 2 v. in-8º br. 4$, enc.... 5$000
As Victimas Algozes, quadros da escravidão. 2 v. br. 7$000
enc..... 3$000
A Moreninha. 1 v. com estampas, enc..... 3$500
A Nebulosa. 1 v. enc..... 3$000
Culto do Dever. 1 v. enc..... 5$000
Memorias de um Sobrinho de meu Tio. 2 v. enc..... 5$000
Moço Louro. 2 v. enc..... 5$000
Os Dous Amores. 2 v. enc..... 3$000
Romances da Semana. 1 v. enc..... 5$000
Rosa. 2 v. enc..... 7$000
Vicentina, 3ª edição. 3 v. br. 5$, enc..... 9$000
Theatro Completo. 3 v. enc..... Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedias. 1 v. in-8º br..... 2$000
Lusbella, comedia. 1 v. in-8º br..... 1$500
Fantasma Branco, comedia. 1 v. in-8º br..... 1$500
Novo Othello, comedia. 1 v. in-8º br..... 500
O Primo da California. comedia. 1 v. in-8º br..... 1$000
Cincinato Quebra Louça. Comedia. 1 v. in-8º..... 1$500

C. Paulo de Kock

A Noiva de Fontenay-das-Rosas. 1 v. in-8º enc. 3$000
br..... 2$000
Carotin. 3 v. in-8º enc. 4$500, br..... 3$000
Galucho. 4 v. br. 4$000, enc..... 6$000
Paulo e seu cão. 8º v. br..... 4$000
Friquette. 2 v. in-12, enc. 3$, br..... 2$000
Memorias de Carlos Paulo de Kock. 2 v, in-12, enc. 3$0000
br..... 2$000

Augusto Zaluar

Revelações. Esta edição, ornada do retrato do autor, gravado em aço é das mais nitidas e primorosas que tem apparecido entre nós. 1 v. in-4º enc..... 5$000
Contos da Roça. 2 v. br..... 2$000
Peregrinações pela provincia de S. Paulo. 1 v. in-4º enc. 6$000

LUCIA

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

Collecção in-12 a 1$000 o volume

J. de Alencar	— Til	4 v.
Bern. Guimarães	— O Indio Affonso	1 v.
O. Feuillet	— Julia	1 v.
J. Sandeau	— João de Thommeray . . .	1 v.
Fausto	— Um casamento de tirar o chapéo	1 v.
—	— A Caça de um Baronato . .	1 v.
—	— Scenas da Vida Republicana.	1 v.
—	— Um Provinciano Ladino . .	1 v.
—	— Dous dias de Felicidade no Campo	1 v.
Kock Junior	— Um marido por um pé de meia	1 v.
—	— O bom do Sr. Leitão. . . .	1 v.
A. Belot	— A Mulher de Fogo	2 v.
A. Belot e J. Dautin	— O Matricida	2 v.
—	— Dacolard e Lubin	2 v.
E. About	— O Nariz de um Tabellião . .	1 v.
A. Dumas Filho	— O Homem-Mulher	1 v.
—	— Sophia Printemps	2 v.
P. de Kock	— Friquette	2 v.
—	— Memorias	2 v.
A. Assolant	— Confissão de um Badense . .	1 v.
—	— O Doutor Judassohn	1 v.
E. Gaboriau	— A Vida Infernal	6 v.
—	— A Corda na Garganta . . .	5 v
Max Valrey	— Martha	3 v.
P. Féval	— O Sobrevivente	4 v.
E. Feydeau	— A Arte de Agradar	1 v.
X. de Montépin	— O Marido de Margarida. . .	2 v.
—	— A Condessa de Nancey. . .	2 v
—	— O Amante de Alice. . . .	2 v
—	— O Bigamo.	4 v
Fervacques & Bachaumont.	— Rolande	4v.

Typ. Franco-Americana, r. d'Ajuda n. 18, 1874.

LUCIA

HISTORIA

DE

UMA MULHER PERDIDA

POR

ARSÈNE HOUSSAYE

VERSÃO DO FRANCEZ

TOMO I

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69 Rua do Ouvidor 69

LUCIA

HISTORIA DE UMA MULHER PERDIDA

I

QUANTO CUSTA UM BOUQUET DE CEM SOLDOS

Ella chamava-se Lucia Moreau, elle chamava-se Gontran Staller; ella porém, tinha italianisado um pouco o nome para o theatro, porque cantava então nos *Bouffes Parisienses*.

Porque a amava elle? E ella porque o amava? Perguntem-n'o a Chamfort. Como se tinham elles conhecido? Não sei. Elles mesmos já o não sabiam. Tinham tido, um bello dia, ao despertar, a surpresa de se acharem juntos.

A mãe e a irman de Gontran tinham em vão tentado

deitar uma gotta d'agua benta no coração d'elle, que era um inferno. Elle só jurava por Lucia, apresentava-se em toda a parte com ella, não só nos camarotes dos theatros de segunda ordem, como no Bosque, por onde andava com ella em uma americana ou em um *phaeton* ou em um *dog-cart*, quando a não levava em seu *coupé*. Não receiava ser visto pela mãe ou pela irman; tinha no emtanto ainda pudor bastante para chegar sempre ao Bosque um pouco tarde, á hora dos namorados, quando já as carruagens burguezas estão de volta para os Campos Elysios.

Ninguem se inquietava muito de vel-o deitar dinheiro fóra. Seu pae, que tinha uma boa fortuna, tanto em terras como em moeda, bem podia perder um milhão sem pestanejar. No emtanto, nada sabia das desordens do filho. Sabia que elle tinha amigos de boa nota e não o suppunha capaz de cahir até á loucura. Bem via elle que o filho vivia n'uma doce ociosidade parisiense que ceifa o trigo ainda verde, mas acreditava que lhe restariam para a epocha da rasão bastantes feixes maduros.

Staller, embora de origem lorena, era parisiense pelos costumes e pelo espirito. Desgostar-se-hia se visse o filho passar pela mocidade sem a gozar; mas condemnava energicamente todo o filho prodigo que faz dos vinte annos uma orgia, nodoando a alma e estragando a virilidade. Não queria que o homem morresse ás mãos do moço; mas estava longe de suspeitar que a

mulher e a filha choravam já, assistindo ao espectaculo de decadencia do filho.

Uma noite, em que Mlle. Lucia tinha cantado um pouco peior que de ordinario, arrastou Gontran a uma festa dada por uma de suas amigas, a Basemont, por alto nem viu a Rocha Tarpeir. Alguem tinha atirado um bouquet á illustre comediante, era preciso que ella o mostrasse a todos. E d'ahi, é tão aborrecido ir deitar-se a gente, quando os outros se divertem! Lucia esperava encontrar na festa muitos conhecidos seus de ambos os sexos.

Dansava-se em uma sala, jogava-se n'outra; Lucia achou que não estava bastante decotada para dansar; sentou-se descuidosa a uma mesa de jogo e disse:

— Jogo o meu bouquet.

Tinha-se jogado o *baccarat*. Mas para fazer a vontade á Taciturna que não sabia contar até nove, jogava-se o *lansquenet*. Havia uma parada de quinhentos francos.

— O meu bouquet contra os quinhentos francos, disse Lucia. Bancava o conde d'Aspremont, amigo de Gontran e ex-amigo de Lucia.

Encarou duas vezes sua ex-amiga.

— Passo a mão, disse Mecom com impertinencia.

Estava convencido que a mulher, — enganei-me, o bouquet, — não valia quinhentos francos.

— E eu, disse o visconde de Harken, acceito a mão e o bouquet.

Dizendo isto, tomou com uma das mãos a mão de Lucia com a outra as cartas. Gontran teve um movimento de ciume, mas era bem educado, e sorria como os outros.

— Este bouquet vale bem quinhentos francos, disse Harken fictando a actriz.

Poz o bouquet diante de si e ao lado uma nota de quinhentos francos.

Voltou sete ou oito cartas.

— Ganhei, disse. Meus senhores, ha na mesa mil francos.

— Como assim? perguntou um jogador serio.

— É simples, quinhentos francos da nota e quinhentos do bouquet. Este bouquet não é nota do banco, mas é uma lettra a prazo. Não é verdade. Lucia, que has de pagar no dia do vencimento?

— Pago, disse Lucia, que não queria descontentar Harken.

E depois, corando como uma virgem, disse:

— Mas eu bem sei quem me hade apresentar o bouquet.

— Quem?

— Gontran!

Harken passou as cartas.

— Estão quentes, disse Eugenio Max, um banqueiro que tinha pouco antes feito um emprestimo ao Estado, tinha tomado as cartas.

— Páro os mil francos, disse Gontran.

— Este bouquet vae custar-lhe caro, replicou Eugenio Max.

Ganhou o banqueiro.

Deu-se então um d'esses casos extraordinarios que fazem crer que as cartas tem malicia.

— Aposto os dous mil francos, disse Gontran, entre-risonho e irritado.

Lucia, que estava defronte d'elle, animou-o com o olhar.

O banqueiro virou, dous azes.

— Quatro mil francos ! disse elle erguendo os olhos para Gontran...

— Corra ! disse este.

O banqueiro virou dous dez.

— Estas cartas estão enfeitiçadas, disse a actriz.

— Estas, sim, disse o visinho d'ella, porque fui eu que cortei.

E pedio a Eugenio Max que a acceitasse como socia.

— Pois sim, disse elle com desdem, entre com cem soldos.

D'esta vez o banqueiro foi obrigado a voltar sete ou oito cartas, mas ainda ganhou.

— Quem pára os deseseis mil francos ? disse com ar de pouco caso,

— Eu, disse friamente Gontran.

Depois de viradas quatro cartas, havia na mesa trinta e dous mil francos.

— Continue, disse Gontran.

O banqueiro virou um valete de paos.

— Oh! diabo, disse elle gravemente, este vae trahir-me.

Mas a quarta carta que virou era outro valete de páos.

— Sessenta e trez mil e quinhentos francos e um bouquet, disse Eugenio Max, para fazer crer que não estava commovido.

— Aposto o bouquet e os sessenta e trez mil e quinhentos francos, disse Gontram.

— Não corras atraz do dinheiro, gritou uma jogadora.

— Não é atraz do dinheiro que elle corre, é atraz do meu bouquet, disse modestamente Lucia.

Deu-se um terrivel combate na espirito de Gontran : se tornasse a perder, quem lhe emprestaria, em vinte e quatro horas, os cento e vinte mil francos perdidos.

Já a mãe lhe dera todas as suas economias ; já a irmã a pretexto de comprar quadros, lhe dera quanto podia dar-lhe. Não ha amigos que emprestem cento e vinte mil francos, principalmente entre jogadores. A musica tocava sempre,mas ninguem dansava: tinham vindo todos assistir a esse duello por um bouquet. Gontran fazia

cara alegre, sorrindo e balançando-se com graça, para disfarçar a emoção.

O lance foi demorado, mas o banqueiro tornou a ganhar.

Poz as cartas sobre a meza, como não querendo mais.

— Não creio, disse Gontran, que o sr. tenha a intenção de cessar o jogo ?

Eugenio Max encarou fixamente.

— E eu não creio que o senhor pretenda continuar a jogar d'este modo até de manhan?

— Pois bem dê-me então o bouquet, disse o namorado.

— Oh! isso não, respondeu o banqueiro com ar cavalheiresco, para disfarçar a alegria que sentia por ganhar cento e vinte e oito mil francos.

Olhavam-se todos em silencio.

— Pois bem! disse Gontran, o senhor tem ahi ainda sete ou oito cartas, vamos até o fim!

— Vá feito, disse o banqueiro.

Parou de novo as cartas e virou a damas de copas.

— Esta nunca me trahiu, disse elle.

— E, erguendo os olhos para Gontran :

Seria melhor não continuar, tenho certeza de virar uma dama.

— Pois vire sua dama, disse Gontran.

O banqueiro virou um rei.

Os reis sahem como as rainhas, disse Gontran, tentando dizer uma pilheria politica. O banqueiro virou todas as cartas sem achar nem rei nem dama. Poz a ultima carta em cima da meza e respirou. Os espectadores retinham a respiração e olhavam uns para os outros.

— Aposto pelo rei.

— Aposto pela dama.

Via-se que a primeira carta era uma figura. Vinte mil francos de apostas appareceram na mesa. Gontran estava em um suplicio. Passava-lhe pelos olhos a severa figura do pae; nem ousava mais olhar para Lucia, porque era ella evidentemente a causa d'estas anciedades.

— Gontran é um perfeito jogador dizia Lucia a seu visinho; veja, nem pestanejou.

E o visinho respondeu:

— É porque se não sahir sempre lhe fica uma dama para o consolar.

Cortaram.

O banqueiro tomou as cartas e virou a dama de paos.

— Uma dama! exclamaram todos. E accrescentaram:

— Duzentos e cincoenta e seis mil francos!

Eugenio Max tomou o bouquet e offereceu-o a Gontran.

— Meu caro senhor, disse, offereço-lhe o bouquet.

— Aceito o bouquet, disse, Gontran com algum desdem, mas heide pagal-o.

— Ora vamos, disse a dama da casa, estes jogos fazem-me medo. Joguemos um baccarat moderado onde não perturbemos mais os que querem dansar.

Gontran chegou-se ao banqueiro.

— Ordenou o senhor?

Eugenio Max deu-lhe um cartão de visita.

— Antes do meio dia irei levar-lhe duzentos e cincoenta e seis mil francos.

As mulheres estavam pasmas.

— Como se atira, este Gontran! Felicitaram Lucia, mas felicitaram principalmente o homem que ganhou.

— E então, disse a este a rapariga que tinha entrado com cem soldos, tu sabes que eu tenho direito á metade?

— Olhe, disse-lhe outros, tu sabes que fui eu que te dei a sorte, alli está a figa.

E mostrava-lhe uma figasinha de coral.

— E eu, disse ainda outro agradeça-me não ter eu bancado.

Em uma palavra, se Max, desse ouvidos a todas as raparigas, deixava-me alli mesmo até o dinheiro com que entrou para o jogo.

Gontran chegou-se a Lucia.

— Vamos?

— Já?

— São quatro horas.

— Não vou, quero dansar.

Foi uma punhalada no coração de Gontran.

— Queres dansar!

Offereceu-lhe o bouquet.

— Ah! obrigada!

E a actriz olhou para o pé do bouquet á espera de achar n'elle alguma nota de banco, mas o que lá estava era ainda o primitivo papel.

— Queres dansar comigo, Gontran?

— Não, tu bem sabes que eu não danso, bem sabes que perdi e que preciso ir para casa.

— Então, adeus!

Gontran levou a mão ao coração.

— Adeus, suspirou elle.

Lucia acceitou o primeiro cavalheiro que se lhe offereceu e foi dansar em completa paz de espirito e coração.

Gontran não conseguiu fugir da sala. Olhava para Lucia com furor.

Ella teve alguns remorsos e voltou a elle sem fazer caso do par.

— Meu querido Gontran, faz uma cara alegre á tua gatinha. Foi muito bonito de tua parte jogar pelo meu bouquet, mas terias feito melhor se me tivesses dado todo o dinheiro que perdeste.

Gontran, que ia a enternecer-se, indignou-se de novo e repelliu a mão de Lucia.

— Ora vamos, disse ella, olhando-o com meiguice, confesso que disse uma tolice. Tu bem sabes que eu te

amo. Foi bonito o que tu fizeste !

— Pois então, vem comigo.

— Não, porque tu vaes para tua casa. Espero-te amanhã.

— Amanhã é hoje.

— Vae ver-me ao meio dia.

E Lucia cheirou o bouquet fazendo uma piruetta.

Gontran caminhou para a porta.

— No fim de contas, disse elle, vendo-a voltar para a quadrilha, porque não hade ella dansar ?

Elle amava com ardor e com doçura.

Juncto á porta d'Aspremont estendeu a mão a Gontran:

— Toma cuidado, disse-lhe, é um abysmo cor de rosa, mas é um abysmo.

II

PERFIL A TRES-QUARTOS DE MADEMOISELLE LUCIA

Em um canto da sala uma *arrebentada* contava a um chronista a historia de Lucia.

— Olha, meu caro, ella nem sempre teve amantes que jogassem uma fortuna por um bouquet. *Estreiou* entregando-se a torto e a direito.

Só amou uma vez, mas devéras. Era um pintor, tu sabes quem, o Raphael das Morenas da Rainha Branca. Esse fez d'ella o que quiz ; abusou-lhe do corpo como modelo e pisou-lhe o coração.

— Pois ella tem coração? perguntou o chronista, simulando surpreza ?

— Não. Já o não tem : é carga má que se atira ao mar para evitar o naufragio. Mas se souberes como ella foi infeliz.

— Infeliz porque ? e porquem ?

— O amante amou-a apenas um dia. Zombava das lagrimas d'ella. Ella não estava habituada a servir de modelo ; mas, por ciume, não queria que outras mulheres fossem á casa d'elle. E elle, para se divertir, dava-lhe em espectaculo todas as deusas da officina ! E ahi está !

Estas poucas palavras bastam para dizer que Lucia tinha tido mais de um amante.

As mulheres perdidas são como as nações que tem tido muitos reis, mas lembram-se apenas dos tyrannos, unicos amados porque só elles as fizeram soffrer.

Lucia nem se dignara lembrar-se d'aquelles que tinham reinado só um dia. Foi ella que, nos bastidores dos Bouffes-Parisienses, revelou o seu caracter dizendo a um homem que teimava em recordar-lhe a intimidade que tiveram durante uma hora : « meu caro, o senhor pagou-me, não é assim ? pois então, não lhe devo nada. »

E tinha razão, uma mulher nada deve ao homem que lhe pagou. E o homem que paga não tem direito de se recordar em publico : onde entra o dinheiro, não ha bôa fortuna.

Mas se Lucia esquecia tão facilmente todos os reisinhos da dynastia, lembrava-se e sempre do homem que tinha reinado sobre ella por direito de conquista e por direito de tyrannia.

Em quatro palavras a historia é esta:

Lucia que nascera altiva tinha passado por todas as

humilhações da pobreza. A pobreza não é vicio, mas é muitas vezes a mãe de todos os vicios.

Lucia tinha passado a infancia em um cubiculo com a mãe enferma e uma irmã, creatura angelica, que lhe supportava as iras. Tratava-a como uma boneca a quem se faz mimos ou se dá pancada, conforme o capricho. Colorubina — assim se chamava por ter nascido no dia d'esse santo — sorrira sempre, sem uma só vez se queixar; já comprehendia que a igreja é a casa em que Deus abriga os opprimidos: só ia com a mãe á missa, ao mez de Maria, a todas as festas, feliz como se fosse para o céu. E quando Lucia quiz viver do peccado, Colorubina jurava a Deus viver para a virtude Ou melhor não jurava, obedecia ao coração.

Lucia soffreu a miseria revoltando-se sempre contra ella. Quando era pequena, via passar as outras meninas, com vestidos de velludo, chapéos de plumas, a passeiar, emquanto ella com o seu vestidinho de chita, rôto nos cotovellos, era obrigada a esconder-se. Via brinquedos maravilhosos, bonecos que fallavam e escreviam: ella mal ousava tocar-lhes, porque a mãe batia-lhe para castigar-lhe a curiosidade precoce. Mais tarde, teve de ir á eschola, sempre mal vestida, andando pela rua á chuva e á neve, e vendo passar as professoras que iam dar licções ás meninas ricas, em casa dos pais.

Quando tinha doze annos, a mãe mandou-a para casa de uma costureira; « Pois de todos estes lindos vestidos

nenhum hade ser para mim? » dizia ella; e trabalhava mal; creio mesmo que em seus momentos de orgulho e colera deu algumas thesouradas no setim; despediram-n'a e a mãe levou-a para a loja de uma modista.

Ahi o mesmo ciume pelos chapéos, destinados a embellezar com suas flôres, rendas e fitas, tantas burguezas que não tem que fazer da belleza, e tantas comediantes que vivem d'ella. Nem um só chapéo foi inventado por essas mãos de fadas que Lucia o não pozesse na cabeça; por isso appelidaram-n'a Cogumello. Já então faceira como a faceirice, consentiria em estar de chapéo na cabeça em uma vidraça.

Um dia, ou antes, uma noite, ella estava tão habituada a experimentar chapéos, que deixou um na cabeça ao sahir para casa.

Era um adoravel nadinha, com um passaro, uma tira de Chantilly, uma papoula e uma espiga.

O tal chapéo estava destinado a uma marqueza apaixonada que devia ir com elle essa noite ao concerto nos Campos-Elysios. Lucia não imaginava que o caso fosse tão serio. Ainda ignorava a importancia do papel que representam os chapéos na vida das mulheres do tom.

Quando a marqueza, cansada de esperar, mandou buscar o chapéo, não o acharam. « Oh! meu Deus! disse uma das costureiras, a louquinha de Lucia, tinha-o posto na cabeça e provavelmente levou-o sem querer. »

Correram a casa de Lucia, porém Lucia não tinha ido

para casa. Para onde iria Lucia com o chapéo da marqueza? Para casa do amante da marqueza.

Julgava ella que assim, de chapéo na cabeça, desforrava-se de todas as humilhações passadas.

Como conhecia ella o amante da marqueza? Conheceu-o um dia em que, indo levar um chapéo, encontrou-o na escada. As modistas são de uma virtude proverbial, mas emfim tem acontecido mais de uma vez cahir um anjo.

N'esse dia, Lucia libertou-se; apagou desdenhosamente todas as recordações da sua miseria.

Mas não esqueceu o que soffrera. A inveja, peccado mortal, tinha-lhe corroido o coração, matando em flôr quasi todos os bons sentimentos que são o apanagio da mulher. Desse modo ella estreiava no mundo com um não sei que de máo e perverso n'alma. Começava pela vingança, como outras começam pelo sacrificio. Tinha ciumes de todas as mulheres, não só porque ellas podiam tirar-lhe todos os homens, mas tambem porque todas ellas gosavam o seu quinhão de luxo e felicidade, emquanto ella vivera tanto tempo pobre e desgraçada.

Emfim, chegava a sua vez, não ainda com o amante da marqueza, que limitou-se a dar-lhe uns brincos de setenta e cinco francos.

Quem sabe lá quantos amantes ella teve?

Fallemos do seu primeiro amor.

Quando ella começava a atirar-se aos azares da vida

de cortezan, encontrou no Elyseu-Montmartre, onde figurava entre as desdenhosas, um rapaz pintor que andava á procura, ao que elle dizia, de modelos de virtude.

Naturalmente levou Lucia comsigo.

Eugenio Deschamps era um desses pintores que tem todas as virtudes do artista, menos o trabalho. Tinha bom olhar e boa mão; mas nunca passava do principio. Logo que esboçava uma tela, começava outra. Fallava bem de mais da sua arte, para não parar em meio do caminho. É que tinha talvez um ideal tão perfeito que nunca podia attingir a tanto. Tinha tentado todos os generos: desde a paysagem até a historia. Quem entrasse em casa delle, espantar-se-hia da grande variedade de tentativas. Mas nos esboços mais felizes, o discipulo trahia o mestre. Á primeira vista conhecia-se que á pintor não insistia ante uma difficuldade.

Era dos felizes que tiveram junto ao berço todas as boas fadas, menos a que tem o dom da vontade.

Podia-se no entanto não desesperar d'elle. A mocidade arrastava-o a todas as loucuras, chegava tarde o officina mas talvez rompesse um dia com esse viver por partidas dobradas, tocando sempre o melhor do tempo ás paixões.

Todos sympathisavam com elle, porque lhe reconheciam uma verdadeira natureza de artista. E demais elle era encantador.

Chenavard dissera de Eugenio Deschamps: « Quando

elle deixar de ter vinte mulheres ás costas, hade fazer alguma cousa pela pintura » Mas o pintor não caminhava pela estrada da solidão. A pretexto de modelos, continuava a viver como em um serralho. Não que elle fosse mais depravado que outro qualquer, porém tinha umas theorias suas; dizia aos camaradas mostrando-lhes mulheres: « Ahi estão os meus antigos. O que mais convem estudar não são os mestres, é a natureza ».

Elle recebeu Lucia como receberia outra qualquer, julgando ser isso questão de um dia, mais foi uma paixão tanto de um como de outro, quer elle a amasse, por conter pancadas, quer a carinha d'ella o tocasse de mais perto. Lucia sentiu-se seduzida desde o primeiro momentos pela graça, o imprevisto e a desenvoltura do pintor. Achou-se á vontade na officina d'elle como se estivesse em sua propria casa. Na vespera, só pensava em procurar aventuras para ter dinheiro. Logo que foi para a companhia de Eugenio Deschamps, julgou-se rica, embora lhe faltasse tudo, porque elle não era homem capaz de lhe dar o superfluo. Enganei-me, dava-lhe o superfluo, porque lhe dava o amor.

Ella imaginou que este bello viver duraria sempre. Tinha desejado em sonho uma carroagem para ir ao Bosque, cavallos inglezes, vestidos cortados por Worth, diamantes que offuscassem todas as suas rivaes. Mas, pelo braço de Eugenio Dechamps, ia alegremente jantar ao restaurante, bebendo vinho d'Argenteuil e achando-o

delicioso, porque o amor a tudo communica a sua ebriedade.

De dia servia de modelo ao pintor durante uma hora. Á noite ia com Eugenio Deschamps a um theatro qualquer ou aa Elyseu-Montmartre, e uma outra vez á Closerie-dulilas. Passavam por ella mulheres loucamente pagas e não lhe causavam ciumes, porque ella sentia que o amor é o millionario por excellencia.

Lucia achava-se tão bem na officina; que foi para lá morar. Eugenio Deschamps revelou-lhe a belleza, porque ella não se suppunha tão bella.

Oh! feliz tempo em que Lucia era feliz.

— Oh! como eu te amo porque me amas, dizia ella ao pintor.

— Tu amas-me porque me amas, respondia elle.

E beijavam-se e cantavam e tornavam a beijar-se: era a canção do beijo e o beijo da canção.

Lucia servia de modelo para o torso e para a espressão, o pintor esboçava ao mesmo tempo uma Magdalena e uma Diana. Lucia tinha orgulho de servir de modelo a esses dous typos de belleza.

Deve haver amor nas paysagens, mas é preciso que haja tambem paysagens no amor. Os parisienses mais arraigados ornavam suas paixões com flores de estufa, de janella ou de telhado. Sem fallar nas estações que fazem ante a cascata do Bosque de Bolonha ou debaixo dos carvalhos da floresta de Saint-Germain.

Não havia flores na officina de Eugenio Deschamps Lucia levava todos os dias para lá um bouquet: violetas, rosas, jasmins; porque estavam em primavera.

Um dia em que ella trouxe um ramo de pilriteiro, Eugenio Dechamps atirou ao chão os pinceis e exclamou que precisava ir correr pelos bosques. Elle tinha nascido perto da floresta de Compiégne. Quiz respirar um pouco do ar natal. Levou Lucia para Pierrefond. Foi antes do principio da estação das aguas; por isso achavam-se elles sós em plena natureza, entre essas admiraveis paysagens onde havia de tudo: a floresta, o lago, a montanha, as mattas, os abysmos, os barrancos, o castello, em um palavra, todas as eloquencias da natureza, por onde passou a mão do homem.

Lucia foi ahi nada mais de tom que em Paris. Até então nunca tinha ido além da festa de Saint-Claud.

Em Pierrefond enebriou-se com todas as maravilhas agrestes. Nunca lhe parecia cedo para se levantar, nem tarde para deitar-se.

— O que me admira, dizia ella alegremente, é não ter já folhas nas mãos e uma cabeça, porque sinto que estou plantada aqui. Esqueceram-se de tudo durante seis semanas n'essa deliciosa vida do campo. Foi o que lhe desaggrava do amor.

Quando voltaram para Paris, parecia-lhes que despertavam de um lindo sonho.

Lucia tinha julgado eterna aquella paixão. Não

sabia que a felicidade só apparece as vezes para tornar a vida mais triste, como o fogo de artificio que só brilha á noite.

Eugenio Deschamps disse uma manhã a Lucia que tinha convidado um outro modelo, um pouco menos magro, porque Lucia não era perfeita. Ella indignou-se, jurou atirar a recem-vinda pela janella da officina, e ameaçou ir servir de modelo a outro pintor.

— Pois vai, disse-lhe o amante que não gostava de amores eternos.

Lucia chorou, ajuntou o que lhe pertencia, e fingio que se ia embora.

Foi isso justamente á hora em que a outra chegava.

Tornou a entrar com ella gritando:

— Não me heide ir embora.

O artista riu a bom rir para acabar com a scena sentimental, mas o que não tinha acabado eram as lagrimas e a colera de Lucia. Teimou e impoz-se. Affagou os cabellos postiços da outra, que lhe ficaram nas mãos, atirou com elles a cara do pintor, que foi obrigado a agarral-a para a conter.

Durante tres mezes, repetiram-se sempre a mesma scena na officina e por toda a parte. Quanto mais Eugenio Deschamps se desprendia, mais Lucia se agrilhoava a elle. Vieram as lagrimas, o desespero, a pallidez; é facil de prever o fim tragico. Lucia soffreu todas as miserias da paixão.

Quiz arrancar o coração, quiz morrer, até..... que se resignou a viver sem coração.

N'esse dia, tinham-n'a convidado para debutar em uma magica.

Foi o primeiro passo que deu em sua nova carreira.

— Faço um papel de deusa, disse ella com orgulho, é um bom agouro. Heide vingar-me pondo o mundo debaixo dos pés.

Acreditou que a verdadeira volupia estava mais na traição que no amor. Fazer um homem feliz emquanto outro soffre, era desde então, a seu vêr, em que existia a felicidade da mulher.

Teve, não se sabe bem porque, a seus pés uma longa serie de apaixonados. Anniquilada por sua primeira paixão, tinha o encanto fatal das mulheres que já amaram. E demais, horas havia em que era bonita, porque sabia compor o rosto e fallar com os olhos.

Tinha jogado tudo por tudo. Com o primeiro luiz comprou luvas e um leque, com o segundo botinas, com o terceiro alugou um vestido, com o quarto foi ao Bosque, com o quinto foi jantar ao Moulin-Rouge.

Não tinha o preconceito da constancia; dizia como o philosopho : « ser um infiel a amante, é ser fiel ao amor »

Se entrou para o theetro, ella que não sabia orthographia, não foi por amor da arte, e sim porque qualquer pedestal é bom, principalmente o do palco. Quando se

quer pôr a beleza em acções, o theatro fornece muitos accionistas.

Gontran Staller foi um accionista de primeira força.

Uma noite, em que elle não sabia o que fazer, teve a infelicidade de encontrar nos Bouffes-Parisienses. Lucia estava encantadora, essa noite. Desafinava cantando, mas a bocca era tão bonita!

Gontran sabia que os bastidores dos Bouffes-Parisienses não são deffesos como o jardim das Hesperides; tinha jantado com Offenbach, que foi bater á porta de Lucia: Bate, que hão de abrir. Entrou o cordeiro para a goella do lobo. Não lhe pareceram por demais aguçados os dentes de Lucia.

Lucia aparentou virtude. Mas no fim do espectaculo sacrificou-lhe o amante da vespera. Era um jovem diplomata que lhe mandou o coupé, com um bilhete levemente sellado com suas armas. Ella entrou para o coupé com Gontran, rindo a bom rir.

— Como se hade divertir o visconde! disse ella entre duas gargalhadas.

E accrescentou gravemente:

— Isto põe-me no tom.

Ha pelo mundo mulheres que vingam assim todas as outras. A commediante aceitou para sempre este papel na vida privada. No theatro representava qualquer papel que lhe dessem. Costumava dizer:

— No theatro represento com mulheres, fóra do theatro represento com os homens.

Concedia alguns quartos de hora de ventura a Gontran porque lhe achava uma vaga semelhança com o seu primeiro amante.

— Mas já não é a mesma cousa, dizia ella, Gontran é bom de mais para que eu o ame a ponto de chorar por elle.

III

UM PAE ROMANO

Gontran Staller entrou em casa pensando no bouquet de Lucia e nos duzentos e cincoenta seis mil francos que 'inha de pagar no mesmo dia.

O pae de Gontran tinha-se levantado ás cinco horas da manhã.

Tinha de partir pelo primeiro trem para Beauvais, onde sustentava um processo que o inquietava, processo de reivindicação de uma floresta: tinha pago antes do fim do prazo legal a um homem honesto, mais o tal homem honesto tinha filhos, e o conselho de familia apresentava-se a ameaçal-o com os seus direitos absolutos. O homem que recebera o dinheiro estava contrariadissimo com o facto, mas tivera tambem de pagar, e a sua fortuna pessoal já não chegava para dar de comer á justiça.

Porque emfim a justiça precisa comer : a mais recta de todas as mulheres é a que come mais.

Gontran dirigiu-se ao gabinete do pae, porque elle sabia que elle tinha de partir. Abrio a porta e quiz fallar; mas não soube como começar.

O pae tinha-se voltado; embora o quarto estivesse mal illuminado por um candelabro de dous braços, viu a pallidez do filho.

— Que tens tu, Gontran?

— Nada, meu pae. Nada.

Gontran calou-se.

Tremiam-lhe as pernas, fervia-lhe o sangue no cerebro.

— Meu filho, tu fazes mal em te deitares tão tarde. Ceia, dansa, diverte-te, porque tens vinte annos, mas dorme á noite. Só os gatos dormem de dia; ora, não me consta que os gatos façam cousa que preste.

— Meu pae tem razão, mas bem sabe que á noite nunca se vê que horas são.

— Pois é mal feito. Eu, por exemplo, se não tivesse visto a hora, não estaria prompto para partir. E se perdesse o trem, perderia o processo; porque, toma bem nota n'isto: os bons advogados são aquelles que se servem das ideias dos seus clientes. Adeus meu filho. Tu vaes-te deitar á hora em que eu me levanto: não tomes esse costume.

O pae inclinou-se para beijar o filho.

— Estás doente? disse vendo-o de mais perto.

— Não meu pae.

Houve um silencio. O pae interrogou o filho com o olhar, o filho não sabia como confessar-se : via já a doce e grave figura do sr. Staller tornar-se sombria e dolorosa ; sabia quanto o pae estava inquieto por causa d'esse processo consideravel; dizer-lhe o que perdera ao jogo não seria dar-lhe por companheiro de viajem o desalento, não seria perturbal-o em sua defeza? E no entanto era indispensavel pagar antes da volta do pae !

A tragedia do jogo tem a unidade do tempo: a divida deve ser paga no mesmo dia, porque o ultimo lance perde-se sempre depois da meia noite.

O pae abraçou o filho.

— Adeus! abraça por mim tua irmã, eu não quiz acordal-a. Se receberes um despacho esta noite, é signal que eu ganhei o processo, a menos que não adiem a sentença por oito dias. Naturalmente não lhes mandarei despacho para dar-lhes uma noticia desagradavel.

— Uma noticia desagradavel! murmurou Gontran, tenho eu uma para lhe dar.

É do embate das palavras que muitas vezes brotam as ideias; quando as acções não geram as ideias, são as ideias que geram as acções.

Esta phrase: « noticia desagradavel » tinha decidido Gontran a fallar.

— Uma noticia desagradavel ! falla, disse-lhe o pae.

— Eu... joguei...

— Jogaste ? pobre creança !

O pae apertou a mão do filho.

— E foi a primeira vez?

— Foi meu pae.

— Bem. Ahi tem a minha chave. A chave da minha caixa.

Gontran respirou.

— Meu pae, eu perdi muito.

— Scio! pois não tens ahi a chave?

Gontran atirou-se aos braços do pae e desatou a soluçar.

— Escuta, disse sr. Staller. Quero-te muito para te pregar moral. Mas não esqueças isto: ha uma gravura de Alberto Dure que representa os peccados mortaes. Sabes quantos são?

— Sete, disse Gontran sem saber bem o que respondia.

— São oito, porque Alberto Dure gravou um mais terrivel que todos os outros, é o JOGO.

IV

NOITE DE FEBRE, DIA DE FEBRE

Gontram pediu ao pae como um favor que o deixasse acompanhar até a estação.

Fallaram de politica, fallaram de agricultura, não disseram mais uma palavra a respeito de jogo.

Gontran sentia-se tão feliz que quiz ir contar a sua felicidade a Lucia.

Mas teria ella ido para casa?

Disse ao cocheiro que o levasse á rua de Helder; ficava-lhe quasi em caminho.

Olhou para as janellas, não viu luz.

— É que estão ainda jogando e dansando, disse elle.

E mandou tocar para casa de Rocha Tarpeia.

Apenas restavam no campo de batalha os mortos e os feridos. Tinham todos prestado suas contas ao Deve e Haver do jogo e do amor. Gontran procurou com os olhos antes de interrogar; não viu Lucia.

Interrogou.

— A tua amiguinha, disse-lhe a Rosemont, bateu a linda plumagem com um passaro estrangeiro.

Foi uma punhalada para Gontran.

— Isto não póde ser, disse elle, tenho certeza de encontral-a em casa.

Os apaixonados escondem as traições de suas amantes, com o mesmo zelo com que lhes velariam as espaduas ou o seio.

Tornou a passar pela rua de Helder. Ainda não havia luz. Começava a amanhecer. Tocou e subiu á casa da comediante.

Tocou, tocou, ninguem respondeu. Tornou a descer furioso e contrariado.

— É odioso! disse elle. Quando penso que ella levou para casa de outro aquelle bouquet que me custou tão caro! Quando penso que tudo quanto soffro não chega, não direi já a seu coração, mas pelo menos a seu espirito!

Gontran Staller entrou para o carro dizendo comsigo que estava farto de jogo e farto de amor. Prometteu a si mesmo nunca mais se deixar prender ao inferno das cartas e das mulheres.

O cocheiro, cançado de fazer tantos zig-zags, esperava que lhe dissessem para onde devia ir.

— Para casa! bradou Gontran.

Mas apenas o cavallo recomeçou o trote matinal, isto é, o trote rapido, Gontran mudou de opinião.

— Para o bosque de Boulogne.

Lembrava-se que aquellas mulheres, depois de prolongadas festas nocturnas, costumavam ir beber leite no Prado Catelan, a pretexto de ver despontar a aurora, porque guardavam aiguns dos costumes da idade de ouro. Se gostam tanto de bouquets, é por amor de natureza; as perolas e os diamantes representam as lagrimas que a madrugada chora sobre as rosas e a relva; só falta um Virgilio para estas bucolicas do seculo XIX.

E se Gontran encontrasse o amante com o tal estrangeiro? Tirar-lh'o-ia. Quando se leva a loucura a ponto de pagar por um bouquet duzentos e cincoenta e seis mil francos, bem se podia leval-a ao ponto de bater-se em duelo.

E para dar forças aos proprios olhos a baixeza de procurar ainda uma mulher tão indigna do seu coração, dizia:

— Eu não vou a procura de Lucia, vou buscar o meu bouquet.

Pouca gente sabe o que é o bosque de Bolonha ao nascer do sol, nos dias de inverno; não se ouve o solo do rouxinol, nem o duo das toutinegras, nem o trinar dos merlos. Romeu namorado é um varredor que acompanha Julietta varredeira sob os pinheiros, unicas arvores mysteriosas em estação das neves. De vez em quando passa

uma carroagem com as cortinas corridas; não prescutemos a vida privada: trem de passeio, passo a passo; é um homem serio que se julga ditoso. Passa um carro a toda; é uma cortezan que ao sahir de uma ceia, julgou não dever ir para casa deitar-se de manhã tão cedo. Vae com ella um amante meio adormecido que ella não conhece; hão de conhecer-se; e logo que se conheçam irá cada um para seu lado. Quem vem lá! Um homem a pé que traz uma corda na mão e procura uma arvore; mas, quantas vezes vae e volta sem achar arvore que lhe convenha? Outro vae interrogar a agua do lago: acha-a muito fria. O bosque é muito alegre de manhã.

No entretanto Gontran Staller percorria-o como um desesperado. Parou no prado Cantelon; encontrou duas cortezans desimanadas que achavam o leite amargo; tinham sido abandonadas no Arco do Triumpho por dous americanos casados que, mais por attenção aos criados que ás esposas, queriam chegar á casa antes de amanhecer.

— Gostam muito de leite? disse-lhes Gontran.

— Não, respondeu uma d'ellas. mas esta noite perdemos tudo, inclusive a honra: não temos com que ir almoçar a Madrid, porque já nos não dão cousa alguma a credito.

— Alguma das mulheres com quem estivemos hontem foi almoçar a Madrid?

— Foi a sua amante, com a Torre-Toma-Cautela e a Trinta e Seis Virtudes.

— Sós?

— Ora essa! Foi cada uma com um homem.

Gontran Stailer julgou que seria melhor entrar em Madrid com duas mulheres.

— Se querem, disse elle, vamos almoçar a Madrid.

As duas mulheres atiraram-se aos braços d'elle.

Em Madrid fizeram uma entrada de estrondo.

As tres actrizes chegaram ao mesmo tempo á janella.

— Gontran! exclamaram ellas. E com mulheres?

Embora Lucia se recolhesse precipitadamente Gontran tinha tido tempo de ver que ella estava com o bouquet na mão.

— Subam, gritou Trinta e Seis Virtudes, o que chega para seis tambem chega para nove.

— Nós pouco comemos, disse uma de suas companheiras.

— Vou subir! disse entre dentes Gontran, ardendo em colera e cîumes.

Subio; as duas mulheres acompanharam-o.

Lucia estava ao piano.

— Está ensaiando o seu papel? disse-lhe elle com voz glacial.

— Estou, respondeu ella, bem sabes que tenho de cantar algumas arias.

— Pois agora, em vez de cantar, desça e venha comigo.

— Era o que faltava. Não está máo despertador.

Gontran deitou as mãos a Lucia, levantou-a e carregou-a.

Ella gritou.

Ouvindo o grito da innocencia, o estrangeiro, que tinha vindo com ella, poz-se em frente de Gontran.

— Senhor, prohibo-lhe que toque n'esta mulher.

O apaixonado Gontran estava fóra de si; tomou o bouquet e deu com elle no rosto do estrangeiro.

As mulheres que ainda estão com fome, gostam de accommodar tudo. Deu-se então um espectaculo tocante; atiraram-se todas entre os seus rivaes, affagando-os com as mãos, com palavras e com olhares. Lucia distribuia as mãos, uma ao estrangeiro, outra ao amante. Mas era tarde.

O estrangeiro queria vingar-se da bofetada, Gontran Staller queria matar o rival. Como não havia na occasião mais de duas testemunhas, decidiram bater-se no dia seguinte em um jardim do Parc des Princes.

— E agora, vamos almoçar disse o estrangeiro.

— Adeus! disse Gontran, comprimentando todos.

Pensava elle que d'esta vez Lucia o acompanharia; porém ella contentou-se em dizer-lhe adeus com um

arzinho de pouco caso. Dominou-o de novo a covardia e caminhou para Lucia.

Ella teve medo de uma scena sentimental, e deitou vinho no copo.

— Adeus! disse ella por sua vez.

Elle sahiu.

Creio que se elle tivesse uma corda no bolso acharia que qualquer arvore do bosque de Bolonha servia para o enforcar.

N'essas crises da mocidade, o homem que se não matar, chora.

Gontran chorou.

— Eu amava-a tanto, disse elle.

O que é mais triste, é que elle amava-a ainda.

V

DINHEIRO AO AMOR

Embora Gontran Staller estivesse de todo entregue a Lucia e ao duello, não se esquecia da sua divida de jogo.

Quando chegou a casa, antes de acertar as mãos para o duello, entrou no gabinete do pae com o vago receio de achar em moeda os duzentos e sessenta mil francos. Elle sabia que o pae, que por vezes se ausentava, ao sahir de Paris deixava sempre uma lettra de cem mil francos sobre o banco, para que sua mulher não se achasse, em qualquer circumstancia, desprevenida. Abrio a caixa, a que se dava em casa o nome de armario das joias; não era a horrivel burra de ferro bronzeada capaz de fazer perder a gente o gosto do dinheiro; a d'elle era coberta de ebano trabalhado no estylo grego, com garras de leão de prata. A fechadura era de se-

gredo, mas Gontran e sua mãe sabiam o segredo. Quando abriu a porta, seus olhos deram de frente no rosto do pae. Era uma photographia que alli estava e que em qualquer outra occasião não lhe teria dado na vista; pegou n'ella, beijou-a, poz-se á janella para a ver melhor.

Tinha-se habituado desde menino a considerar o pae como um semblante severo que escondia o coração; sentio em presença d'elle não sei que muito de respeito e de temor, parecia-lhe que o pae olhava-o com uma consciencia rispida que tem sempre alguma cousa a censurar. Muitos filhos são assim, têm medo dos paes e não ousam desarmal-os pela expansão. É porque os não conhecem. Receiam facilmente d'essa magistratura toda bondade e indulgencia que perdoa sempre. Imaginam que esse tribunal de primeira instancia e appellação é instituido por Deus para não fazer senti-la: ora, se um pae é injusto, é porque nunca condemna.

A photographia do sr. Staller foi para o filho uma revelação. Achou-lhe uma expressão de bondade profunda que nunca lhe virá até então.

E não poude esquivar-se a dizer:

— Em quem pensaria meu pae?

Ora! pensava no filho. Julgava-o bonito, intelligente, dotado das virtudes masculas da familia, capaz de usar sem ostentação, mas não sem orgulho, o nome de Staller que já era um patrimonio. A nobreza não descende toda das Cruzadas. A familia Staller perdeu dous dos seus

membros nas grandes batalhas de 1793, quando a patria estava em perigo, dous delles morreram como spartanos, Um Staller arroteou umas terras infecundas, hoje cobertas de messe; um outro fundou uma das melhores colonias africanas. Os Stallers não mereciam ser condecorados como aquelle personagem de comedia, por terem feito fortuna para si, mas bem o mereciam todos por terem feito a fortuna publica.

Mr. Staller, ultimo do nome antes de seu filho, podia dizer como Montesquieu: « Eu sou um bom cidadão, mas sel-o-hia do mesmo modo em qualquer outro paiz, porque não gostei nunca de fazer fortuna por meio da côrte, tratei de fazel-a aproveitando as minhas terras para receber a fortuna directamente das mãos de Deus. »

Gontran voltou ao armario das joias; achou na gaveta a famosa letra do Banco que era realmente de cem mil francos, achou outros cem mil em bilhetes de cinco mil francos, e mais nada, a não ser algumas moedas de ouro e mais alguns poucos mil francos, que Gontran logo viu que não chegavam á conta de que precisava.

Que fazia elle, que era tão orgulhoso?

Resignou-se a levar só os duzentos mil francos. No fim de contas, já era uma boa parte; sem duvida o credor esperaria de boa vontade os cincoenta e seis mil francos; talvez mesmo se contentasse com uma letra a longo prazo que permittisse ao filho não pedir mais dinheiro ao pae.

Era meio dia quando Gontran levou o dinheiro ao banqueiro. Achou-o na cama.

— É a primeira vez, disse este, que recebo dinheiro a dormir.

— Só lhe trago duzentos mil francos.

— Eu sou bom rapaz, por estes dias me trará o resto.

— Eu tencionava pedir-lhe alguma espera maior.

— Meu caro, o senhor bem sabe que dinheiro de jogo é dinheiro á vista; e eu tenho perdido muito este inverno.

Gontran bem sabia que aquelle homem faltava á verdade. O banqueiro queria jogar na praça com aquelle dinheiro: precisava até do ultimo bilhete de mil francos, até do ultimo soldado para a batalha. Gontran não pôde reprimir o orgulho.

— Pois bem, senhor, hoje mesmo receberá os seus cincoenta e seis mil francos.

O banqueiro dignou-se convidar Gontran para almoçar com elle; este recusou com altivez. A insistencia do banqueiro:

— Tenho um duello, disse, vou á casa das minhas testemunhas.

— Oh! mas eu quero ser uma de suas testemunhas

Gontran deixou cahir sobre o banqueiro seu olhar glacial.

— Obrigado, disse, por amor de seus cincoenta e seis mil francos, o Dubos oppor-se-hia ao combate.

Cumprimentou e sahiu sem voltar a cabeça, apezar da insistencia do banqueiro.

Foi ao boulevard Malesherbes, á casa do Conde d'Aspremont, a primeira espada de Paris. Como o Conde era muito bravo, fez-lhe ver que era absurdo bater-se por semelhante babuzeiras.

— Estás então deveras apaixonado por essa peste? Ah! se fosse a irmã!

Gontran amava muito a comediante para a não defender apezar de tudo.

— Não é tão má assim.

É como todas as mulheres! Quando lhes sóbe á cabeça o vinho de champagne, não sabe mais o que faz.

— Accredito que ella sabe sempre o que faz. Acceitante para ella o papel de cachorinho que se lhe arrastava aos pés, e ella póde fazer-te ir a quatro até o fim do mundo.

Gontran pensou de si para si a verdade, mostrou-a e confessou seu amigo.

Gontran e d'Aspremont conheciam-se da sala d'armas. Embora o conde pertencesse á alta mocidade, tinha-se affeiçoado a Gontran, que era recibido com reservas na sociedade d'esses senhores. Como tinha espirito, muita distincção e muito mais dinheiro, perdoavam ás mulheres

que o convidassem para as suas festas. D'Aspremont que, entre os outros defeitos, tinha-o de prezar, fallou n'esse dia fraternalmente a Gontran provou-lhe que ninguem tem o direito de dar a mulheres taes a melhor parte do coroção e da vida. Mas Gontran, cégo de paixão, perguntou ao conde se se chamava Fiberge.

— Serei Fiberge, se quizeres. Mas, olha não sejas tu Des Grieux!

Almoçaram depois de escrever duas linhas á segunda testemunha, um jornalista, convidando-a a vir ao boulevard Malesherbes.

As testemunhas e o adversario, a quem Gontran já tinha dado o nome das suas, escreveram-lhes pedindo que o duello tivesse lugar no dia seguinte duas horas mais tarde, porque o polaco, que estava bebado como um polaco, não poderia fazer boa figura de manhã tão cedo.

VI

UMA MENINA PARA CASAR

Gontran só voltou á casa á hora do jantar, depois de ter ido, quasi sem o confessar a si mesmo, bater á porta de Lucia, que ainda estava ausente.

Fez as maiores caricias á mãi e á irmã. Devera acompanhal-as á noite aos Campos-Elysios, á casa da condessa de Launoy, que dava um concerto.

Gontran só gostava de musica nos bastidores dos Bouffes-Parisienses, mas emfim, já que a sua beldade não cantava essa noite, elle resignou-se a ouvir cantar as outras.

Durante o jantar, percebeu, embora muito preoccupado pela paixão, e pelo duello, e pela divida de jogo, que a mãi e a irmã olhavam para elle, fallavam baixo e riam. Elle não as comprehendia; interrogo-as; porém ellas calaram-se.

Á sobremesa, no entanto, interrogando-as elle pela decima vez, a mãi respondeu-lhe:

— Repara bem esta noite. Entre as sete ou oito raparigas que hão de cantar ou ouvir cantar em casa da condessa, ha uma que está apaixonado por ti.

— Apaixonada por mim?

Se Lucia o amava tão pouco, a elle que a adorava, como podia outra, que elle provavelmente mal tinha visto, amal-o?

— Sim, apaixonada por ti; meu caro. Mas as raparigas bem educadas calam o menos que sentem. Procura bem e has de dizer-me se descobriste.

Vestiram-se e foram para os Campos-Elyseos.

Já de ha muito o amante da actriz recusava frequentar a sociedade; achava isso aborrecido, e dizia que todas as raparigas, que formam o esquadrão volante da virtude parisiense, não são mais que meninas de collegio que é preciso desasnar, bonecas que fallam, mas só dizem papae e mamãe. Não sabia que ha n'ellas verdadeiras descobertas por fazer, thesouros imprevistos para quem ousar procural-os. É a historia das montanhas de ouro; na superficie, tem sempre o mesmo aspecto, mas ao que penetra até o centro, revela-se a mina.

Quando elles entraram, já tinha começado o concerto. Estava uma menina ao piano.

— Não é aquella, disse Gontran á irmã.

— Porque?

— Porque uma mulher que toca tão bem piano só tem amor á bulha que faz.

Depois de um solo sobre motivos da *Somnambula*, houve um duo de piano e harpa. Uma outra mocinha chegou ás teclas de marfim, fez correr sobre ellas duas mãos enormes, verdadeiras aranhas, vergando a cabeça ao peso da cabelleira com ares de salgueiro-chorão.

— Será aquella? disse a irmã.

— Não, aquella toca para os ausentes.

A menina que se tinha sentado junto á harpa era muito formosa com seu penteado a Tallieu, braços rolliços e corados, e espaduas sumptuosas. Era talvez um pouco amasona demais.

Era Mlle. de Marcy, amiga da duqueza de Montefalcone.

Sua mãe, senhora romanesca que durante muito tempo residira na Italia, tinha vindo viver em Paris com a filha depois da morte do marido.

— É aquella, disse a irmã.

— Aquella! exclamou Gontran; Deus me defenda, para um homem só é muito. Olha que opulencia de carnadura!

Náo sei se a tal menina estava apaixonada, o que sei é que pegou na harpa com amor. Era um bello espectaculo vel-a mover os pés e as mãos como se a inspiração a enlevasse. O brilho dos olhos illuminava-lhe o rosto com esplendor desusado. Tinha um vestido de cam-

braieta como os thermidoriannas ; esse vestido que mal cobria o collo, estava preso ás espaduas apenas por dous dedos de fazenda. A cada movimento do braça nú, parecia que o braço, mais nú ainda, ia romper a cambraia. O seio agitava-se e tremia.

Gontran Staller contemplava com emoção os pés calçados de setim branco que tocavam o pedal com uma faceirice adoravel ; eram pés intelligentes como as mãos; duvidava a gente que aquelle corpo robusto se firmava em tão lindos pésinhos. Todo o corpo se desenhava com os movimentos que ella fazia ao tocar. A harpa trahia-lhe as formas das pernas, conchegando-lhes o vestido. Era uma linda harpa com cabeça de cysne dourada e esmaltada, do mais puro estylo Luiz XVI. Vibrava, fallava, tinha alma. A cabeça de cysne fazia lembrar a fabula de Jupiter e Léda.

— Não a achas bonita ? disse Mlle. Staller olhando para o irmão.

— Acho-a bonita, mas não é aquella a mulher que está apaixonada por mim. Pois tu não vês como ella adora a harpa ? É assustador.

Chegou a vez das cantoras.

Veiu uma rapariga que olha de olhos baixos, que algaraviou italiano com não sei que musica ; a mãe tinha-lhe preparado o triumpho annunciando que a filha tomava licções a vinte francos.

— Esta, disse Gontran, ainda não foi desmamada.

Não serei eu quem vá beber a ultima gota de leite que ella tem nos labios.

Uma cantora de romances fez admirar a boa voz e os bons sentimentos de que dispunha.

— Descobri ! disse de repente Gontran ; é aquella menina qua está ahi sosinha no sofá ; não canta, não toca, parece-me muito mais eloquente que as outras todas. É principalmente nas mulheres que o silencio vale ouro.

— Então, queres que te apresente á bella solitaria !

— Não, porque seria capaz de fallar e perder todo o encanto.

— Meu irmão, tu és um doido, não se pode fazer de ti cousa que preste. E demais, previno-te que ainda não descobriste.

Nesse momento passava por elles a tocadora de harpa que hia buscar a musica. Gontran levantou-se como se o fizesse insensivelmente e disse-lhe que pela primeira vez em sua vida conprehendera a harpa.

— Pois está mais adiantada do que era? Minha mãe atormenta-me com aquelle instrumento tão fóra de moda a pretexto de ter a mãe della maravilhado Napoleão, que só gostava de duas especies de musica, a harpa, e principalmente, as peças de artilharia.

— Mas, minha senhora, como consegue então tocar com tanto sentimento?

Uma emoção subita passou pelo resto della.

— Dizem-me todos isso hoje; não sei que responder, a não ser que lhes diga que toco pensando em outra cousa.

Uma faisca electrica passou pela alma de Gontran como um relampago.

— É esta!

Desta vez, emfim, tinha descoberto.

— Que felicidade, pensava elle, se eu me apaixonasse seriamente! Sahiria ainda com vida desta paixão morta que me prende aos braços de Lucia.

A harpista sentara-se ao lado de Mlle. Staller. Elle arrastou uma cadeira para defronte do divan; pareceu-lhe doce passar meia hora nesse duo, porque sua irmã e elle eram um só. Como estava sobrexcitado por todas as febres, foi eloquente, fallou de tudo com a voz carinhosa que a tudo communica o amor. Mlle. de Marcy achava que aquillo é que era a verdadeira musica. O concerto continuava, mas ella só ouvia a voz de Gontran Staller.

Mlle. Clotilde de Marcy era uma das cincoenta raparigas dotadas de ouro e belleza, por quem os rapazes solteiros arriscam toda a casta de steeple-chases. Tocava harpa, é verdade, mas isso emfim não era um defeito capital: ella bem podia corrigir-se d'elle. Tinha uma constituição um pouco á amazona, mas Gontran lembrou-se do *chapellinho vermelho*: minha avó, para que tens braços tão compridos? É para te abraçar melhor, meu

netinho ». Embora elle fosse sentimental, tinha bastante espirito, o que era uma pitadinha de sal a temperar o sentimento. É assim a verdadeira Parisiense.

Gontran Staller esqueceu as horas. A dona da casa veio dizer-lhe que a ceia estava na meza e que elle désse o braço a Mlle. de Marçy. Elle levantou-se como se despertasse de um sonho.

— Já duas horas ! diziam perto delle.

— Duas horas! exclamou Gontran.

Em vez de dar o braço a Mlle. de Marcy, deu o braço ao chapéo e desappareceu no meio da confusão do attaque á ceia.

A imagem de Lucia tinha-lhe voltado ao espirito mais imperiosa que nunca.

Quando chegou á escada, lembrou-se de que talvez a não achasse mais em casa.

— Se eu tivesse coração, disse, voltaria lá para cima.

Não voltou, porque tinha coração de mais.

VII

LUCIA CHORA

Na rua do Helder, em casa de Lucia, tudo dormia. Gontran bateu tres vezes á porta da rua. Escapou de quebrar a cabeça na escada, impaciente por chegar depressa. Bateu tambem tres vezes á porta della; a criada meia despida, veio abrir.

— Está ahi? disse elle.

— Eu mesma já não sei, a senhora entrou e sahiu tantas vezes! Parece que o vinho em Madrid é bom-porque a senhora vio tudo pelo dobro; deu-me um luiz e disse-me: « Toma lá dois luizes. » Tambem me disse que os seus dous apaixonados iam bater-se em duello., Ao deitar, recitou dous papeis ao mesmo tempo.

Gontran não dava mais ouvidos á creada, já estava no quarto da actriz.

Lucia dormia profundamente com quatro velas acce

sas. Quiz fazer uma illuminação ao entrar. Para a gente despir-se, precisa ver bem. Por isso, havia uma botina em cima da cama, outra em cima do sofá, uma liga no fogão, uma meia em cima do relogio. O vestido manchado de café, estava no tapete. Os cabellos tinham-se transformado em garfos. Fora isso, tudo o mais estava em perfeita ordem.

O apaixonado passou com respeito por sobre o vestido manchado e amarrotado.

Chegou-se á cama e contemplou o dormir da naufraga da orgia.

Estava meia descoberta, arrostando o frio com uma camisinha de Irlanda capaz de passar por qualquer dos anneis que ella tinha no dedo.

Aquella mulher vivia em um luxo desenfreado; devia a todo o mundo, não tinha roupa branca nos armarios, mas tinha cavallos na estrebaria, e serviço de prata com a sua firma, e vestidos de todas as cores, sem contar que podia vestir-se dos pés á cabeça só com as contas que tinha em casa por pagar. Em uma palavra, vivia na desordem elegante, que é a ruina em meio da abundancia.

O quarto de dormir era forrado de damasco azul, com cortinas azues e um tecto azul em que Ziem pintara uma andorinha para dar felicidade á casa. No meio do quarto, uma cama azul; era tudo azul no quarto de Lucia; o azul é a patria dos anjos: Lucia era um anjo.

Um anjo, mas um anjo de Deus parecia velar sobre aquella perdida; era um retrato de Colombina, irmã de Lucia, pendurado entre a cama e o fogão. Lucia zombava, é verdade, de Colombina, mas respeitava-a e considerava-o como um talisman. O ouro é a força bruta, a virtude é a força divina.

Gontran inclinou-se para beijar a comediante. Ella entre abriu os olhos azues e disse-lhe com o ar mais azul do mundo:

— Ah! és tu!

— Pensavas que era algum outro?

A comediante passou a mão pelos olhos como para despertar as ideias.

— Algum outro? pois sim! Dorme em cima de uma mesa na Maison d'Or, entre uma garrafa de aguardente e uma garrafa de vinho de Champagne; mas tranquillisa-te, as duas garrafas estam vasias; portanto o teu duello não me dá cuidado.

Gontran sentou-se na cama e pegou na mão da amante.

— Durante o duello não será por elle que accenderás uma vella?

— Por elle! eu já o não conheço.

Gontran arriscou esta pergunta com o coração dorido:

— E porque o conheceste tu?

— Porque? Es tu porventura que me fazes as despezas de casa?

— Cala-te! bradou elle enfurecido. Pois na mesma

hora em que eu perco duzentos e cincoenta e seis mil francos para resgatar o teu bouquet, atiras-te nos braços de outro homem para equilibrar o teu livro de cosinha?

— Não tinha pensado n'isso, disse ingenuamente Lucia, ou antes parecia que a occasião não era propria para te pedir dinheiro.

— Olha! eu tenho pena de ti, porque se soubesses o que estás dizendo, eu partia-te a cabeça. Pois na hora em que eu soffro um desastre no jogo, quando procuro um coração que me console, tu vibras-me uma punhalada ao peito para acabar de matar-me?

— Tu vieste aqui para me entristecer?

— Não, eu vim porque te amo?

— E eu, não te amo?

— Tu ousas dizel-o depois de um dia de traição?

— N'estas festas nocturnas, é a gente por ventura senhora de si?

— Não, porque se é escrava dos outros.

— É para fazer-me d'estes comprimentos que me acordaste? Tu sabes que eu tenho amanhã uma primeira representação.

— E tu não sabes que eu tenho amanhã um duello? se não fosse isso não teria vindo.

— Não entendo.

— Pois não entendes que eu vim para dizer-te adeus?

A actriz despertou do torpor em que estava. Seu

amante podia ser morto; levantou-se para apertal-o nos braços.

— Eu não quero que te batas.

— Ora vamos, bem sabes que isso não póde ser.

— E tambem porque foste tu a Madrid com aquellas duas mulheres?

— Com duas mulheres! Eu nem as conheço. Bem sabes que se fui a Madrid, foi para arrancar-te á tua propria infamia.

E Gontran Staller arremessou Lucia contra o travesseiro.

— Devias então ter-me dito desde o principio que querias uma Lucrecia! Quando eu enganava o duque de Montefalcone por amor de ti, não eras tu dramatico!

Gontran sondava cada vez mais a sua dôr. Não ousava interrogar Lucia, mas queria saber o que se tinha passado depois da bofetada dada com o bouquet.

— Pois tu não deixaste aquelle homem depois que eu o esbofetei?

— Não! porque elle não merecia uma bofetada por me ter offerecido o coração.

— O coração! queres dizer a bolsa?

— Antes querias que fosse uma questão de coração do que um negocio de dinheiro?

— Cala-te! Era uma questão de prazer, porque nunca me farás crer que pensavas nos arranjos de tua casa no

meio d'aquelle baile. Enganaste-me por habito e por desfastio. Eu tinha perdido, para nada mais servia, atiraste-te aos braços do primeiro homem que se te offereceu. É uma infamia!

— Meu caro, isso tudo é do repertorio do *Ambigu*: eu cá represento nos *Bouffes-Parisiens*; se queres continuar o fogoso papel de Castellano, vae fazel-o a outra parte.

O desgraçado ainda não sabia tudo. Embora se envergonhava da sua covardia, não poude dominal-a.

— Pois, passaram o dia inteiro em Madrid entregues ás delicias do amor?

E Gontran frisou dolorosamente a palavra — amor —

— Quem disse isso? nós viemos para Paris.

— Para Paris, mas para onde?

— Isso não é da sua conta.

Gontran Staller ergueu a fronte com um que de dignidade.

— Causas-me horror! Se esse homem veiu a tua casa, não tornarei a ver-te.

Seria um recurso de comediante ou um grito de arrependimento? Lucia desatou a soluçar e mostrou ao amante o celeberrimo bouquet que estava em cima da cama.

Provavelmente o bouquet estava ali por acaso. Mas sem duvida Gontran imaginou que ella o tivesse debaixo

do travesseiro, porque voltou para ella enternecido, dizendo-lhe:

— Então amas-me ainda?

— Se te amo!

A comediante, em completo desalinho, levantou-se e foi correr o ferrolho da porta do quarto.

Não o fez por mal, mas sim por lembrar-se que o estrangeiro devia vir dizer-lhe adeus antes do duello.

Por mais que se sentisse feliz por estar fechado com Lucia, Gontran teve um vago desejo de se ir embora. Era a alma d'elle que abria as azas. Via á mesa da ceia da condessa de Lannoy os rostos queridos de sua mãe e de sua irmã. Mlle. de Marcy tambem lhe apparecia aos olhos do espirito com a bella e risonha expressão de sua mocidade e de sua virtude.

Em todos os actos da vida lutam o corpo e a alma. Nós somos como o viajante das lendas allemães, que tem, para puxar-lhe o carro, o cavallo negro de um demonio e o cavallo branco de um anjo; não consegue nunca cortar-lhes o passo; quando um se modera, toma o outro o freio nos dentes, até o momento em que o cavallo do demonio arroja o viajante a um precipicio: a bocca do inferno ou ao coração de uma mulher.

Lucia era um lindo precipicio com seus olhos grandes e profundos como o mar, com seus cabellos em desordem e o seu sorriso lascivo. Tinha em si o demonio.

Era alternadamente folgasona, travessa, colerica, mas

sempre faceira; queria que todos a amassem; e para isso era faceira até á crueldade. Seu supremo gozo, era ver chorar. Feria corações sentindo n'isso o prazer intimo que sente o ciumento que dá uma punhalada. Ferindo, parecia-lhe ferir um inimigo.

É que Lucia começara a vida pela humilhação e pelo amor trahido.

De tempos a tempos encontrava Eugenio Deschamps. Estendia-lhe a mão fingindo indifferença, mas empallidecia e soffria recordando o passado.

VIII

A CHUVA DE OURO

Quando o dia começou a despontar, Gontran disse adeus a Lucia.

— Não te deixes matar, eu morreria de pezar.

— Jura-me que se eu for morto não tornarás a ver esse Lociusky que eu esbofeteei.

— Se tu morreres, far-me-hei enterrar comtigo.

Gontran, enternecido por estas palavras, ou pelo perigo que ia correr, teve uma expressão de sentimento.

— Olha, disse, morrerei contente, porque tornei a achar-te tal qual te amava. Lembra-te pois um pouco do que soffri hontem. Depois d'aquelle jogo absurdo, vinha eu aqui para contar-te o que fizera a bondade de meu pai, vinha confundir com o teu o meu coração e não te achei.

— É que eu tambem soffria. Que queres? Eu quando

tenho vontade de chorar, canto ou danso. Lociusky valsa como um allemão que é ; é maravilhoso. Quem valsa uma noite inteira, não tem vontade de dormir, e ahi está porque fomos ao Bosque.

— Não fallemos mais n'isso.

— E o que me não havia deixar dormir era lembrar-me da tua loucura. Quando eu penso que tu perdeste em meia hora dinheiro que chegava para me enriquecer!

— Hade haver mais.

— Pois sim! hade haver mais. Mas o que eu te affianço é que o sr. Eugenio Marx não hade levar para o céu os teus duzentos e cincoenta e seis mil francos. Já lhe escrevi, vem jantar comigo.

Gontran atirou em cima da cama a mão de Lucia.

— Pois tu escreveste a esse bruto?

Tinha-lhe voltado toda a indignação.

— Acho-te engraçado. Eu aproveito o que acho. Foi por attenção a ti que esta noite não sahi com elle porque elle achara muito natural ter ganho tudo. « O que tem, dizia-me elle, eu restitui-lhe o bouquet. »

— Essas abominaveis rosas murchas e profanadas! disse Gontran.

E atirou-as ao chão e pisou-as.

Lucia, vendo-o, disse-lhe com a maior calma do mundo :

— Obrigada, era a unica cousa que me restava.

Gontran teve vergonha de Lucia e de si. Tirou do

bolso do collete vinte e cinco luizes, atirou-os á comediante e sahiu sem voltar a cabeça.

Oh! covardia do coração! Quando chegou á rua, olhou para cima. Não sei se Lucia estava a contar os luizes, mas não tinha aberto a janella.

IX

A FAMILIA

Quando Gontran chegou ao Parc des Princes para bater-se era outra vez homem. Pegou na espada, dizendo comsigo:

— Se eu morrer, tanto melhor; se viver, melhor ainda. Mas juro á face de Deus não voltar áquelle inferno.

Os rivaes sahiram ambos feridos. Gontran foi apenas tocado no braço; o conde polaco foi mais gravemente ferido; a espada do adversario entrou-lhe no flanco.

Quando Gontran chegou a casa, com o braço ao peito, achou a mãi a chorar.

— Não é nada, disse-lhe elle, foi apenas uma arranhadura.

— Como! mais uma desgraça? disse a mãe.

A pobre senhora chorava porque o marido tinha chegado doente, tendo perdido o processo.

Estava escripto: as aves agoureiras tinham pousado sobre aquella casa.

Gontran quiz consolar a mãe antes de ir abraçar o pai.

— Minha mãi, juro-te que nunca mais te darei um desgosto; perdoa-me todas as minhas loucuras. Socega, rompi de uma vez com o meu viver á moda.

Mr. Staller tinha assistido stoicamente a todo aquelle processo que podia abalar-lhe consideravelmente a fortuna. Ouviu a sentença sem pestanejar, mas ao entrar na hospedaria, foi acommettido por uma congestão. Voltou a si, mas não recuperou as forças; e voltou immediatamente a Paris.

Foi um desespero para a mãi e para a filha vel-o entrar nos braços dos criados pallido e desfeito como se tivesse soffrido uma longa molestia.

— Não digas a teu pai que te bateste, disse a mãi. Eu lhe direi que cahiste hontem, quando nos foste acompanhar, a casa da condessa de Lannoy. Vai já abraçal-o e não lhe digas que eu estou chorando.

Goutran sentiu uma grande magua. Parecia-lhe que fora elle quem descarregara o primeiro golpe sobre o pae.

Apenas o abraçou desatou a soluçar.

— Não estou tão doente assim, disse Mr. Staller. Tu sabes que a morte avisa tres vezes; este é o primeiro aviso. Se eu tiver juizo, ainda posso viver tres annos.

Mr. Staller não morreu desta vez, mas sim não tornou a

ser o que era. A seiva não poude mais espalhar-se por aquella organisação nodosa e robusta como o carvalho das montanhas.

O sopro da morte cortara as folhas, a paralysia atacou os ramos mais virentes. Horrivel prefacio do tumulo!

O homem só dispõe da metade de seu ser, as hypothecas da morte enlaçam e arruinam o resto.

Era a hora do almoço, foram tristemente para a mesa; no emtanto fallaram a respeito da reunião da vespera.

— Agora é que comprehendo, disse Mlle. Staller ao irmão, porque motivo deixaste o companhia de Mlle de Marcy á hora da ceia; foi por causa do duello!

— É verdade, foi por causa do duello.

Gontran lembrou-se de Lucia, mas repilliu logo do espirito a imagem d'ella.

— Divertiste-te muito? perguntou á irmã?

— Ora! tu sabes que eu sempre me divirto a custa dos adoradores do dinheiro que me andam sempre a colla. Desde que se disse que papá me dá um milhão, botam-se me debaixo dos pés os apaixonados. Mas, infelizmente para mim, sim só me diverte o espirito,

— Comprehendo, tu preferias divertir o coração. Mas no fim de contas, o ser rica não é uma razão para não ser amada.

— E demais, disse tristemente a mãe que era uma senhora de espirito, se se corrige a gente muitas vezes do defeito da mocidade, acontece tambem ás vezes corrigir-

nos a sorte do defeito da riqueza. Onde irá teu pae agora buscar o milhão que tencionava dar-te?

— O criado annunciou n'esse momento um moço de recados que trazia uma carta, mas não a queria entregar sem recibo.

— É talvez a fortuna que volta, disse Gontran tentando sorrir.— Será alguma carta segura?— Traz-m'a.

O criado voltou trazendo a carta em uma bandeja de prata. Gontran assignou um recibo. Reconheceu a letra de Lucia.

Mlle. Staller, lia no rosto do irmão, não ousou interrogal-o, mas a mãe disse-lhe bruscamente:

— O que é isso?

Gontran tinha uma alma recta e nada familiar a mentira; foi com esforço que elle respondeu:

— Não é nada, minha mãe; é uma carta de um amigo que perdeu no jogo.

— Pois tu jogas?

Esta pergunta fez voltar ao espirito de Gontran todas as angustias da noite anterior.

— Oh! meu Deus, e eu que me esquecia dos cincoenta e seis mil francos.

A primeira mentira levou-o naturalmente á segunda; respondeu a mãe:

— Não, minha mãe, não costumo jogar.

— Mme. Staller andava ha tempos muito inquieta com as ausencias do filho. Mesmo quando elle estava ao lado

della, via-se bem que o filho já não pertencia a mãe; julgava esta que alguma mulher lhe roubava o espirito e o coração d'elle.

Não se enganava ella imaginando que vinha n'aquella carta o segredo d'esse amor. Mas porque razão trazia a carta dinheiro ?

— Mostras-me essa carta, Gontran?

— Que queres tu vêr aqui? Loucuras da mocidade!

— Então não é uma divida de jogo

— Para que iniciar-te n'estas cousas? Ha aqui uma historia que te não posso contar, porque o segredo não me pertence.

— Está bom, disse a mãe; ainda mesmo que fosse teu o segredo, eu nada tenho que vêr com isso. Lê tua carta para ti só.

O proprio Gontran não advinhava porque motivo a carta trazia ouro, mas não quiz abril-a na presença da mãe e da irmã, metteu-a no bolso como se o perfume que ella exhalava envenenasse o sanctuario da familia.

Estava afflicto por subir para seu quarto. Quando se achou só, rasgou os cinco sellos, porque Lucia tinha-se divertido— ella diverte-se sempre— a pôr cinco sellos, como se a carta devesse ir para o correio.

Quaes eram as armas de Lucia? Venus sahindo das ondas. Ella carimbava as cartas com uma pedra antiga; tinha aprendido antiguidade nas operas de Offenbach.

Vinte e cinco luizes cahiram na mão de Gontran;

nada mais continha a carta. Rasgou o envelope, olhou bem nem uma palavra.

Em fim comprehendeu. Eram os vinte e cinco luizes que elle tinha atirado a Lucia para significar-lhe o seu despreso.

— Se ao menos, disse elle, eu podesse pagar com isto os cincoenta e seis mil francos!

A seu pezar pensou na comediante; sentiu alguma alegria em reconhecer que ainda não estava tudo perdido n'aquelle coração perverso. Tinha-a revoltado o desprezo d'elle. Reenviando-lhe o dinheiro com o silencio, readquiria alguma dignidade em meio de sua infamia.

Elle cahiu pouco a pouco n'esse sentimentalismo doentio em que o homem se compraz em reerguer mulheres cahidas.

Não lhe parecia impossivel que com um pouco de boa vontade se descobrisse ainda alguma virtude n'aquella alma embotada, como se vê ás vezes reflectir-se uma nesga de céu em torrentes impuras.

Sahiu, sem saber bem para onde ia. Por um pouco, passava pela rua do Helder. É verdade que tinha de ir perto, á rua da Victoria, a casa de um de seus amigos, — amigo de charutos e bastidores —, que vivia com luxo fazendo negocios pouco limpos.

— Preciso que me descubras sessenta mil francos em menos de uma hora, disse-lhe elle.

— Ah! meu caro, a Praça não anda boa; venho de lá, faz medo. Sessenta mil francos não se arranjam assim.

— Acceitarei lettras.

— Olha que te hão de levar uns juros que te hão de custar caro.

— Não regateio.

— Pois bem! vamos a casa de Marvan; elle diz que não quer mais fazer negocios d'estes, mas talvez a tua firma o decida.

Foram a casa do banqueiro Marvan, um banqueiro que dizia que o dinheiro não tem tarifa legal. Discutiram durante uma hora; elle dizia que não tinha dinheiro nenhum, que o dinheiro estava muito caro, que seria obrigado mais dia menos dia a deixar de negociar, e outras que taes desculpas de homem de dinheiro.

No fim de contas, decidiu-se a dar sessenta mil francos acceitando Gontran lettras a um anno no valor de cem mil. Um anno, para Gontran, era o fim do mundo; assignou sem emoção, promettendo já a si mesmo deixar cahir cincoenta e seis mil francos do alto do seu orgulho nas mãos de Eugenio Marx.

Assim que recebeu o dinheiro, sahiu sem continuar a conversa a respeito das nuvens negras do horisonte financeiro. Continuou-a o amigo com o banqueiro.

Disse:

— Quanto me toca?

— Um aperto de mão.

— Tem graça!

— Eu arrisco o meu capital!

— E os quarenta mil francos de juros?

— É como uma operação na praça.

— Pois sim! e se eu fosse corrector!

— Terias oito por cento.

— Ora, deixa-te d'isso.

— Dar-t'os-hei d'aqui a um anno, quando Gontran pagar.

— D'aqui a um anno! Tu bem sabes que eu não faço negocios a prazo.

— Pois bem! dou-te a minha amante, é dinheiro á vista.

— Tua amante, ha muito que a transferi.

E outras graças em estylo de Praça.

X

A VIDA INTIMA

Entremos, se o consente o leitor, em casa de Lucia.

Vendo cahir os vinte e cinco luizes de Gontran, ella não poude dominar a colera. Levantou-se como uma furia e apanhou-os para por sua vez atiral-os ao amante. Isso produziria na escada uma bella musica, porém como ella quiz apanhal-os todos, quando acabou de o fazer reconheceu que já era tarde. Lembrou-se de atiral-os pela janella, porém estava tão mal vestida! — e ella tinha o pudor do frio — pois convem não esquecer que esses factos deram-se em janeiro.

— Elle não perde por esperar, disse ella, heide mandar-lh'os a casa com uma carta que o hade fazer morder-se de raiva. Heide escrever-lhe que o seu adversario está aqui comigo, heide mandar-lhe dizer que vou hoje ceiar com Eugenio Marx, e que elle nunca mais hade pôr os pés em minha casa.

Porque motivo Lucia não escreveu? É que dispunha de bastante maldade — e bastante espirito, — para comprehender que o silencio é a eloquencia mais cruel.

Durante o duello, o que se passaria n'aquelle coração insaciavel?

Não pensava que ella estava inquieta pelo amante de ha dous dias ou pelo amante da vespera. Sentia ao contrario um certo prazer em dizer comsigo:

— Elles batem-se por minha causa, só por mim. E porque não haviam elles ou outros bater-se por mim?

E mirava-se em um espelhinho que tinha sempre em baixo do travesseiro.

Chamou a criada.

— Logo que apparecerem os jornaes da noite, compre-m'os todos.

Acreditava que todos os jornaes da noite haviam de dar noticia do duello. E o universo inteiro saber que dous homens se tinham batido por amor d'ella.

Mas... se os jornaes calassem o nome d'ella?

Escreveu a um chronista da moda:

« Meu amigo,

« Estou desesperada! A esta hora estão dous homens a bater-se por meus lindos olhos. Fiz tudo o que poude para impedir esse duello, mas o conde Lociuski e Gontran Staller a nada attenderam. Não dê noticia d'esse duello.

« Lucia. »

Lucia tinha certeza de que o melhor meio para fazer o chronista dar noticia do duello era pedir-lhe que não fallasse n'elle.

Escreveu a outro, por ter mais certeza de dar brado:

« Quando me lembra que me alcunharam Girasol! Será porque todos os homens giram em torno de mim? Por mais que deite agua ao sol, por mais que me refugie no seio da minha arte, vejo-me cercada de apaixonados que se degolam mutuamente a pretexto de que eu os não amo. As commediantes são bem dignas de lastima! Representam a comedia e dão lugar á tragedia. Se der noticia do duello de Gontran Staller com o conde Lociuski, diga que a culpa foi do meu bouquet e não minha.

« Lucia. »

« *P. S.* — Não vá publicar agora a minha carta! Oh sempiterno indiscreto. »

E logo que Lucia acabou de dispor assim as suas bateriasinhas, estendeu-se mollemente na cama para dormir ainda algumas horas. Pobre criança! depois de tantas emoções e tantas angustias!

Quando acordou, correu para o ensaio, dizendo a todos:

— Estou desesperada! Receio cantar, porque estão a matar-se por minha causa.

Já todos sabiam a historia do duello.

— Não te afflijas, disse-lhe uma de suas amigas, estes senhores batem-se sempre porque nunca se matam.

Ella começou a ensaiar a sua grande aria.

— Oh! está hoje com voz, disse-lhe Offenback, nunca a ouvi cantar tão bem!

No fim do ensaio, soube como se tinham batido os dois e como se tinham ferido no Parc des Princes. Fez pasmar a gente da sua roda esta phrase sublime:

— Só isso?

E accrescentou de si para si.

— Querem ver que os jornaes não dão a noticia.

XI.

AS LOUCURAS D'UMA CADEIRA D'ORCHESTRA.

Qando Lucia chegou a casa, ficou surprehendida por não achar uma palavra de Gontran. Ella contava que a colera ou o amor o obrigassem a escrever.

Consolou-se um pouco lendo uma carta do conde polaco.

Minha querida.

« Eis-me amarrado á cama porque a amei uma hora ; não me concederá cinco minutos de consolação ?

Ainda não subiram a escada do Hotel de Lille e Albion uns pesinhos tão bonitos como os seus. »

— Não vou disse Lucia.

E logo arrependendo-se :

— E porque não hei de ir, já que Gontran não veio ?

Mas, n'esse dia ella estava toda entregue ao seu papel

e a seu amante anonymo que se chama o Publico. É de todos o amante mais serio das comediantes, porque é a elle que ellas sacrificam todos os outros, embora sejam comediantes da força de Lucia.

Apezar de se não deixar morrer peiava ás emoções que nascem do coração, n'esse dia Lucia estava sobrexcitada; quando entrou em scena, acharam-n'a mais formosa que de ordinario. Dir-se-hia que a paixão animava-lhe o rosto.

Nos outros dias, cantava como uma louca, cantou n'esse dia com mais vida; não era ainda a alma nem a paixão, nem o genio, mas era a exaltação da febre. Os criticos da orchestra e da galeria começaram a dizer uns aos outros:

— Alli ha alguma cousa.

— É o duello, disse de repente um d'elles.

— Ora, o duello! retorquiu um philosopho dos bastidores, bem se vê que a não conhecem; o que ella ama, não é o amante que teve, é o amante que ha de ter.

Na orchestra, uma cadeira que costumava estar sempre occupada, mesmo quando não havia ninguem na sala, de balde estendeu os braços durante o primeiro acto ao espectador ausente; o que fazia Lucia dizer:

— Elle não vem.

A obra prima em que ella representava era em dous actos.

No intervallo, logo que acabou de mudar de roupa. veio espiar pelo buraco do panno.

— Não vem, tornou ella a dizer.

Mas no segundo acto, quando ella entrou em scena, o espectador lá estava. Os olhos d'elles encontraram-se.

De facto, o infeliz Gontran tinha vindo de braço ao peito, com o coração cheio de magoa, com o espirito repleto de indignação, não contra ella, mas contra si proprio.

Depois do jantar, a pretexto de fumar, tinha sahido. Sem querer desviou-se do boulevard pela rua de Choiseul; como fazia frio, foi pela passagem. Porque não havia elle de passeiar? Viu entrar e sahir os espectadores dos Bouffes.

Olhou mau grado seu para o cartaz. Vinte vezes disse de si para si:

— Ella está em scena; está se vestindo; está se despindo; está deitando branco e carmim; está gritando com a criada e com o cabelleireiro; está ensaiando a voz; está nos bastidores á espera da *deixa*.

Passava e tornava a passar.

Depois do primeiro acto, ouvira as conversas dos que desciam para tomar fresco durante o intervallo.

— Lucia fez successo!

— De hoje em diante Lucia será conhecida por Phrynéa.

— Sabes que Lucia cantou divinamente?

— O que tu queres dizer é que ella é deveras bonita.

— Não, o que eu quero dizer é que aquella velhaca é capaz de tudo, até de chegar, com a voz que tem, a ter um dia cincoenta mil francos de renda.

— Então tu estas apaixonado por ella?

— O que eu queria saber é quem é que não está apaixonado por ella.

Gontran, fóra de si, entrou para os Bouffes-Parisienses. Estava assim com uns ares de doudo; passou pelos amigos sem os reconhecer. O acto ia começar, elle correu para a sua cadeira.

Só quem tem tido amores no theatro sabe como uma amante se transfigura em scena; o homem que ama uma actriz ama duas mulheres. A comediante fóra do theatro é como um passaro a andar; em scena é o passaro a voar e a cantar. A luz da rampa accentúa e tempera a belleza das mulheres: dá-lhe ao rosto o vivo esplendor corregiano e o brando sombreado prudhonesco. Os astros logos e os sonhadores prenunciam planetas na temperatura mais elevada em que a noite e o somno não tem razão de ser; o theatro é a realisação dessa estrella prophetisada: lá o coração bate com mais violencia, vive-se duas vezes, as paixões exaltam-se, chocam-se quebram-se; o bastidor é uma peça fantastica que causa vestigios aos mais ajuizados.

Logo que Gontran viu apparecer, com todo o brilho o triumpho, Lucia, vestida de archideusa do Olympo, isto

é, com uma nudez mal velada recahiu na loucura e confessou á propria consciencia que a sua vida estava alli.

Como as bebados que tendo feito abstinencia e chegando a taça aos labios não tem mais forças para resistir a embriaguez, elle precipitou-se de novo ao seu mortal amor. É verdade que Lucia acabou de fascinal-o com um olhar incendiario capaz de deitar fogo aos quatro cantos da sala.

Porém elle julgou que isso não bastava, porque, tendo sahido de scena durante dous minutos, pediu papel e lapis para escrever o seguinte:

Ao sr. Gontran Staller.

Cadeira da orchestra nº 22.

« Como eu me sinto feliz por ver-te na noite do meu triumpho! Teu braço ferido toca-me o coração! Vem! vem! vem! Eu te darei meus dous braços.

« *Tua Lucia* »

Dito e feito. D'ahi a cinco minutos, Gontran voltava aos infernaes bastidores onde julgava achar o paraiso.

A archideusa do Olympo abraçou-o com frenesi.

— Ah! és tu! Como estou contente! Ha um seculo que te não vejo!

Em meio d'esta expansão, Lucia não pôde deixar de sorrir vendo que tinha coberto de branco o seu adorado. Atirou-lhe o lenço ao rosto.

— Toma, Sultão! Limpa-te. Isso são signaes de amor ao theatro. Espera-me, tenho apenas de atravessar a scena, ha mutação á vista.

Gontran beijava o lenço, feliz porque outra vez respirava o perfume que ha tanto lhe perturbava o cerebro. Elle estava do lado do pateo, e foi encontrar Lucia do lado do jardim. Ahi teve de acotovellar alguns apaixonados que a esperavam. Ninguem pensava que o amante official viesse essa noite. Mas logo que a viram fallar lhe com uma emoção até ahi desconhecida, deixaram o campo livre.

Ella dizia « meu Gontran, » como M^me^. Dowal dizia, « meu Didier, » como M^me^. Stolz dizia, « meu Fernando. »

Lucia tornou a entrar em scena para o final. Foi uma chuva de bouquets : os lilazes brancos cahiam-lhe aos pés como flocos de neve. Carregou um braçado d'elles, convencida de que os devia ao amor da arte e não a arte do amor. Chamaram-n'a á scena. Gontran olhou para ella quando ella appareceu ao publico, apertando ao seio com volupia e perplexidade as floresinhas alvas.

— Ah! disse elle, se o meu amigo Marchal podesse retratal-a assim!

Era no tempo em que Carlos Marchal, que se tinha por demais *alsaciado* com a sua predilecção pelas raparigas solidas plantadas em plena natureza, queria provar aos pedantes que era capaz de fazer tão bem como elles

« antigos ». Demonstrou maliciosamente que a mulher é sempre a mesma em todos os seculos, seja qual fôr a roupa que vestir. Por isso pintou aquellas duas obras primas : *Penelope* e *Phrynéa*. Elle conhecia prefeitamente Lucia. Tinha-a visto no seu quarto de vestir, tratando das garrasinhas, do cabello, dos olhos e dos signaes de belleza. Em um modelo prefeito para uma Phrynéa.

Depois de um triumpho no papel de Phrynéa, Lucia levou Gontran para o camarim ; elle estava como em um sonho, sem ao menos pressentir que teria de despertar outra vez.

Bateram á porta do camarim, mas Lucia, que era sempre tão accessivel, não attendeu a um só dos adoradores que desejavam beijar-lhe a mão.

Por essa noite Gontran era o seu amante.

Foram para casa a pé, de braço dado, como os estudantes e as costureiras.

Não disseram uma palavra que não fallasse de venturas. Mas, ao chegar á rua do Helder, Lucia disse suspirando : « Ora aqui está uma rua bem fóra da moda para uma mulher como eu ! »

— Tu é que a has de pôr em moda. D'aqui a cem annos, quando fôr demolida a casa, hão de dizer : Aqui morou Lucia.

Estavam em frente da casa.

— D'aqui a cem annos ! Mas esta casa já é uma ruina. Olha só para esta fachada.

— Tens razão, precisa que se lhe ponha um pouco de pó de arroz. Mas isto não quer dizer nada, olha, a felicidade não mora em palacios.

— Pois sim, mas confesso-te que fico triste todas as vezes que entro em casa. Por mais que tenha enfeitado o meu ninho, bem vejo que a arvore está núa, esta casa já pertence aos mochos.

Gontran beijou Lucia no meio da rua.

— Ora vamos! não faças chorar os teus bouquets.

N'esse momento, o carro, que os acompanhava com a criada, parou á porta. Subiram com a risonha messe, Lucia cantou na escada a sua grande aria para acordar todos os moradores da casa, porque queria que todos fossem felizes com o seu triumpho.

— Scio! olha que te põem na rua.

— É justamente por isso que eu canto, não quero mais ficar aqui; quero ir morar nos Campos Elysios como a Patti. Quero ter um carrinho como a Barucci.

— Pois bem! não fallemos mais n'isso, dar-te-hei um edem nos Campos Elysios.

— Sim? Olha, a felicidade precisa andar bem vestida e bem acommodada. A felicidade sem diamantes, é cousa triste.

Os diamantes foram agua na fervura.

— Olha, disse Gontran que ficára pensativo, que eu não me encarrego de ir ás Indias buscar pedras para o

teu jardim. E de mais que má figura faz hoje quem anda sem diamantes!

— Essa é bem lembrada, meu amigo. Muito te affli-jes, resta-me convocar uma chamada de meus accionis-tas, não ha de faltar quem não tenha medo de ir até á India. Ha alguns que tem conta corrente com Moiava, e outros que são capazes de ir ao céo despregar estrellas para mim.

Naturalmente, depois do seu triumpho, Lucia estava em um sonho dos *mil e uma Noites*. Contran estava ao mesmo tempo sobre o dominio do encanto e do pasmo; ella fazia-o caminhar sobre flores, mas elle entrevia o abysmo.

Perdoem-me esta imagem que está fóra da moda desde o tempo de Homero.

A belleza de Lucia era muito discutida e prestava-se muito á discussão. Visto de face e de perfil não se lhe podia negar nem a graça do oval, nem harmonia das linhas. Via-se que o momento era muito pronunciado; mas, a esse respeito, ella nunca esquecia de dizer entre os criticos, que era em um dos signaes de belleza em antiguidade, e mostrava para provar medalhas e cama-pheus.

Fundava-se nisso para chasquear das mulheres de queixo resumido. Mas por uma das graças, vista de *tres quartos*, perdia muito, porque tinha as maçans do rosto um pouco sallientes e as faces um tanto coradas.

O meuto, que dava firmeza ao perfil, era accentuado de mais vista de *tres quartos*. Por isso Lucia escolhia sempre bem a posição quando se fazia pintar ou photographar; evitava tambem mostrar-se de *tres quartos* quando estava em presença de um namorado que pretendia conquistar. Tinha de mais a mais a arte de dar ao rosto um ar encantador pela graça felina do sorriso, sorria com os olhos, sorria com os dentes. Embora morena, gabava-se de ter olhos azues, mas era o azul do mar: se mostrava os dentes, é porque a bocca entre aberta ficava-lhe bem, porque a disposição dos dentes d'ella não era perfeita, os caninos sahiam um pouco da linha com mais pelosos que os outros. Assim, quando Lucia dizia, rindo, em suas travessuras internas: « Cuidado, devoro-os com uma dentada só, » olhava-se com um vago receio para os seus dentes caninos.

Mas Lucia tinha além de tudo as seducções da verdadeira parisiense que desafiava as criticos, seducções irresistiveis, seducções de espirito, seducções inesperadas. Nunca a pilhavam desprevenida. Vestida, era irresistivel, — mais irresistivel ainda com um simples penteador. Arrastava-se como a serpente, a não ser nos momentos de colera em que fuzillava como o raio. Mas dispunha da sciencia das lagrimas para obter o perdão, — que digo eu? para perdoar.

XII

UM PASSEIO

Contran sahiu dos braços de Lucia para ir ver o pae. Tinha promettido á mãe voltar para casa dentro de uma hora, e já lá hiam tres.

Que lhe diria ella? porque de certo ia achal-a velando á cabeceira do enfermo querido?

Staller estava melhor.

— Eu vou bem, disse elle ao filho. Isto é uma fortuna para todos, prque agora me lembro que não terás um minuto a perder para manter a hypotheca do milhão que emprestei ao conde d'Etang. Agora que os credores cahem-lhe sobre a fortuna, é preciso tomar cuidado com este milhão. Queira Deus que os contratos estejam em ordem! Parto amanhan de manhan.

— É impossivel.

— A necessidade hade acaba de curar-me. Se eu não poder ir, irás tu.

— Pode contar commigo. Irei no trem das oito horas.

Não ha quem não conheça de perto ou de longe o conde d'Etang, amigo do duque de Morny, de Roqueplan, de Daru, de todos emfim que viviam á grande ha vinte annos.

Não era um jogador, era o jogador typo. Esta curiosa physionomia estava a fazer falta na galeria de Regnard, que tambem era um pouco jogador que jogou a propria vida contra o amor, um homem depois que teria jogado sem pestanejar a gloria em uma cartada.

O conde d'Etang jogou tudo e tudo perdeu, até a honra. Jogou a estrebaria, jogou as matilhas, jogou a amante, jogou o castello: um castello real construido por Henrique segundo, jogou emfim a morte depois de ter jogado a vida.

Jogou e perdeu a sua ultima pistola, a que elle chamava o seu ultimo amigo, uma joia que causaria desejos a Benuvenuto Cellini de matar-se ou matar alguem; e por isso viu-se obrigado a morrer como qualquer pobre diabo.

Mas não é minha intenção contar aqui a sua historia. Elle possuira no seu bom tempo quatro castellos em torno de Paris, nos quatro pontos cardeaes. Chamava isso jogar os quatro cantos.

Do lado do norte, um seu vizinho de campo Mr. Staller. Tinham-se conhecido á caça. Um dia o conde

d'Etang á queima-roupa pediu ao visinho um milhão, mas Staller não sabia que elle era jogador. Não se dá assim um milhão; mas justamente Staller, que tinha enriquecido rapidamente em 1852 quando appareceu o papel-moeda, estava morrendo por poder retirar o dinheiro que tinha na Praça.

— Um milhão! respondeu elle ao vizinho, e quando precisa d'elle?

— Quando quizer, basta-me o tempo preciso para hypothecar-lhe este castello e as terras em que estamos caçando.

Foi dito e feito.

O conde d'Etang jogou o milhão e foi bater a outras portas, até que se sepultou sob sua ruina.

O castello e as terras foram vendidos. Tinha muitos credores, que não chegaram a um accordo; Staller mantinha a hypotheca por um milhão: ora eis o que aconteceu:

O tabellião do lugar, que lhe servio de mordomo, morreu; succedeu-lhe um trapalhão que se esqueceu de reformar a hypotheca. Foi Staller o primeiro que deu por esse esquecimento; felizmente só se tinha perdido alguns dias.

Por conseguinte Gontran devia partir pelo primeiro trem para ir a toda pressa a Beauvais encontrar-se com o tabellião e o advogado, para que se não perdesse nem mais uma hora.

É aqui que se revela o mau juizo da familia Staller.

Gontran separou-se do pae ás tres horas, dizendo que partiria no trem das oito. Dormio até as seis. Tinha ainda uma hora diante de si quando disse adeus ao pae. Mas passou pela rua de Helder.

Lucia estava dormindo, foi preciso acordal-a.

— Adeus, disse elle.

— Onde vás?

— Vou a tres horas de distancia de Paris, a um lugar que tu não conheces.

Lucia saltou fóra da cama.

— Eu quero ir comtigo.

Gontran não conseguio privar-se da linda companheira de viagem: Lucia agarrou-se a elle; teve d'esperar. Perderam o trem.

Quando chegaram a Beauvais, o cartorio das hypothecas estava fechado.

Inda não estava tudo perdido. Mas era preciso que no dia seguinte se levantassem de manhã cedo: depois de tal viagem, tres horas de caminho de ferro, depois de passar uma noite agitada no theatro de Beauvais, tendo d'ahi ido ceiar com uma actriz e um jornalista que encontraram lá, aconteceu que só accordaram ao meio dia.

Lucia não queria almoçar sósinha. No entanto Gontran teve a coragem precisa para arrancar-se dos seus braços e correu á casa do advogado indicado.

Foram ao cartorio; duas horas antes ainda seria tempo,

tinham-se tomado outras inscripções, o milhão estava perdido.

— Que quer que lhe faça, respondeu o conservador a Gontran, não é depois que as hypothecas estão vencidas ha mais de oito dias que se vem pedir noticias d'ellas. E demais eu pensava que Mr. Staller já tinha recebido o seu milhão.

— Não é ainda a ultima palavra da questão, disse o advogado, vamos protestar contra as novas inscripções para provar a nullidade d'ellas.

— Meu caro senhor, disse o conservador, creio que perde o seu tempo, porque n'este caso é que se póde dizer: o que está inscripto está inscripto.

Gontran estava pasmo. Não podia comprehender que se perdesse um milhão por ter acordado duas horas mais tarde.

— Por quem é, disse elle ao advogado, eu não pensei que isto fosse tão serio, não diga a meu pai que eu só o procurei ao meio dia.

Quando Gontran voltou ao hotel, disse a Lucia:

— Isto é para quebrar a cabeça! cheguei duas horas mais tarde, perdi um milhão.

— Um milhão! exclamou Lucia, devias ter-m'o dado!

Foram as unicas palavras de consolação que lhe dirigiu a comediante.

— Tu nunca me amaste, disse-lhe elle com colera.

— De que modo queres que eu te ame? disse Lucia com surpreza de uma ingenua.

Lucia amava um pouco Gontran, mas assim pelo ar, sem perder tempo. Já não sentia as violencias da paixão que lhe tinha inspirado o primeiro amante. Dizia que já tinha soffrida as penas da cruz, o fel e o vinagre, todas as flagellações do ciume. Julgava não tornar a cahir sob o dominio cruel d'aquelle encanto incisivo. Tinham-lhe torturado o coração. Ella desafiava a qualquer a atiral-a de novo áquellas angustias. E no entanto o recordar-se d'ellas era-lhe ainda deliciosa volupia. Com Gontran, o caso era diverso. Gostava de o ver, porque elle era bonito. Tinha vaidade em andar pelo braço d'elle porque elle era bravo. Ouvia-o com curiosidade contar as alegres historias da sociedade elegante. Mas sentia que o que havia entre elle e ella era uma cadeia de flores que se partiria á primeira aventura sem lhe rasgar as mãos, porque os espinhos estavam do lado d'elle.

Gontran amava-a louco, apaixonado, desesperadamente, ella amava-o por distracção, por vaidade, por fantasia um verdadeiro amor de depois da ceia.

XIII

O TESTAMENTO

Chegando a Paris, Gontran achou a casa de pernas para o ar. Ricard e Cabarrus, os medicos dos dois polos, tinham sido chamados ao mesmo tempo; entendiam-se um com outro porque o espirito domina a sciencia. Tambem lá estavam Piogey e Papulin, que completavam o numero cabalistico em medicina.

Staller tinha recahido; correram a cidade inteira para achar medicos. Ora sabe-se que á noite achar medicos é uma fortuna, quando não é uma desgraça. Tinham procurado Gontran nos circulos em que costumava ir, tinham-n'o tambem procurado nos Italianos onde havia espectaculo de gala, não se tinham esquecido de ir aos Bouffes-Parisiens, mas em parte alguma o encontraram.

— Teu pai perguntou por ti diversas vezes, disse Mme. Staller ao filho sem reprehendel-o.

Logo que os medicos se affastaram depois de ter dado ao doente a agua benta da faculdade, Gontran approximou-se do pai pegou-lhe na mão e beijou-a em silencio.

— Meu pai, perdoe-me.

— Perdôo-te, disse o pai. Não se passa impunemente a mocidade; eu tambem tive horas de loucura. Mas meu coração salvou-me, é o que te hade acontecer. Escuta-me bem.

O doente bebeu um golle de vinho. Os quatro medicos, á força de sciencia, tinham appellado para a natureza; receitaram vinho do Castello d'Yquen como o cordial para reanimar o espirito e o corpo.

Staller fallou assim ao filho :

— Eu vou morrer. Ha doentes a quem não é possivel enganar. A morte não me aterra, porque eu creio em Deus. Vou ter com meu pai e minha mãi. Vou esperar por minha mulher e meus filhos. Deus quiz que eu tivesse força bastante para resignar-me a esta separação.

Staller não queria enternecer-se, mas vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Apertou a mão do filho :

— Espero que comprehenderás o teu dever. Amanhã serás tu o chefe da familia, tu queres bem a tua mãi e a tua irmã, ha de ser digna do teu nome. Morro triste porque os deixo pobres, quando muito ficam-lhe dous milhões. Em Paris, isso é a mediocridade, quem sabe se d'aqui a vinte annos isso será a miseria. Mas não olhemos para tão longe.

Mr. Staller encarou o filho:

— Não te pergunto quanto tiraste para pagar a tua divida de jogo. Naturalmente, tencionas descontal-o da tua legitima.

Contran interrompeu o pae.

— Meu pae, eu me envergonharia de causar o menor desfalque no dote de minha irmã.

— Não o duvido ; eu quizera dar a cada um milhão de dote, e contentar-me-hia com o resto para viver no meu castello. Não se esqueçam de que ha dias em que os homens honrados pagam pelos velhacos. Não assignes nunca papel algum sem pensar no que vaes fazer ; já meu pae me tinha dito isto, mas o homem aprende sempre comsigo.

Staller tornou a beber um pouco de vinho do castello d'yquem.

— Consola tua mãe com o teu affecto ; casa tua irmã com um homem bem educado.

« Faz com que ella case por amor com um homem que a ame ; um homem e uma mulher honestos que se amam nunca são pobres. Quanto a ti, recommendo-te que cases moço ; a natureza não quer que o homem faça a sua casa depois de perder parte de suas forças. Todos esses amores fóra de familia são grãos de trigo perdidos em terra infecunda ; as boas searas são as que vem depois das boas sementeiras. Não te esqueças destas

palavras da Escriptura. « Infeliz do homem só » o que quer dizer : pobre do homem que não tem filhos.

— Meu pae, eu heide casar-me moço.

A imagem de Lucia passava pelo espirito d'elle como uma sombra funebre.

— Não te esqueças que a fortuna não sabe defender-se a si propria. Os vicios são todos os dias atacados, não direi pelos pobres, mas pelos que querem ficar ricos. Vive sempre em guarda; não é a caridade que arruina, é a tolice, é a imprudencia, é a loucura, é a paixão. Ha sortes e azares na vida. Quando vires que o vento é favoravel, navega a todo o panno; quando o vento for contrario, cruza os braços e espera,

Staller levou o copo aos labios.

— Estou a fallar muito em dinheiro; mas, como dizia meu pae, este fallar vale ouro... É que o dinheiro é um bom rapaz, é sempre o melhor amigo, porque se chama alternadamente : liberdade, fraternidade e caridade. Desde que o mundo é mundo tem-se feito uma politica, e assim deve ser sempre. A boa politica é a moeda de cem soldos. Ella arrasta todo o servilismo e consola todas as miserias. No dia da minha morte, dá esmolas sem conta a todos os pobres que encontrares.

A voz de Mr. Staller mal chegava já ouvido de Gontran, embora este estivesse inclinado para o pae.

— Não faço testamento, porque tu sabes quaes são as minhas ultimas vontades.

Mr. Staller queria doutrinar, mas apenas proferia algumas palavras incoherentes; tentava recuperar toda á força do seu espirito, mas estava exhausto. Pronunciou o nome da mulher e o da filha. Quando ellas correram para elle, o moribundo mal as reconheceu. Estava acabado: o golpe da morte tinha sido profundo; estava escripto que seria aquelle o seu ultimo dia.

Quando Gontran viu que estava tudo perdido, ás sete horas da manhã, subiu ao quarto e escreveu a Lucia participando-lhe a desgraça que lhe succedera.

« *Comprehendes a minha dôr. Não irei ver-te por estes dias, mas amo-te.* »

— O que disse Lucia ao ler o bilhete! D'esta vez compra-me a casa! exclamou fazendo uma pirueta.

E foi para o piano cantar uma aria da *Bella Helena*.

Quando acabou de cantar, murmurou:

— Gontran não vem ver-me estes dias, quem diabo virá?

XIV

O AMOR E A CONSCIENCIA

D'ahi a seis semanas, Gontran e Lucia passeiavam pelos campos Elyseos em um coupé com uma cortina corrida.

Gontran sentia o pudor do seu luto.

Percorreram a avenida dos campos Elysios, a avenida Friedland, a avenida do Reine-Hortense, visitando as casas que estavam para vender, pensando já na vida de luxo e loucuras que ahi deviam passar.

Tinham visto as mais ricas. Lucia de nenhuma se agradava.

No entanto ella comprehendia que devia moderar um pouco as suas aspirações.

Contentou-se com uma casinha na rua de Courcelles, que custava apenas duzentos mil francos.

Como se resignava Gontran a curvar a cabeça a uma

nova loucura! Gastava com Lucia trezentos francos por dia: cavallos, carros, ramalhetes e vestidos, porque se ella não era ainda uma grande actriz, era já uma grande leôa.

É que Gontran estava sempre a lutar entre os compromissos de amor e os da consciencia. A consciencia dizia ao amor: « Isto é demais; tu levaste-me mais longe do que eu queria: se dou mais um passo, não torno a achar o caminho. » O amor dizia á consciencia: Eu peço tão pouco para viver e ser feliz! Por exemplo, esta casa necessaria para accommodar dous corações custa duzentos mil francos, mas a companhia de credito Territoral empresta cem mil sobre hypotheca. Ora, o que é uma hypotheca que se paga e se extingue em cincoenta annos! Ter uma casa propria, é o idéal. Quem é que não tem hoje uma casa sua! Viver em uma casa alugada, é viver em um omnibus; ora, consciencia, minha amiguinha, tu andas muito atrazada! A consciencia respondia com boas razões, mas bradava no deserto.

Lucia teve portanto a sua casa na rua de Courcelles. Era uma joia. Fachada de estylo Luiz XV, toda emmaranhada, figuras á Pompadour, grades de ferro, relevos harmoniosos. As salas interiores eram proprias para a intimidade, com suas guarnições de seda e ornatos de fina talha. A serralharia indicava um artista; os tectos eram todos cheios de amores e passaros. Poucas nuvens. Para que nuvens! O quarto de banho todo de marmore

rouxo, com pregos de ouro no tecto, verdadeiras estrellas.

Não havia jardim, mas a estufa, que devia servir de sala para fumar, não podia conter toda a flora luxuosa dos tropicos?

Lucia reparou com alegria que a escada interior do serviço era bastante bonita para poder servir de escada reservada.

XV

A TOCADORA DE HARPA

Começou-se logo a fallar na casa de Lucia como em uma casa principesca. Nos primeiros dias ali se reunia a mais alegre sociedade; recebia uma vez por semana o que ha de melhor entre a peior sociedade. A chronica dos jornaes occupava-se todos os dias com a festa de Lucia, com os fatos e gestos, que sei eu? com as phrases espirituosas de Lucia.

Todos invejavam Gontran e todos chasqueavam d'elle. Elle queria todos os dias arrancar-se as suas delicias de Capua, e recahia fatalmente todas as noites sob seu dominio.

Lucia era o encanto e o veneno de sua vida. Mas não será por causa d'estas mulheres que se diz que os homens habituam-se aos venenos ?

Gontran não vivia de todo entregue ás más paixões ;

tinha suas horas lucidas durante o dia. Quasi nunca deixava de almoçar e jantar com a mãe. As actrizes nunca se sentam seriamente á meza, senão para cear: almoçam na cama, jantam quasi em pé, porque apressam-n'as a horas do espetaculo, a não ser nos dias em que não representam. Ora, Lucia representava quasi todos os dias, portanto Gontran podia almoçar e jantar em casa, sem que Lucia o accusasse de abandonal-a.

Logo que entrava em casa de familia, era outro homem: a imagem de Lucia não passava além da antecamara, a recordação do pae dominava o lago ao entrar. Durante as refeicções Mme. Staller, que sabia dirigir a conversa, apresentava ao espirito do filho as perspectivas de uma vida seria, coroado pela consideração. Ralhava-o por não se occupar em cousa alguma; tinha amigos nas sessões officiaes, aconselhava-o a pensar em um emprego qualquer; elle não era rico bastante para viver de braços cruzados.

— A menos, dizia-lhe ella muitas vezes, que faças um bom casamento.

Um bom casamento, queria dizer, casar com Mlle. de Marcey, que tocava tão bem harpa.

— Pois sim! disse Gontran, casarei com Mlle. de Marcey.

Mas dizia isso como se diz a um amigo que tem de partir para a India dentro em um anno: Irei comtigo.

Gontran de vez em quando ficava á noite em casa com a mãe e a irmã, quando havia visitas. Embora estivessem de luto fechado, recebiam alguns amigos intimos: Mlle. de Marcey não não tinha intimidade, mas depressa a tomou.

Não sabes, disse um dia Mlle. Staller ao irmão, Mlle. de Marcey vem hoje e outras amigas nossas tomar uma chicara de chá. Baterás tambem hoje a linda plumagem, formoso passarinho?

— Não; Mlle. de Marcey traz a harpa?

— Estás doido; bem sabes que aqui não se toca. E de mais, ella deixou de tocar harpa.

— Porque?

— Porque anda triste.

— E porque anda ella triste?

— Ahi é que está o segredo, mas o segredo é d'ella.

— Pois bem! Já que o segredo é d'ella confie-m'o.

— Anda triste porque ama. Parece que o amor é triste.

— Bem te entendo, o que queres é fazer-me crer que é a mim que ella ama. Olha, minha querida, uma mulher que toca tão bem harpa é com certeza uma mulher que ama, mas ella ama o amor, dará tão facilmente o coração a Pedro como a Paulo. se não for eu, hade ser outro; se não for este, será aquelle.

— Achas?

Gontran olhou para a irmã. Esta estava triste.

— Agora reparo, tu disseste que o amor é triste, tens tambem o teu segredinho?

Gontran abraçou a irmã.

— Minha querida irmãsinha. Conta-me o teu segredo. Não é verdade que amas Raul?

— Que Raul?

— Não é bonito fazer-me essa pergunta. Tambem sabes que só ha um Raul, é Raul d'Oraie. Tens razão em amal-o, é um coração leal, um espirito delicado, é o homem que eu teria escolhido para ti se tu ainda o não amasses.

Subiu uma lagrima aos olhos da donzella.

— Só tu soubesses como elle é teu amigo!

— Si tem um defeito, é não ter fortuna. Prima em ser esculptor! Mas emfim, levanta-se hoje tantas estatuas, que não é para desesperar. E depois, para viver não se precisa de todos os bens do mundo.

Mlle. Staller desconfiava que Raul,— o unico Raul — não era rico, mas não sabia o quanto montava a fortuna d'elle.

— O que me darás tu de dote, disse ella ao irmão fitando-o com o olhar proprio das almas ingenuas.

Exhaltando pelo amor paternal, Gontran respondeu:

— Tudo quanto tens, e tudo quanto tenho, se quizeres.

— Tudo o que tu tens ! murmurou ella. Eu e mamãe não ousamos interrogar-te ; sabemos que perdeste ao jogo, sabemos que não empregas bem o teu dinheiro. Diz-me a verdade, quanto tens tu ?

— Quanto tenho eu ?

O proprio Gontran não ousava interrogar-se.

— Escuta, minha irmã, tenho feito muitas loucuras, mas a tua fortuna e a de minha mãe, são sagradas. Se eu chegar um dia a não ter nem mais um soldo, restar-me-ha a resolução de não ter tocada na fortuna que não é minha.

— Causas-me medo ! Fallas de não ter nem mais um soldo, como se estivesse perto de chegar a esse extremo.

Ainda que Gontran não fosse bom mathematico, tinha vagamente calculado que, no andar em que ia, em seis mezes daria cabo do seu milhão.

Restava-lhe ainda cerca de cento e cincoenta mil francos tinha introduzido alguma ordem em sua desordem, ou antes era desordem de Lucia.

Por desgraça, elle que nunca mais jogou, — ultima submissão á memoria do pae, — arriscou-se a jogar na Praça, como todos os que querem jogar o pouco que lhes resta.

— Escuta, disse-lhe a irman, só vejo um recurso serio de que pódes lançar mão se queres deixar de fazer loucuras, — ella queria dizer : se queres evitar a ruina, —

é casar com Mlle. de Marcey, ella ama-te e tem um milhão de dote, duas fortunas em vez de uma.

— Isso quero eu. É bonita, tem espirito, é de bôa familia; para mim, é o inesperado.

— Então, até a noite.

— Pois sim, até a noite.

E Gontran correu para casa de Lucia.

— Sabes? disse-lhe Lucia, tenho um principe, nem mais nem menos, que vem dar serenatas á minha janella previno-te que te vou trahir.

— E tu sabes? disse Gontran, eu tenho uma princeza, que quer casar comigo; previno-te que te vou metter os pés.

Lucia queria trahir o amante, era este o seu modo de vida, mas não queria que lhe mettessem os pés.

— Quem é então essa rapariga.

— Uma loira rapariga, minha querida, que tem um bonito nome, e não teria grande pezar em chamar-se Mme. Staller.

— É uma tal ideia, a que tem todas essas meninas solteiras de casar para nos tirar os homens. Inda se fosse para os guardar!

— Algumas vezes guardam-nos; ha mais de uma mulher casada que é amante do marido.

Ao ouvir isso, Lucia saltou de ciume.

— Ainda lá, meu caro, casa-te! E como se chama a tua princeza?

— Ainda não lhe sei o nome, respondeu Gontran.

— Como sabes então que ella tem um bonito nome? É sem duvida mlle. Merluchette ou de La-Grue. Deixa estar que heide saber tudo, tenho a minha policia.

Gontran arrependeu-se de ter dito tanto, mas acreditou que aquella leviana mulher não desse importancia a essa confidencia feita a rir.

A noite, em quanto Lucia cantava nos Bouffes um duo com Leoncio, Gontran apaixonou-se seriamente por mlle. de Marcey.

Ha homens que sentem como sensitivas as variações da athmosphera. Quando Gontran estava no theatro desdenhava as mulheres da sociedade; quando se achava em sociedade, as mulheres do theatro confundiam-se nos bastidores com os accendedores e os machinistas.

Durante essa noite, estava Gontran admirado de ter deixado prender tanto tempo ás mentiras da mulher perfida. Julgava elle que respirava então pela primeira vez o ar vivo das montanhas. Voava-lhe a alma além das nuvens, para o azul do céu. Repousava os olhos com um encanto indizivel nos lindos olhos de mlle. de Marcey. Alli, era tudo pureza, tudo era luz, era verdade tudo; nada tinha turvado esses lagos d'alma. A voz que lhe falava ainda tinha mentido; aquelles bellos labios nunca deviam ter pronunciado d'essas phrases de amor que o coração não sente. Ter uma mulher que tambem é de

outros, será talvez um prazer infernal, mas ser o senhor unico de sua mulher não será o supremo bem?

Essa noite, Gontran não foi bater á porta de Lucia.

No dia seguinte de manhã, levantou-se orgulhoso de si, e andará até ahi tão arredio do dever que lhe parece agora heroico o que estava fazendo.

Na vespera, mlle. de Marcey e a irman de Gontran tinham combinado encontrar-se nos Italianos, no camarote da familia de Marcey. Gontran dava os parabens por que ia tornar a ver a gentil menina.

Era noite, tinha ella um lindo vestido azul celeste, talvez um pouco decotado para uma menina solteira, mas o que é que não perdoa a um collo formoso, principalmente quando elle tem para velal-o a candura?

Mlle. de Marcey não era como essas raparigas que tem tudo a perder em decotar-se: a cabeça é bonita, a irradiação da belleza passa pela fronte, pelos olhos, pelos labios, mas as veias do pescoço, as depressões do collo, os seios tumidos que ainda mal despertavam, os braços fusiformes, prejudicam o rosto dando a quem o observa um espectaculo pouco por admirar.

Ha mulheres que só se desenvolvem aos vinte e cinco annos; cada idade tem os seus gozos, diz a canção. Mas mlle. de Marcey tinha-se desenvolvido de um jacto; tinha-lhe despontado a belleza com toda a vigorosa seiva da mocidade. Os sonhadores, os poetas, os que procuram um ideal talvez lhe achassem um que de terrestre e

abundante; quanto a mim, admirava-a tal qual era com todo o vigor da saude, toda a riqueza do sangue. Devemos sempre prestar homenagem á belleza, seja qual for o seu genero.

Era esta a suposição de Gontran. Tinha amado Lucia com uma pallidez doentia, com sua estructura nervosa e delicada: amava mlle. de Marcey com a sua força vivaz.

Foi para elle uma verdadeira alegria encontral-o nos Italianos; ella fallava com paixão a respeito de musica que adorava-a. Representava-se a *Somnambulla*: pela primeira vez elle comprehendeu Bellini.

— É bonito e é bom, disse-lhe elle inclinando-se para ella, ouvir musica desta ordem e olhar para a senhora.

— Era melhor que olhasse para a Patti.

Dispenso-os de todos os galanteios que Gontran poz em campo. Mlle. de Marcey deixou-se prender a elles porque lh'o pedia o coração.

Gontran estava a mil leguas de Lucia, como se a sua paixão por elle tivesse sido uma farça dos Bouffe. O amor que elle já sentia por mlle. de Marcey era profundo, serio, poetico como a musica de Bellini.

A menina era tão franca que não usou de reservas para conversar. Achava que Gontran era encantador, que fallava-se de tudo sem pedantismo, com uma pontinha de espirito parisiense. Não era uma belleza, faria triste figura na vidraça de um cabelleireiro ou sobre o pedestal

do Apollo de Belvedere, mas todos reparavam em sua cabeça expressiva. Se não fazia cousa alguma, todos julgavam-n'o capaz de fazer o que quizesse. Quantos soldados nunca queimam um cartuxo e no entanto poderiam ser heroes!

Era noite, Gontran estava irresistivel. Quando a gentil menina se achou a sós em seu quarto, cantou em voz baixa a grande aria da Patti, como se as palavras de ouro de Gontran ainda lhe soassem ao ouvido.

— Decididamente, disse ella adormecendo, a *Sonambula* é a mais bonita de todas as operas.

E durante toda a noite, ella foi a sonambula do amor dormindo viu Gontran, viajava com elle pelo reino dos sonhos.

Via-se com uma corôa de noiva, mas um corvo viajava sobre as flôres de larangeira.

XVI

DO PERIGO DE ESCREVER CARTAS

Mlle. de Marcey disse Gontran que tinha de acompanhar sua mãe ao baile da crôte. Gontran quiz ir tambem, mas a irmã objectou-lhe que elle ainda estava de luto fechado. O dia pareceu-lhe enorme.

— No fim de contas, disse elle comsigo, se já não am o Lucia, bem posso ir vel-a.

Encontrou-a descendo a escada para ir ao Bosque.

Queres vir comigo? perguntou-lhe ella.

Sabe-se que Gontran, em presença de Lucia, não tinha vontade propria. Deu-lhe a mão para entrar no coupé e elle entrou tambem como o escravo obidiente.

— Que tem isto? dizia elle consigo. Ninguem me verá; levantarei a vidraça e ficarei no meu canto com o uma toutinegra em seu ninho.

Perguntava Lucia se esperava encontrar o seu principe.

— Talvez, respondeu ella. E tu, que fizeste da tua princeza?

— Não a tenho visto.

— Pois eu via e vi-te com ella. Louvado seja Deus, era um bonito grupo. Creio que o hão de expor para o anno; chamarão ao grupo Romeu e Julieta, Hero e Leandro, Abélard e Heloisa.

— E onde nos viste tu?

— Ora essa! em um camarote nos Italianos.

— Como podeste tu representar nos Bouffes e ir ao mesmo tempo aos Italianos.

— Sim é o meu segredo. Mas olha que a tua princeza não é uma heroina de romance. Parece uma boa cosinheira! Por Deus, que costado! com as cadeiras que tem bem pode dormir em pé. Os pés hão de ser em proporção, não sei, não os vi. Tu queres uma mulher assim só para ti? Olha que ella chega para quatro.

— Cala-te! disse Gontran, prohibo-te que falles assim.

— Ah! é uma madona, é preciso benzer-me! Mas, meu caro, não sabes que ja não ha madonas? Tem toda a sua belleza e vigor de colorido ella não vale mais do que eu e Deus sabe quanto eu valho. — Pensas talvez que é com dinheiro seu que ella paga o camarote que tem nos Italianos?

— Supponho que não é com o teu.

— Talvez, porque se quem lh'o dá não lh'o desse, eu teria melhores cavallos.

Estavam então em meio da alameda da Imperatriz, no fluxo e refluxo das carroagens. Era impossivel apear-se. O lago estava apinhado de povo. Gontran não queria que Lucia terminasse a phrase; levantou a mão para suffocar a palavra nos labios injuriosos, e encaro-a como para fulminal-a com os olhos. Não sabia o que fazer para conter-se e batia furiosamente com os pés, que parecia estar a ponto de arrebentar o coupé.

— È minha culpa, disse Lucia, se a verdade te offende? Tu não conheces Paris, meu amigo. Não digo que não haja ainda algumas virgens nos collegios, destinadas a pedir esmolas para as pobres ou a serem castellans immaculadas; mas o seculo caminha, fica sabendo; se o dinheiro é bom servo, é mão senhor; é preciso que se lhe obedeça, custe o que custar. Eu não quero mal a essa rapariga: ella faz o que fazem muitas outras. Por ventura tu te revoltaste contra mim porque eu te amei?

No espirito de Gontran, embora seu coração estivesse ainda revoltado, a duvida, a horrivel duvida succedeu á indignação. Lucia fallava com calma, com a intenção convicta da verdade. Seria a amante ciumenta? Seria a mulher que se vinga? Seria a comediante a representar um papel?

— Escuta, continuou ella, tu comprehendes que o que eu digo não é uma calumnia aeria; quero que vejas com teus olhos e ouças com teus ouvidos. Onde vae á noite aquella senhora?

— E o que tens tu com isso?

— Ora vamos, responde-me com impertinencias quando eu quero revelar-te a luz. Tu não és delicado. Eu sei onde ella vae hoje á noite. Onde te disse ella que ia?

Goutran respondeu mau grado seu:

— Ao baile da corte.

— E tu acreditas n'isso?

— Creio, sim creio!

A actriz pareceu reflectir.

— E d'ahi, não é impossivel que ella vá primeiro á corte. Mas sabes para onde vae ella depois?

— Sei, sim, hade ir para casa.

— Ao que tu pensas: irá envolvida na sua innocencia deitar-se com a sua virtude. Pois, meu queridinho, é uma linda illusão que é preciso que te saia do coração.

— Então para onde hade, ella ir!

— É muito simples: hade ir ver o amante.

Goutran apertou com a sua mão de ferro a mão de Lucia.

— Muito bem, mate-me! disse ella simplesmente.

Gontran teve vergonha a atirou a mão como se a atirasse pela porta do carro.

Estavam no extremo do Lago. Para não ver Lucia, elle olhou um pouco para fóra.

O que faz o accaso não se comprehende.

N'esse momento, Gontran viu Mlle. de Marcey fazendo um gesto a um grupo de cavalleiros. O namorado achou

o gesto muito familiar. E, como o ciume perturba a visão, pareceu-lhe que a menina córava. Em qualquer outra occasião, tudo aquillo lhe pareceria natural, e talvez nem lhe tivesse prestado attenção; mas depois das revelações de Lucia aquillo aterrou-o.

— Então, estás contente? viste a tua namorada? disse a comediante.

— Não fallemos mais n'ella.

Lucia comprehendeu que o que dissera produzira effeito.

— Não fallemos mais n'ella! mas o que eu quiz foi prevenir-te, estimo-te muito para consentir que desças a ponto de casar com uma rapariga que te traga de dote o dinheiro do amor.

— Tu estás doida!

— Conheço-a melhor do que tu. Tu conhece-l'a pelo theatro, eu conheço-a pelos bastidores.

— Tu não sabes o que dizes; ha calumnias que se espalham, mas que não produzem móssa nos espiritos serios. Talvez algum fatuo tenha fallado d'ella em tua presença.....

— Algum fatuo? Queres que eu t'a mostre com o amante?

— Tenho pena de ti.

— Pois sim, case com ella e mande fazer os cartões de casamento na casa dos veados.

Estiveram algum tempo sem dizer uma palavra.

Gontran estava com o espirito perturbado; repellia

indignado a calumnia, mas lembrava-se que já algumas phrases pouco lisongeiras tinham sido ditas em sua presença, não a respeito de Mlle. de Marcey, mas a respeito de sua mãe. Havia pouco tempo que essas senhoras tinham chegado de Florença, a cidade do perdão.

— A Italia guarda as suas madonas para si, pensou Gontran. Não é impossivel que algum principe de contrabando tenha conhecido em Florença Mlle. de Marcey, quando ella tinha quinze annos.

Voltou-se para Lucia com ar decidido.

— Falla, disse elle. O que sabes?

— Eu, nada, respondeu ella friamente.

E voltou-se para o outro lado.

O homem mais energico vacilla quando tem o coração em jogo. Em vez de fortificar-se em seu amor, Gontran, que aliás não era homem de grande energia, abandonava-se mollemente á duvida, á duvida horrivel. Por mais que questionasse Lucia, esta não quiz dizer nem mais uma palavra.

— Sobes? disse-lhe ella quando chegaram á porta de casa.

— Não, disse elle, tomo o teu coupé.

— Para ir a casa d'ella?

— Tu bem sabes que é para ir para minha casa.

Não havia ainda meia hora que Gontran estava em seu quarto, quando recebeu de Lucia este bilhete.

Querido cégo.

« Põe os oculos. Entre meia noite e uma hora, estarei no Café Inglez, se me não vieres buscar ao theatro. Soube bonitas cousas. Sabes que na corte ceia-se a uma hora. Mandaram reservar o n. 12 no Café Inglez, para ceiar lá, — no silencio do gabinete. — A gente depois de uma valsa precisa isolar-se. Se me promettes ter juizo, não dizer uma palavra, ver as cousas philosophicamente, far-te-hei assistir a esse espectaculo. »

Gontran amarrotou a carta e arremessou-a com furor. Mas tornou a apanhal-a e releu-a.

— É impossivel ! disse.

E contemplou com os olhos d'alma o rosto franco e formoso de Mlle. de Marcey, seu sorriso aberto, seu olhar leal.

— É impossivel ! tornou a dizer.

Desceu ao quarto da irmã.

— Diz-me, tu sabes a origem da fortuna de Mlle. de Marcey ?

— Não. Lembro-me vagamente de ter ouvido dizer que a sra. Marcey era uma mulher muito habil, e que tinha jogado com a renda italiana !

— Jogado !

— Fallas como se isso fosse um crime !

— Não gosto das mães que jogam.

— No entanto é uma cousa innocente.

— Não é tanto assim.

— É preciso dar que fazer ao dinheiro, quando o ha. A vida é um jogo perpetuo.

— Acho-te muito philosopha, o que tens tu hoje ?

— Estás com escrupulos de receber o dote de Mlle. de Marcey, oh ! estoico da Maison d'Or ! talvez queiras obrigar a fortuna d'ella a fazer quarentena ?

— Basta de zombaria. Eu faço do casamento tão alta idéa, que quero entrar para elle com toda a minha fé.

— Comprehendo. Tu estás tão pervertido pelas mulheres que tens medo de não achar uma digna de te obrigar a fazer penitencia. Pois, meu irmão, se ainda ha uma n'esse caso, é Mlle. de Marcey.

Gontran voltou para o seu quarto decidido a não ir ao Café Inglez.

Mas ninguem se admirará se eu disser que á meia noite elle foi buscar Lucia ao theatro para ir com ella ceiar ao Café Inglez.

— Pensavas que eu não vinha ? disse-lhe elle.

— Eu ! nunca o duvidei. A prova é que dei cinco luizes ao criado do n. 12 para que elle abra a porta á uma hora quando nós passarmos pelo corredor; infelizmente, não consegui arranjar um gabinete proximo, temos de ir para cima.

Gontran andava como em um sonho.

— E no entanto, dizia elle, Lucia está enganada. Dá credito á fatuidade de algum parvo que se gaba como

fazem em todos. Não serei eu o confundido, será ella, quando se abrir a porta e Mlle. de Marcey não estiver lá.

Elle não quiz cear; só comeu algumas fructas. Mas, sem saber bem o que fazia, bebeu tres ou quatro taças de vinho de Champagne.

— Uma hora! exclamou de repente Lucia. Vae começar o espectaculo.

Gontran levantou-se.

— É impossivel, disse elle, tremo como se estivesse bebado.

— É a emoção.

— Não é o vinho.

Olhou para a garrafa.

— Admira! bebi tão pouco mas estou tonto.

— E demais, disse Lucia, é a esta hora que o Café inglez começa perder a cabeça.

Em todos os gabinetes gritava-se, ria-se e cantava-se. Paris nocturno dava alli o diapasão de sua locura.

Lucia tocou a campainha para avisar o creado do n.º 12.

— Carlos! estão os dous apaixonados no n.º 12.

— Sim, senhora, não ha quem o não saiba.

— Divertem-se?

— Um pouco, com decencia!

— A mulher é bonita?

— Ha quem diga que sim. Basta que lhe diga que está devestido decotado.

Gontran bateu com o pé.

— Vamos! vamos depressa, disse elle.

E passou adiante. Foi direito á porta do n. 12, como se quizesse entrar.

— Scio! disse Lucia detendo-o, o segredo não é teu nem meu. Hade abrir-se a porta, tu has de olhar e passar para diante senão, vamos-nos embora; basta de duellos. E demais tu não has de querer fazer um escandalo.

Lucia disse isto tudo depressa, emquanto o criado procurava a chave.

Abriu.

Gontran olhou e passou.

Que tinha elle visto?

— É ella, não é verdade? disse Lucia levando o comsigo.

— Não o posso crer, disse elle estupefacto.

— Viste-a com o seu lindo collo, seu vestido azul e o seu adereço de coral rosa. Não é lá cousa muito rica! Mas é uso as meninas solteiras vivem simples. Reparaste que ella não parecia estar a aborrecer se? Na guerra como na paz!

Gontran já não ouvia Lucia. Descia rapidamente a escada para não obedecer á sua indignação, porque queria voltar ao n. 12, e entrar com a sua pallidez, como a estatua do patricio de Pedro.

— E lembrar-me de que ella estava ahi como se esti-

vesse em sua casa! murmurava elle entre dentes. E com quem! com os cotovellos apoiados sobre a mesa, a ouvir as impertinencias daquelle idiota. Heide matal-o!

E voltando-se para Lucia:

— Dizes que é um principe aquelle animal de cabellos vermelhos que estava alli deitado sobre a mesa, pavoneando-se, apezar do seu nariz de tromba?

— É verdade, é um principe. Não é bonito, mas tem as folhas douradas.

Chegaram á rua.

— Para onde vais tu? perguntou Lucia a Gontran.

— Para tua casa.

Gontran interrogou Lucia o mais que poude.

— Mas como sabias tu que Mlle. de Marcey ia cear hoje ao café Inglez?

— Tu bem sabes qeu eu dou-me com a melhor sociedade; conversam perto de mim; nos bastidores não ha segredos: um falla da mulher, outro falla da amante; este dá noticias ao jornalista, aquel'e conta em segredo a chronica escandalosa. Nada é occulto em Pariz; cada homem tem o seu confidente; acontece o que costuma acontecer com os segredos de comedia: ora, eu vou sempre para os primeiros camarotes para ouvir tudo.

— Depois de ter visto, ainda não acredito.

— E eu acreditaria sem ver, porque conheço melhor as mulheres do que tu Tu imaginas facilmente que assim como ha mulheres perdidas, ha tambem mulheres

inacessiveis. Meu caro amigo, a mulher que resiste é porque não encontrou ainda o homem que a hade dominar.

— Leste isso em Saint Bruyère?

Gontran não queria convencer-se.

— E demais, disse Lucia, ha dous senhores que vencem a mulher: o que tem amor e o que tem dinheiro. Quem te diz que aquella mulher não curvou a cabeça ao dinheiro? Sabes com certeza se é a mãe della quem lhe paga os vestidos? Sabes de onde vem o dote que lhe promettem dar? Tenho ceado mais de uma vez com estrangeiros anonymos que não tinham medo de nós outros, porque bem sabiam que nós não frequentamos a sociedade para reconhecel-os lá! Olha, se me não queres crer, hei-de dar-te melhores provas.

E Lucia, que de nada receiava, apoiou o que dissera com estas palavras:

— Queres tu cear uma noite com ella e comigo?

— Quero! disse Gontran, como querendo medir a profundidade da sua magoa.

Mas depois de uma pausa.

— Não! disse elle, como se não quizesse tragar a vergonha de Mlle. de Marcey.

XVII

A PENNA ÁS VEZES FERE COMO ESPADA

Pela manhã, Gontran reconheceu que tinha readquirido o amor d'ella.

Lucia dormia ainda quando elle acordou; um raio de luz matinal cahia sobre os cabellos em desordem da comediante. Elle pensou n'aquelles lindos cabellos onde tantas vezes respirara a embriaguez e talvez a felicidade; tocou-lhes com os labios, mas já lhes não achou o mesmo seductor perfume.

Amava a menina de Marcy.

Lembrando-se do horrivel espectaculo da vespera, aquella rapariga decotada, com os cotovellos apoiados á mesa, a rir das tolices que lhe dizia o seu companheiro de aventuras, vinha-lhe o desprezo ao coração, mas não conseguia matar o amor nascente que cedo se arraizára.

Gontran não acordou Lucia.

Entregue ao ciume, decidido a achar a decifração do enigma, correu a casa de seu amigo Raul d'Oraie que não faltava a um baile da corte e conhecia Mlle de Marcy.

Teve de acordal-o.

— Raul, vejo por tua espada e teu chapéu de bico que esta noite dansaste na sala dos marechaes; diz-me, encontraste Mlle de Marcy?

— Vi-a e fiz-lhe a corte por ti. Diabos te levam e a tua lembrança de vir acordar de manhã tão cedo um homem que não perdeu uma valsa.

— Valsaste com ella?

— Valsei, eu gosto das mulheres d'aquella estatura; tenho medo d'essas pennas que, á primeira volta, voam-nos dos braços.

— Ellas assistiram a ceia?

— Não. Valsei com Mlle de Marcy ás onze horas e meia, pedi-lhe outra valsa, respondeu que antes da valsa seguinte retirar-se hia.

— E por onde iam ellas?

— Isto é o segredo dos deuses, e pergunta-o a mã ou a ella. Eu creio que ellas foram pura e simplesmente deitar-se. Olha cá, tu estás apaixonado por ella? Diz-me, está em concurso a successão do teu amor a Lucia? Diabo! olha que te não hão de faltar herdeiros. Emfim, dou-te os parabens, fizeste bem em mudar de patria. Quando é o casamento?

— Ainda não chegamos tão longe. Acho Mlle de Marcy encantadora, mas ainda se não leram os pregões. Adeus, ver-nos-hemos no Bosque — se acordares hoje.

Gontran correu a casa de Mlle de Marcy.

Morava ella com a mãe em um segundo andar na rua de Provence. Em casa d'ellas havia o luxo cosmopolita mais proprio de um acampamento que de uma habitação. A mãe e a filha gostavam mais de frequentar a sociedade do que de estar em casa; esperavam que Mlle de Marcy se casasse para lhe arranjar então o ninho.

Os aposentos eram ornados com a fria architectura de ha vinte annos. Salões brancos dourados, com desenhos detestaveis, pesada cornija onde se viam alguns enfezados raminhos, e no meio d'isso, moveis de toda a parte, palissandre, páu rosa, tudo isso a acotovellar-se com ornatos desastrados, relogios de carregação, quadros de contrabando, jardineiras das que se vendem ás duzias, tal era o aspecto da casa.

Ao chegar a casa d'ellas, Gontran recordou-se d'esse interior que o entristecera; já lá tinha ido duas vezes com sua mãe e tinha-se aborrecido, apezar, que logo á primeira vista, Mlle de Marcy lhe ter parecido encantadora.

— É verdade, murmurou elle, que este aposento não me inspira confiança, falta-lhe a intimidade que cada um procura ter na casa em que vive. No emtanto se,

como diz Lucia, houvesse um amante não viveriam em um aposento, mas sim em casa propria.

Entreabriu a janella da porteira.

— As senhoras de Marcy?

A porteira olhou para Gontran com alguma surpresa.

— Senhor, essas senhoras não recebem senão depois do meio dia.

— Bem sei. Mas minha mãe quer vir buscal-as para irem á missa. Voltaram muito tarde do baile da côrte?

— Eram por ahi tres horas de madrugada.

— Eu pensava que Mlle de Marcy nunca se deitasse tão tarde.

— A mãe, é possivel, mas a filha...

A porteira estava embalando um menino doente. Gontran deu-lhe cinco luizes.

— Tome, para seu filho.

Entrou para o quarto da porteira, querendo interrogal-a ainda, embora tivesse vegonha de descer a essa inquirição.

— A muito tempo que essas senhoras moram aqui?

— Ha seis mezes.

— Vem cá pouca gente?

— Qual! é um vae-vem perpetuo. Todas as nações sobem esta escada.

Gontran sabia que Mme de Marcy frequentava principalmente a sociedade internacional.

— Não tem ouvido fallar em um casamento?

— Não sei; tenho apenas reparado em um estrangeiro que vem cá muitas vezes e que anda lá emcima como em sua casa, mas não sei se vem por causa da mãe ou da filha.

Gontran não perguntou mais.

— É isto, disse elle, Lucia não se enganava. Porque razão minha mãe não estudou melhor estas mulheres?

Antes de sahir voltou-se para a porteira.

— Estas senhoras são deveras ricas?

— Ch! quanto a isso! Ha por cá muita desordem, mas é uma boa casa, em que o dinheiro anda a rolo e pagam á vista.

Gontran correu para casa da mãe.

— Sabem! ouvi contar bonitas cousas de Mlle de Marcy.

— Que queres dizer? Não te entendo.

— Eu é que te não entendo! Franquear tua casa, inda mais, teu coração, a mulher d'aquella ordem!

— Tu estás doudo!

Gontran contou então á mãe que Mlle Marcy tinha sahido do baile da côrte antes da ceia para ir cear ao café Inglez, onde elle a viu, tendo ella ido para casa ás tres horas da madrugada, pelo que elle estava desesperado.

— Minha mãe, disse elle, o que ha de mais triste no meio de tudo isto é que eu amo-a! tenho ciumes! e estou furioso!

Mme Staller estava attonita; chamou a filha.

Quando a calumnia ataca a uma mulher, inda que esteja branca e pura como a neve inacessivel levanta-se contra ella, pela malicia dos factos, um mundo de accusações. Corou, logo é culpada. Não corou, é porque já não córa. Sua candura? é uma mascara. E a sua ingenuidade? Já não ha mais ingenuas. O homem que fôr accusado de ter roubado as torres de Notre-dame, fuja da justiça, e a mulher que for accusada de ter faltado á virtude, chore.

Mlle Staller defendeu a amiga com a eloquencia do coração, mas os ciumentos não querem deixar-se convencer, muito menos pela innocencia.

— Escuta, disse ella ao irmão, vamos immediatamente a casa de Mlle de Marcy, tu mesmo a interrogarás, não quero que guardes nem mais cinco minutos em teu coração um odio suspeito.

Gontran recusou.

— Eu não suspeito, accuso! disse elle. Está tudo acabado, não quero mais vel-a. Ah! nem tu nem minha mãe sabem que abysmos e mysterios ha em Pariz.

Mme Staller lembrou-se de como tinha conhecido as senhoras de Marcy.

Foi em casa de uma americana, onde havia mais luxo que decencia. Em Pariz a amisade cresce depressa, porque tambem não dura.

Mme Marcy era muito agradavel, a filha sabia muito bem musica, e por isso Mme Staller sympathisára muito com ellas, encontraram-se depois muitas vezes; da sympathia á amisade só ha um passo. Mas a respeito do passado nunca fallaram.

Mlle Staller continuava a defender a amiga mas, a mãe deixava-se pouco a pouco se convencer pelos argumentos do filho.

— Olha! disse-lhe ella, como temos de ir hoje a casa d'ellas, estudal-as-hemos de mais perto.

Gontran não sabendo o que fazer foi para o seu quarto. Devia voltar a casa de Lucia? Sentia-se arrastado para Mlle de Marcy. Abriu a gaveta de um aparador de carvalho esculpido, onde amontoava todas as suas cartas, cartas de amor e cartas de negocios, pagina por pagina da sua vida. Poz-se a revolver esse capharnaum.

A primeira carta que encontrou era do tabellião, que elle mal tinha lido.

— Oh! meu Deus, disse elle, ia-me esquecendo.

O tabellião tinha-lhe emprestado algum dinheiro, apenas dez mil francos, e agora instava por elles. Não ha quem menos dinheiro empreste que um tabellião.

— Dez mil francos! onde diabo quererá elle que eu os vá buscar!

Gontran vivia sem poder contar com o dia seguinte, pedindo emprestado a todos, promettendo sempre pôr

fim ás suas desordens, como todos os que tencionam ter juizo— amanhã. Pela primeira vez em sua vida resignou-se a fazer contas. Fez grandes addicções, mas as diminuições emparelhavam com ellas para as destruir.

Arremessou longe de si a penna horrorisado.

— Mas assim nada mais tenho ! disse elle.

E pensou em Mlle de Marcy.

— Era a minha salvação !

E d'ahi a pouco:

— Se eu quizesse, seria ainda a minha salvação.

Submetteu o coração a uma luta entre a honra e o dinheiro ; lembrou-se que está o mundo cheio de gente que passa bem capitulando com a consciencia, lançou os olhos em torno de si e penetrou em todas as almas perdidas que affrontam a dignidade.

— Não, disse elle, antes morrer !

É que elle via sempre Mlle de Marcy no n. 12 do café Inglez.

Mas como pôde ella chegar áquella baixeza?

Talvez estivesse soffrendo as consequencias de uma primeira falta, um desses desvarios que algumas meninas commettem sem ter consciencia delles.

Quem sabe se não era abrigada a obedecer á imposições da força maior? Talvez tivesse conhecido esse homem na Italia, e se resignasse a vel-o ainda para comprar-lhe o silencio, adiantando-se no escandalo,

ou seria ella victima de alguma mercancia infame feita pela mãe, um d'esses contratos de infamia reciproca, em que um entra com o dinheiro e outro com o corpo? Ou seria ella uma dessas raparigas complacentes que, por ter horror á mizeria, se sujeitasse secretamente á deshonra, para salvar a familia?

Era para endoudecer. Conhece-te a ti mesmo, diz a sabedoria das nações: ora, o homem não se conhece. Como poderá elle conhecer a mulher, o symbolo eterno do bem e do mal? A mulher que deu ouvidos ao espirito do demonio estando sob o olhar de Deus?

Era meio dia; a essa hora Mlle de Marcy recebia uma cartinha anonyma, garatujas com ares de brincadeira, mas que deviam deixar signaes e envenenar.

« Mlle de Marcy está satisfeita com a noite que passou? Baile na côrte! ceia no café inglez; suppõe-se que levava no vestido uma flor do formoso Gontran: era para que cada um tivesse o seu quinhão. Só as filhas-familias sabem divertir-se: dizem que as mulheres perdidas lhes roubam os amantes. Calumnia! São aquellas que roubam os amantes d'estas. Para Mlle de Marcy isto é um costume antigo. »

A pobre menina ao ler esta carta ficou pallida como a morte e desmaiou vendo apparecer a imagem de Gontran.

A mãe correu para ella, levantou-a nos braços e

deu-lhe a cheirar saes, passando ao mesmo tempo uma vista d'olhos pela carta que lhe tinha cahido aos pés.

No mesmo dia, uma amiga officiosa veio fazer uma visita a Mlle Marcy.

— E então, não me querem contar a novidade ?

— Que novidade ? perguntou Mlle de Marcy inquieta.

— Sou eu então quem lh'a hei de contar ? Deviam ter-me confiado isso mais cedo.

— Não comprehendo.

— A menina vae casar com Gontran Staller ? porque faz segredo da sua felecidade ?

— A senhora está mais adiantada do que nós, disse Mlle de Marcy.

— Dou-lhe os parabens; boa familia bonito rapaz, um pouco doudo pelas actrizes, mas é preciso pagar o tributo á mocidade. Estes homens! o melhor d'elles não presta para nada ! Estimo muito que esse casamento se faça, mas sou muito sua amiga para lhes não dizer tudo que sei.

— Ainda uma vez, digo-lhe que não ha tal casamento. Mas emfim, o que sabe a senhora ?

— Sei que o sr. Gontran Staller, que é o melhor dos filhos e dos irmãos, concordo, já comeu tudo que tinha e um pouco tambem do que não tinha. Dizem que o dote da irmã está já em parte consumido e que a mãe

ficará arruinada pagando as dividas delle. Meu filho é que não é capaz de se acanalhar com actrizes!

E emquanto a mãe e a filha olhavam uma para outra, surprehendidas por tal revelação, a mulher continuava a fallar de seu filho. Esse é que era um anjo, tinha sido educado pelos jesuitas, tinha horror ao theatro, era assiduo á missa e ao sermão; nunca sahia só, em uma palavra, era um santo.

— Confesso-lhe, disse Mlle de Marcy, que comprehendeu que o que a tal mulhersinha queria era empurrar-lhe o santo, que teria muito orgulho e dar-me-hia por muito feliz em casar com o sr. Gontran Staller, inda que elle não possuisse um soldo. Se elle tem dividas, nós bem podemos pagal-as, não é assim, mamãe?

Mme de Marcy beijou a filha que estava pallida, ainda por causa da carta anonyma.

Sabe-se que á noite toda familia Staller devia vir passar duas horas á casa dos srs. de Marcy.

Mlle de Marcy enfeitou-se mais do que nunca. As fadigas da noite e a magoa daquelle dia tinha-a empallidecido, o que dava á sua belleza um não sei que de terno e commovente. Desde que ella amava Gontran havia sempre em sua physionomia mais expressão.

Deu ordem ao creado para ir dizer ao porteiro que a sua mãe não estava em casa para ninguem, excepto para a familia Staller.

Ás nove horas sentou-se ao piano e tocou arias da

Somnambula; a mãe estava perto della risonha a ler os jornaes da noite. Ás dez horas, começavam a admirar-se de não ouvir bater ninguem á porta.

Ás dez e meia, Mlle de Marcy sahio do piano e levantou a cortina de uma janella da sala para ver passar as carruagens.

Ás onze horas, abriu a janella para respirar, a mãe tinha adormecido.

Trouxeram o chá.

— Tens certeza, perguntou Mlle de Marcy ao criado, que as sras. de Staller não vieram ?

— Sim, minha senhora, tenho certeza d'isso, porque o porteiro que veio cá acima saber se era preciso ficar acordado até muito tarde, disse que não tinha vindo pessoa alguma, a não ser o marquez d'Asti.

— Tu bem sabes que ella sempre vem tarde, disse Mlle de Marcy, que não tinha olhado para o relogio.

Mlle de Marcy esperou ainda.

Á meia noite, atirou-se aos braços da mãi, exclamando :

— Ah! como eu sou desgraçada!

Toda a noite não dormiu, no dia seguinte, á hora do almoço, com a esperança de a essa hora encontrar Gontran, foi a pé, acompanhada por sua creada grave, a casa da familia Staller.

Subiu para o quarto da irmã de Gontran e conheceu logo que estava tudo perdido para ella.

Mlle Staller poz-se a chorar e apezar de lhe não querer dizer nada, confiou lhe tudo o que o irmão lhe tinha contado.

Mlle de Marcy ouviu-a até ao fim, como se a indignação a não deixasse fallar.

Depois, ao fim de alguns momentos de silencio, levantou-se e com voz altiva deixou cahir estas palavras:

— Seu irmão disse isso? Sinto vergonha por elle. Seu irmão foi ver-me em um gabinete do café Inglez? Julgou que era possivel encontrar-me lá? Disse que me viu! O que é então seu irmão? É uma alma de lacaio. Pois eu poude amar um homem tal! Oh! mas nunca mais me merecerá senão desprezo! Adeus! creio que a senhora não imagina que eu desça a defender-me!

Mlle de Marcy sahiu sem voltar a cabeça. A raiva dominava-lhe o coração, se visse Contran têl-o-hia esbofeteado. Quizera que a terra se abrisse para recebel-a. Ao sahir, elevou a mão ao coração, dizendo:

— Eu morro!

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

INDICE DOS CAPITULOS

I. — Quanto custa um boquet de cem soldos..... 5
II. — Perfil a tres-quartos de Mlle Lucia..... 17
III. — Um pai romano..... 31
IV. — Noite de febre, dia de febre..... 35
V. — Dinheiro ao amor..... 43
VI. — Uma nemia para casar..... 49
VI. — Lucia chora..... 57
VIII. — A chuva de ouro..... 65
IX. — A familia..... 69
X. — A vida intima..... 77
XI. — As loucuras de uma cadeira de orchestra..... 81
XII. — Um passeio..... 91
XIII. — O testamento..... 97
XIV. — O amor e a consciencia..... 103
XV. — A tocadora de harpa..... 107
XVI. — Do perigo de escrever cartas..... 111
XVII. — A pena ás vezes fere como espada..... 129

FIM DO INDICE DO PRIMEIRO VOLUME.

Typ. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda, nº 18. — 1871.

L. Guimarães Junior

Historia para gente alegre. 2 v. in-8º enc. 5$, br.. 4$000
Curvas e Zig-zags. *Caprichos humoristicos.* 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000
Contos sem Pretenção: A Alma do outro Mundo, o Ultimo Concerto, o Homem e o Cão. 1 v. in-8º enc. 3$000, br. 2$000
Carlos Gomes, Perfil biographico. 1 v. in-4º br..... 1$000
Filagranas. 1 v. in-8º, enc 3$000. br. ..... 2$000

Bernardo Guimarães

O Indio Affonso, seguido de *A morte de Gonçalves Dias*, 1 v. in-12 enc. 1$600, br..... 1$000
O Seminarista — Romance brasileiro, 1 v. in-8º enc. 3$000 br..... 2$000
Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes: A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8º, enc. 3$000, br..... 2$000
O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8º, enc. 3$000, br..... 2$000
O Ermitão do Muquem, ou Historia da fundação da romaria do Muquem, na Provincia de Goyaz; romance de costumes sertanejos. 1 v. enc..... 3$000
Lendas e Romances: Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc. 3$000 br..... 2$000
Poesias completas, Cantos da solidão. 1 v. in-4º enc.. 6$000

Rozendo Moniz

Favos e Travos, romance. 1 vol. in-8º br. 2$000, enc.. 3$000

J. M. Pereira da Silva

Aspasia, romance. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000
Manoel de Moraes, chronica do Seculo XVII, romance historico. 1 vol. enc. 3$000, br..... 2$000
Jeronymo Corte Real, chronica do Seculo XVI, romance historico. 1 v. enc..... 3$000
Historia da Fundação do Imperio Brazileiro. 7 volumes encadernados..... 35$000
Os Varões Illustres do Brazil durante os tempos coloniaes; 3ª edição. 2 v. enc..... 8$000

Eugenio Sue

A Inveja. 1 v. in-8º br. 4$000, enc..... 5$000
A Ira. 1 v. in-8º br. 2$000, enc..... 3$000
A Soberba. 1 v. in-8º br. 6$000, enc..... 8$000

Typ. Franco-Americana, r. d'Ajuda, 18. 1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

Collecção in-12 a 1$000 o volume

J. DE ALENCAR.	— Til	4 v.
BERN. GUIMARÃES.	— O Indio Affonso	1 v.
O. FEUILLET.	— Julia.	1 v.
J. SANDEAU.	— João de Thommeray	1 v.
FAUSTO.	— Um Casamento de tirar o Chapéo . .	1 v.
—	— A Caça de um Baronato	1 v.
—	— Scenas da Vida Republicana. . . .	1 v.
—	— Um Provinciano ladino	1 v.
—	— Dous Dias de Felicidade no Campo. .	1 v.
KOCK JUNIOR	— Um Marido por um pé de meia. . .	1 v.
—	— O Bom do Sr. Leitão	1 v.
—	— O Pandego	1 v.
A. BELOT.	— A Mulher de Fogo	2 v.
A. BELOT e J. DAUTIN.	— O Matricida	2 v.
—	— Dacolard e Lubin.	2 v.
E. ABOUT.	— O Nariz de um Tabellião	1 v.
A. DUMAS FILHO	— O Homem-Mulher.	1 v.
—	— Sophia Printemps.	2 v.
MAX-VALREY	— Martha	3 v.
P. DE KOCK.	— Friquette.	2 v.
—	— Memorias.	2 v.
—	— A casa Perdaillon & Comp.	1 v.
A. ASSOLANT.	— Confissão de um Badense	1 v.
—	— O Doutor Judassohn	1 v.
E. GABORIAU.	— A Vida Infernal.	6 v.
—	— A Corda na Garganta.	5 v.
P. FÉVAL.	— O Sobrevivente	4 v.
E. FEYDEAU.	— A Arte de agradar	1 v.
X. DE MONTÉPIN.	— O Marido de Margarida	2 v.
—	— A Condessa de Nancey.	2 v.
—	— O Amante de Alice	2 v.
—	— O Bigamo.	4 v.
FLAVACQUES & BACHAUMONT	— Rolande	2 v.

Typ. FRANCO-AMERICANA, rua d'Ajuda 18. — 1874.

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA
Collecção in-12 a 1$000 o volume.

ARSÈNE HOUSSAYE

LUCIA

HISTORIA
DE
UMA MULHER PERDIDA

VERSÃO DO FRANCEZ

TOMO II

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69 rua do Ouvidor 69

Obras que se achão á venda nesta livraria:

Moreira de Azevedo

Mosaico Brazileiro ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anecdotas, curiosidades e factos historicos de brazileiros illustres. 1 v. in-8º enc..... 3$000

Criminosos Celebres: Episodios historicos. Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os Salteadores da Caqueirada. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico. 1 v. in-8º enc. 3$000, br ..... 2$000

Lourenço de Mendonça, romance historico. 1 v. in 8º, enc. 3$000, br..... 2$000

Curiosidades. Noticias e Variedades Historicas Brazileiras. 1 v. in-8º enc. 3$000, br... ..... 2$000

Machado de Assis

Historias da Meia Noite. 1 v. in-8º enc. 3$, br..... 2$000

Contos Fluminenses, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma viuva moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, 1. v. enc..... 3$000

Resurreição, romance. 1 v. in-8º br. 2$000, enc... 3$000

Chrysalidas. Poesias com um prefacio do Dr. Caetano Filgueiras, 1 v. br. 2$, enc..... 3$000

Phalenas. Poesias, contendo: Varia, Lyra Chineza, Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira, 1 v. enc..... 3$000

Maria Desraismes

Eva contra A. Dumas filho. Refutação do Homem-Mulher, br. in-12..... 600

Bernardo Guimarães

O Indio Affonso, seguido de *Á morte de Gonçalves Dias*, 1 v in-12 enc. 1$600, br..... 1$000

O Seminarista, romance brazileiro, 1 v. in-8º enc. 3$000 br..... 2$000

Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes: A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8º enc. 3$000, br. 2$000

O Ermitão do Muquem, ou Historia da fundação da romaria do Muquem, na Provincia de Goyaz; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc..... 3$000

Lendas e Romances: Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc. 3$000 br..... 2$000

Poesias completas. Cantos da solidão, 1 v. in-4º enc. 6$000

LUCIA

Obras que se achão á venda nesta livraria:

Moreira de Azevedo

Mosaico Brazileiro ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anecdotas, curiosidades e factos historicos de brazileiros illustres. 1 v. in-8º enc..... 3$000
Criminosos Celebres: Episodios historicos. Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os Salteadores da Caqueirada. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000
Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico. 1 v. in-8º enc. 3$000, br ..... 2$000
Lourenço de Mendonça, romance historico. 1 v. in-8º, enc. 3$000, br..... 2$000
Curiosidades. Noticias e Variedades Historicas Brazileiras. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

Machado de Assis

Historias da Meia Noite. 1 v. in-8º enc. 3$, br..... 2$000
Contos Fluminenses, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma viuva moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, 1. v. enc..... 3$000
Resurreição, romance. 1 v. in-8º br. 2$000, enc... 3$000
Chrysalidas. Poesias com um prefacio do Dr. Caetano Filgueiras, 1 v. br. 2$, enc..... 3$000
Phalenas. Poesias, contendo: Varia, Lyra Chineza, Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira, 1 v. enc..... 3$000

Bernardo Guimarães

O Indio Affonso, seguido de *Á morte de Gonçalves Dias*, 1 v in-12 enc. 1$600, br..... 1$000
O Seminarista, romance brazileiro, 1 v. in-8º enc. 3$000 br..... 2$000
Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes: A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000
O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8º enc. 3$000, br. 2$000
O Ermitão do Muquem, ou Historia da fundação da romaria do Muquem, na Provincia de Goyaz; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc..... 3$000
Lendas e Romances: Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc. 3$000 br. ..... 2$000
Poesias completas. Cantos da solidão, 1 v. in-4º enc. 6$000

1874. — Typ. Franco-Americana, rua d'Ajuda, nº 18.

LUCIA

HISTORIA

DE

UMA MULHER PERDIDA

POR

ARSÈNE HOUSSAYE

VERSÃO DO FRANCEZ

TOMO II

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69 Rua do Ouvidor 69

LUCIA

HISTORIA DE UMA MULHER PERDIDA

I

AS NUVENS NEGRAS DA FELICIDADE

O sr....

É convidado para assistir ao sahimento, officio e enterro de *Mlle Clotilde de Marcy*, morta em sua casa, á rua de Provence, com vinte e um annos de idade, tendo recebido os Sacramentos da Igreja, hoje 24 de janeiro de 1869, ás onze horas, na Igreja de Notre-Dame de Lorette, sua parochia.

Da parte da Viuva Clementina de *Marcy*, sua mãi; de M. André de *Marcy*, de M. Gaston de Presles, do sr. Marquez de Chavau, seu avô, tio, primos e primas.

Esta carta cahiu como um raio no meio da sociedade parisiense.

— Morta! diziam, pois ella estava doente?

E lembraram-se d'aquella saude ainda em flor quando começaram as festas do inverno. Se entre todas as mulheres que eram então a alegria e o encanto dos salões parisienses, se predicesse a morte proxima, de certo não seria a de Mlle de Marcy. É que ella gozava plena saude, corria-lhe pelas veias um sangue rico e generoso, resplandecia-lhe a alma no rosto; todas as mães olhavam-na com inveja e com amor, conforme tinham filhas ou filhos.

Á missa, Mlle Staller chorava bem sentidas lagrimas.

— Porque chora a senhora? disse-lhe de repente uma senhora que estava diante d'ella.

Não queria responder á essa extranha pergunta, que no emtanto era menos extranha feita a ella que a qualquer outra pessoa.

— Choro, murmurou ella, porque ella era minha amiga.

— Sua amiga! Foi a senhora quem a matou! Pois não sabe que ella veiu de sua casa desesperada pelo que a senhora lhe disse? Foi atacada por uma febre violenta, deitou-se mal chegou á casa; vi-a essa noite, interroguei-a o mais que pude, guardou absoluto silencio. Á noite, teve delirio; tinha sido ferida no coração, o coração estalou e matou-a. Que lhe disse a senhora?

Mlle Staller não sabia como responder.

— Ella amava meu irmão, e eu disse-lhe que meu irmão não a amava.

— Não, não foi isso! Não morreu por não ser amada, morreu porque a calumniaram:

Mlle Staller abaixou a cabeça e rezou. Ah! quanto estava arrependida de ter dito á amiga o que sabia!

— Ai! murmurou ella, é bem infeliz meu irmão, porque tudo quanto elle faz dá em mal.

N'esse mesmo dia, tinham ido dizer a Mme Staller que seu filho tinha perdido muito na Praça. Por isso é que ella, que já estava doente, não poude ir á missa.

Logo que arrancaram dos braços maternos os restos mortaes da filha, a infeliz mãe correu meia doida a casa de Mme Staller.

— Onde está seu filho? disse ella fóra de si.

— Não me falle em meu filho! está perdido para mim.

— É um monstro e é um covarde, disse Mme Marcy. Já que ha palavras que ferem mortalmente, eu quizera feril-o tambem; mas elle nada sentiria, porque é um homem sem coração.

As duas mães lamentaram-se emquanto a morte levava a filha de uma e tentava o filho da outra.

Na hora do enterro, Gontran, louco de dor, tinha armado uma pistola.

Só lhe restava uma consolação: era fazer a funebre viagem em companhia da amavel creatura que, ha alguns dias, amava perdidamente.

Mas por tres vezes chegou a pistola á fronte, e tres vezes pouzou-a sobre o fogão, atterrado por se ver tão pallido.

Faltaria a coragem a Gontran? Ter-se-hia esquecido de abraçar a mãi e a irmã? Quereria dizer adeus a Lucia?

Não. O que elle queria era descobrir o mysterio da ceia do café Inglez.

II

O ABYSMO COR DE ROSA

Durante alguns dias, Gontran não sahiu de casa. Não recebia nem um amigo, não apparecia á mãi nem á irmã senão á hora do jantar. Não almoçava. A penas tomava de manhã em seu quarto uma chicara de chá ou de chocolate.

Que fazia elle n'essa solidão voluntaria? Chorava por Mlle de Marcy?

Accusava-se da morte d'ella, batia no peito, e desesperava da vida.

— E no emtanto, dizia elle, não foi minha culpa! Se ella estava culpada, mais cedo ou mais tarde reconheceria a sua vergonha e sepultar-se-hia com ella, porque tinha guardado intacto o coração.

E lamentava-a. Elle que era indulgente para com as mulheres, porque tinha amado as peccadoras, julgava

que Mlle Marcey não era menos interessante morrendo por ter encarado o seu peccado face a face do que por ter sido ferida pela calumnia.

A calumnia não mata, dizia elle, porque a consciencia é uma couraça impenetravel.

E Gontran repetia constantemente :

— E demais não a vi eu n'esse horrivel gabinete n. 12?

Algumas vezes porém dizia :

— E se não fosse ella?

Mas viu ainda aquelle rosto risonho, aquelles cabellos negros como a aza de um corvo, ornados de coral, aquelles olhos de veludo vagamente desvairados pela alegria nocturna que nasce do amor e do vinho de Champagne.

A conclusão de todas as suas reflexões foi que Mlle de Marcy tinha tido um amante, quer por surpreza, quer por interesse.

No dia em que ella o tinha encontrado, a elle, Gontran, tinha sentido todo o horror da sua falta. Talvez d'ahi em diante só tornasse a ver o amante para romper com elle, e depois consolar-se com o casamento, subindo ás espheras radiantes de virtude de esposa e mãi. Mas desde que Gontran lhe descobriu o segredo, que lhe restava? Perder o amor d'elle, achava-se a braços com a propria vergonha, e atirava-se desvairada á febre e ao delirio que deviam em poucos dias leval-a á sepultura.

Por conseguinte, no espirito de Gontran Mlle de Marcy

morreu porque o amava e porque tinha já tido um amante.

Com essas ideias foi elle muitas vezes divagar junto do tumulo d'ella, no Père-Lachaise, na altura em que está o monumento do duque de Marcy.

O nome ainda não estava inscripto no marmore. Enterraram-na ao lado do pai, cujos restos mortaes tinham sido removidos de Florença seis mezes antes. Mais de uma vez perguntaram a Mme de Marcy o que queria que escrevessem no marmore; ella estudava epitaphios, mas nunca achava um bastante eloquente.

Um dia que Gontran estava inclinado sobre o sarcophago, chegou Mme de Marcy com um ramo de violetas.

Reconhecendo Gontran, deitou-lhe um olhar terrivel e perguntou-lhe com voz glacial o que vinha alli fazer.

— Venho chorar, disse Gontran.

— Prohibo-lhe que se approxime d'esta sepultura. Desde que eu lhe prohibi de ir a minha casa, o senhor deveria deixar de vir aqui. Pois não comprehende que minha filha soffre ainda no tumulo os ultrajes da sua calumnia?

Gontran affastou-se machinalmente, porque não sabia como responder.

— É celebre, dizia elle, pois a mãi não sabia? Não era então uma questão de dinheiro?

Voltou á casa de Lucia que já o não esperava.

Teve de esperar na ante sala; sujeitou-se a tudo, como

se em sua magoa tivesse perdido a pouca energia que lhe restava.

— Bom dia, Gontran, disse-lhe Lucia, alegre como sempre; eu andava triste por não te ver mais. D'onde vens tu? Tens andado a chorar os meus peccados?

— Talvez, respondeu Gontran que já não sabia em que pé estava n'essa casa que elle tinha dado á actriz.

— E quem te traz cá hoje? Supponho que não sou eu.

— Talvez, disse outra vez Gontran.

— Ora vamos, falla! Já não és o mesmo! Como estás palido! Queres vir ao meu quarto ver-me emquanto Eugenio Deschamps tira o meu retrato para o principe***?

Gontram, suspirou:

— Escute, Lucia, é preciso, custe o que custar, que eu veja o estrangeiro que estava ceando no n. 12 do café Inglez.

— Porque?

— Porque quero saber toda verdade, porque estou aborrecido de viver e seria para mim uma fortuna ser morto por um bom estocador.

— Oh! tu estás doente!

Lucia pegou na mão de Gontran e tomou-lhe o pulso.

Elle estremeceu e sentiu que se lhe despertava o coração. Julgava já não amar Lucia, mas o terrivel magme-

tismo que ella exercia sobre elle como um *feitiço*, perturbava-o de novo, até o intimo d'alma.

— Olha! não quero que um homem que eu amei acabe mal. Volta a ti.

— Não! disse tristemente Gontran.

— Pois então! volta a mim. Eu sou generosa, perdôo-te os meus peccados.

E beijou o ex-amante.

— Tu bem sabes que é impossivel, disse Gontran. Não estás com o principe*** ?

— E o que tem isso?

A actriz disse em phrase caracteristica como a tem dito em scena.

— Ora! continuou ella, o principe é bom rapaz. Não te batas nem com elle nem com o teu outro rival; e demais, esse está a estas horas em Hamburgo, onde sem duvida vae descencovar alguma outra estrangeira distincta. Nasceu para este genero de aventuras. Queres jantar comigo? Mas, por favor, não fallemos mais nessa historia. Tu abandonaste-me pouco delicadamente, não sei porque; foste bem feliz em ter-me apparecido o principe senão terias que ver comigo. Onde diabo tens tu passado o tempo? Porque, se bem me lembro, escrevi-te e a carta voltou.

Gontran viu que Lucia não sabia da morte de Mlle de Marcy; não quiz fallar n'isso, como se receasse profanar a pobre morta.

Decidiu-se a jantar com a comediante.

— E se o principe vier?

— Estará o principe em minha casa, mas tu estás na tua.

Lucia pensava, como mulher de juizo que sempre era, que se o principe chegasse e se queixasse de encontrar Gontran, seria um bom encontro para elle, porque então lhe diria: « Meu querido principe, eu não serei inteiramente livre e feliz emquanto me não comprares uma outra casa; tanto mais quanto esta não é digna de ti. »

E chegaria assim ao seu ideal, que consistia em ter uma casa na grande avenida dos Campos Elyseos, o que é o sonho querido das ambiciosas de hoje. Essa noite, Gontran não voltou para casa. Nem no dia seguinte. Nem no outro dia.

Onde estaria elle?

Mme Staller, inquietissima, arriscou-se a mandar á casa da rua de Courcelles. Gontran não estava. Mandou a casa de um amigo d'elle, Raul d'Oraie, o unico a quem elle fallava ultimamente; elle não lhe tinha confiado todos os seus segredos, mas talvez, Raul os tivesse adivinhado; Raul veio ver Mlle Staller, e entristeceu-se com ella da decadencia do filho. Apezar de querer esconder-lhe o mal profundo que o dominava Gontran, não lhe occultou que elle passava quasi todas as noites na *Maison d'Or*.

É que já não tinha o direito de dormir em casa de Lucia!

E ahi está porque Gontran recebeu uma carta de sua mãe, com este sobrescripto:

« Ao sr. Gontran Staller, na Maison d'Or ».

Gontran não era então o doido a quem se podia escrever assim. Sabe-se o que é um viver impossivel. Começa á noite. Fumam, conversam e, jogam. Dá meia-noite, é a hora em que chegam as mulheres; fumam, conversam jogam. Ah! esquecia-me: ceiam: Provam de tudo com labios scepticos. O vinho de champagne, os ditos das mulheres, as gargalhadas communicam uma alegria feiticeira a esses corações doentes. Amanhece: já que o sol se levanta, é bom que a gente se deite. Agarram a mulher que está mais á mão para não irem sós. Refiro-me áquelles que, como Gontran, tem um amor que os persegue, um pezar que os opprime, um remorso que os magôa. Levantam-se ás duas horas, arrastam-se até o seu circulo, jogam ou vêm jogar quando não tem mais dinheiro. Jantam um aqui, outro ali, mas encontram-se sempre no *Maison d'Or*, ou no café Inglez.

Gontran tinha chegado a ponto de abandonar-se á sorte; deitou a consciencia ao mar para desalijar o navio. Vivia com uma e com outra, quasi se póde dizer que vivia á custa de uma e de outra; sabiam que elle tinha sido rico, pensavam que o tornaria a ser. H mulheres que, como os usurarios, empregam o amor a altos

juros; ha algumas que se conhecem tão bem, que acreditam que dando-se, não dão cousa alguma: é mais uma noite que passam na prisão forçada das paixões más condemnadas *ad perpetuam*.

Gontran, que tinha jurado a sua mãe não tornar a ver Lucia, não ousava voltar para casa depois que se deixou de novo prender aos maleficios d'essa feiticeira. Vivia dia por dia, noite por noite, sem cuidar mais em sua dignidade, porque não cuidava mais no dia de amanhã. Depois que só lhe restava um amigo: a sua pistola. Estava convencido que teria de recorrer a esse amigo ultimo.

Mas o que elle não confessava a si mesmo, convem que eu o confesse. Quero contar sua historia. Prendera-se mais violentamente que nunca ao amor de Lucia; forcejava por apagal-a da lembrança; mas por mais que fizesse, ella estava sempre presente. Se abria um jornal, lia o que ella fazia e dizia; se dava ouvidos ás conversas, fallavam na comediante. Á noite, entre nove e dez horas, ia, sem o saber, sentar-se em sua cadeira no theatro. Sentia uma volupia atroz em ouvir os applausos e ver cahir os bouquets. Lucia era obra sua, mas já lhe não pertencia. Teria talvez sentido o mesmo prazer se a ouvisse patear.

Os que se indignarem por vel-o tão covarde e com esta paixão que não conseguia dominar, é que passaram talvez pelas paixões sem arcar com ellas. É preciso não

esquecer que Lucia era formosa. Nem alma, nem coração, dir-se-ha.—E as obras primas da arte? E de mais se ella o não tinha amado, elle acreditava que tinha sido amado por ella: em amor, a realidade nada vale, a illusão é tudo. E nada valia, então, ter-lhe ella inspirado tanto amor? Se o coração d'elle viveu, não foi ella que o fez viver? O verso de Voltaire será eternamente verdadeiro em sua belleza; quero cital-o ainda:

« Sou eu que devo tudo, porque te amo, a ti [1] ».

Mas como não tinha Gontran coragem de furtar-se a essa paixão que só lhe podia causar vergonha? Quando elle ia a casa de Lucia, não era como esses pobres envergonhados, esses antigos amigos cahidos na miseria, a quem se dá as migalhas do festim do amor? Como se humilhava elle a ponto de ser mendigo na casa de que tinha sido senhor? É que o amor é ao mesmo tempo soberano e escravo: quantas vezes, depois de ter gozado do seu triumpho, desce a ponto de beijar as cadeias que o prendem!

Se restava a Gontran um pouco de orgulho, elle empregava-o no culto que dedicava a Lucia; commovia-se com o ruido que se fazia em torno d'ella e que lhe chegava aos ouvidos; sabia bem o que valia essa aura ephemera que acompanha a comediante, mas dava-lhe importancia como todos.

N'esse tempo a fama, como por zombaria, coroava as

[1] C'est moi qui te dois tout, puis que c'est moi qui t'aime.

frontes de algumas comediantes e de algumas cortezãs os generaes estavam no segundo plano, como se as batalhas de amor fossem mais heroicas que as victorias alcançadas sobre o inimigo; não só os generaes, tambem os homens politicos, os diplomatas, os poetas, os artistas. De cada vez que se descobria uma estrella no céu contemporaneo, pertencia a uma grande velhaca. Que fazer a isso? Não serviu produzir-se o mesmo phenomeno na antiguidade? Quantas olympiadas que Athenas brilham até hoje pelo esplendor das cortezãs? Quantos homens illustres, estão esquecidos, quantos reduzidos, a pó, ao passo que a lampada funebre das Aspasias e Phryneas brilham sempre!

É a injustiça e a imperfeição que servem de prova á existencia do céu—o outro mundo.

Gontran tinha recahido, não direi em todas as ebriedades, mas em todas as angustias de seu amor.

Lucia fazia-lhe o favor de o receber uma vez ou outra. Mas, uma noite, nos bastidores, disse-lhe:

— Não vás mais a minha casa, o principe tem ciumes.

— E eu tambem tenho ciumes, disse Gontran, querendo altear-se ao nivel do principe.

Lucia poz-se a rir — com um riso diabolico.

— Ah! tambem tens ciumes? disse-lhe ella, n'isso te pareces com o principe; mas, em uma outra cousa não te pareces com elle: é que elle dá-me oito mil francos por mez e tu não me dás nada.

III

O DECAHIMENTO DO AMOR

Gontran sentiu-se ainda mais infeliz. Procurou consolar-se do amor com outros amores. Mas só encontrava nauseas e desespero.

Se Lucia o tivesse visto vagando em volta da casa d'ella depois de uma noite sem somno, esperando a hora em que ella ia aos ensaios, sem duvida lhe teria dado por esmola um sorriso, por mais cruel que ella fosse, mas como sahia sempre mais tarde do que devia, ia a passar os olhos pelo papel sem ver quem estava na rua. Mas, Gontran, por um resto de pudor, não se metia debaixo das patas dos cavallos.

No entanto, uma manhã, ella vio-o pallido, triste, mal vestido.

— Que diabo vem elle fazer por aqui? disse ella.

Disse-lhe adeus com a mão, sem comprehender que

era a propria paixão que vinha chorar debaixo das janellas d'ella.

O conde d'Aspremont encontrou um dia Gontran, pallido, sombrio, desvairado, a esconder o seu desespero por perto da casa de Lucia.

O pobre doido abriu o coração a d'Aspremont :

— Não posso mais, preciso tornar a vel-a, disse-lhe elle com as lagrimas nos olhos.

— Ora, meu amigo, tu causas-me lastima! Uma creança tem mais altivez do que tu. Eu te peço, em nome de tua mãe e de tua irmã, sê homem.

— Preciso ver Lucia uma ultima vez.

— E onde queres tu vel-a?

— No theatro. Li no jornal que ella representa esta noite um novo papel.

— É isso, já sei o que vae succeder : os bravos e os bouquets hão-de subir-te á cabeça!

— Não! empresta-me cinco luizes.

— Toma, ahi tens os cinco luizes. O que vás tu fazer com elles?

— Comprar luvas.

— Tu sabes que tua familia está desesperada. Porta-te como um homem honesto ; vae ao theatro, mas não deixes de ir para casa.

Os dous amigos separaram-se. Gontran não comprou luvas : gastou tres luizes em tres bouquets ; deu vinte francos a um pobre — milagre! — e guardou vinte fran-

cos para dar á porteira dos camarotes, não só para que ella mandasse atirar os bouquets, mas tambem para que fosse levar um bilhetinho á comediante durante o intervallo.

Elle não queria comprometter mais o seu nome ; era um bilhete anonymo ; dizia assim :

« Lembras-te? Um dia estava a ler um romance ; leste alto esta passagem : — O que é viver ? É recordar-se. — Recorda-te? »

Mas Lucia não se recordava. O recordar-se é bom para quem tem tempo para voltar atraz.

Lucia respirara os perfumes das flôres que lhe dera Gontran ? Talvez. Foram as unicas que uma noite lhe atiraram. Reconheceu a letra d'elle ? Talvez. Amarrotou o bilhete e atirou-o ao chão dizendo : « Os homens são doidos. »

Gontran quiz arriscar-se a ir, não aos bastidores, mas ao *foyer* dos actores. Não se atreveu ; como ha muito tempo não cuidava em vestir-se bem, Lucia julgaria que elle não estava decente para uma primeira representação em que ella tomava parte.

A cadeira que elle tinha tomado para todo o inverno, teve de sublocal-a uma noite em que precisou de dez luizes. Foi um de seus amigos que ficou com ella. Por essa noite, Gontran obteve que elle lh'a cedesse durante um acto. No dia seguinte, tornou a pedir a cadeira, mas o tal amigo recusou-lh'a brutalmente, dizendo :

— É desagradavel isso, parece que eu é que estou a servir-me do que é teu.

Passaram-se alguns dias. A ruina estendia suas azas negras sobre a casa Staller. Gontran viu a mãe e jurou refazer a fortuna da familia. O que fez para isso? jogou na Praça ! Pensava tomar a achar lá o que tinha perdido em casa de Lucia. Naturalmente, perdeu mais ; teimou, e perdeu sempre. É mathematico : na Praça, só o dinheiro ganha dinheiro : Elle bem podia negar essas novas dividas de jogo, porque a Praça está cheia de gente que enriquece porque não paga ; mas Mme. Staller quiz pagar.

Um dia, puzeram annuncios da casa Staller : *Vende-se por licitação*; diziam os annuncios, mas a verdade era que os herdeiros de Mr. Staller já não podiam morar ali.

Nada ha mais triste que o interior d'essa casa em que reinava o silencio. Mme. Staller querendo salvar o filho do desespero em que o via sempre a recahir, perdia de vista a filha que definhava de magoa. Era triste : tinha-se privado de tudo, vendido os cavallos e os carros; nem mais recebiam as pessoas intimas. Mme. Staller, que reservava suas joias para a filha, levou-as um dia a um joalheiro e trouxe com que pagar uma das dividas de Gontran.

Chamou o filho, fechou-se com elle e disse-lhe o que tinha feito.

— Ah! ia-me esquecendo, disse-lhe ella beijando o, tenho ainda um presente para dar-te. Comprei este livro para ti.

E deu-lhe a *Imitação de Jesuz-Christo*.

Gontran abriu o volume como um homem que já não sabe ler.

— Ah! disse a mãe, bem vejo que não comprehendes nem uma palavra. É pois verdade que essa desgraçada mulher arruinou-te o espirito e o coração como te arruinou a fortuna!

Gontran olhava para mãe sem responder.

— Creio que tu não a vês mais?

Um sorriso triste passou pelos labios de Gontran.

— Não, não a vejo mais. Mas tu ainda a não conheces bem: olha que se eu fosse a casa d'ella, mandar-me-hia pôr na rua.

N'esse dia, por desfastio, depois, de ter debalde fallado á *Imitação*, Gontran sahio e foi á rua de Courcelles. Tinha a curiosidade de saber se a sua antiga amante o recebia.

Tinha lido em uns jornalecos que Lucia tinha feito uma nova fortuna com um principe estrangeiro.— sempre principes — Este tinha-se divertido; na primeira noite — de nupcias — mandou-lhe uma cesta, como as que os noivos costumam dar ás noivas com um livro de missa contendo trezentas e sessenta e cinco paginas em notas do banco.

Até onde chega a profanação !

Quando Gontran entrou em casa de Lucia achou-se em paiz estrangeiro ; tinha havido completa reforma de pessoal. Um criado perguntou-lhe o nome ; elle quasi entrou sem se importar com isso, mas, contendo-se, entregou um cartão de visita.

— Mr. Staller ! disse o criado comsigo, este de certo não é recebido, porque nós só recebemos titulares.

D'ahi a pouco voltou dizendo a Gontran que a senhora estava occupada.

— Eu advinhava-o, disse o homem que tinha comprado aquella casa.

Não se deu por batido, tomou um pouco de energia. Entrou resolutamente para a sala e disse ao lacaio que era indespensavel que a senhora descesse.

Lucia não se fez esperar muito tempo. Entrou para sala com impaciencia e franzindo o sobr'olho.

— Que vem o senhor fazer aqui, Gontran ?

— Venho vel-a, Lucia.

— O senhor já me tem visto muitas vezes, Gontran. Outro tempo, outra mulher, o passado passado. Quando eu o amava e o senhor me amava, havia razão para nos vermos, mas hoje nem um nem outro temos tempo a perder.

— É verdade, disse Gontran tentando gracejar, o tempo é dinheiro.

— Trate de refazer a sua fortuna e não me faça perder a minha.

Lucia sabia que Gontran estava mais que arruinado.

— Olhe, Gontran, se o senhor veio cá para pedir-me dinheiro, diga quanto quer.

— Pedir-te dinheiro, a ti!

Gontran, que se tinha sentado, levantou-se e atirou-se furioso contra Lucia; agarrou-a pelas duas mãos e obrigou-a voar em roda d'elle como em uma valsa infernal.

— Pedir-te dinheiro! disse elle outra vez, ainda que bastasse um copo d'agua para impedir que eu ficasse damnado nunca t'o pediria!

Lucia, que conseguira escapar das mãos de Gontran tocou a campainha.

— Acompanhe este senhor, disse ella, ganhando coragem.

Era preciso matar aquella mulher ou sahir.

Gontran sahiu.

IV

A FESTA SOB O CYPRESTE

No dia seguinte era o anniversario de Lucia

A casa da rua de Courcelles ficou inundada de bouquets.

O principe, que passava bem, quiz que os musicos da orchestra dos Bouffes fossem tocar uma alvorada á porta de sua belleza, apezar de estar chovendo a cantaros.

Lucia nunca tinha sido tão feliz. Triumphava no theatro, triumphava no bosque, triumphava das mulheres do mundo equivoco por toda estação, porque quem acharia outro principe tão doido como o d'ella?

N'esse dia, ao meio dia, Mlle. Staller disse á mãe na occasião em que se sentava á meza para almoçar:

— Não viste Gontran?

— Não, mas sei que está no quarto. Vi-o ha pouco á janella.

— E porque não vem?

N'esse momento Gontran appareceu á porta da sala de jantar.

— Anda, Gontran, disse-lhe suavemente a mãe. Hoje tencionamos ir ao Pére-Lachaise. Não queres ir comnosco?

— Ao Pére-Lachaise? Pois então, irei, disse Gontran.

E beijou a mãe e a irmã.

— Então, não te sentas á mesa?

— D'aqui a pouco. Vão almoçando. Eu vou ao meu quarto buscar cigarros.

E sahiu.

— Como elle está pallido! não achas, mamãe?

— Se Deus não olhar para elle, nós não conseguiremos salval-o.

Gontran não tinha voltado ao quarto com o fim de buscar cigarros. Chegara á ultima estação da sua cruz, queria morrer. Sua pistola — a pistola de Lucia esperava-o. Nem ao menos se deu ao trabalho de fechar-se no quarto.

— Sim, disse elle pegando na pistola, pois sim, irei ao Pére-Lachaise.

A criada que n'esse momento parava em frente ao quarto de Gontran, gritou:

— Sr. Gontran, o que é que está ahi fazendo?

— Silencio! disse Gontran, é um duello de morte. Nem uma palavra.

E mostrava-lhe a pistola.

— É tudo o que me resta da minha fortuna.

— É verdade, disse a creada. E bem se sabe quem foi que lh'a deu.

— Vae dar-me agora a felicidade!

Ouviu-se uma detonação na casa Staller.

Pareceu á pobre mãe que lhe vibravam o golpe mortal; correu ao quarto do filho com o pressentimento da sua desgraça.

Viu Gontran deitado de bruços sobre o tapete: o sangue corria a jorros. Ella gritou, atirou-se sobre o filho, quiz beijal-o... Mal lhe distinguio o rosto...

A *Imitação de Jesuz Christo* estava em cima da mesa, mas elle não o tinha aberto.

Perto da *Imitação*, quando a sra. Staller voltou a si nos braços da filha, reconheceu a letra de Gontran.

— Lê isso, disse ella á filha.

Mlle. Staller leu estas poucos palavras escriptas com mão febril:

« Adeus, minha mãe, adeus, minha irmã. Eu vou pedir perdão a meu pae. »

— Não, não é isso disse a mãe, deve haver outra carta.

— Aonde?

— Digo-te que ha outra carta. Mme. Staller via com a segunda vista. Revolvendo os papeis da mesa. Mme.

Staller achou com effeito uma carta fechada com o seguinte sobrescripto:

Ao Mr. Raul d'Oraie.

— N'essa carta, disse a mãe, ha uma outra, porque Raul era o confidente de Gontran.

Rompeu o enveloppe e achou com effeito dentro uma outra carta fechada dirigida a Lucia.

— Eu heide lêr esta carta! exclamou a mãe.

Abriu-a e leu o que se segue:

« Alegra-te, Lucia. Nunca mais verás meu rosto que sem duvida faria sombra á tua ventura. Quando ler esta carta, ter-me-hei feito jsutiça. Esqueci-me de pedir-te as minhas cartas; Raul irá buscal-as para as queimar, se tu mesmo já as não queimaste. Sê leal ante a minha morte. Tu disseste-me que tinhas sempre guardado aquelle bouquet fatal, que foi a minha ruina e que foi a causa da desgraça de toda a minha familia; leva-o ao meu tumulo e respira estas violetas, que por mão de Raul te envio. Inspira o perdão. Adeus! sê feliz e lembra-te que nós nos amamos muito. Mato-me com a pistola que tu me deste, porque tu me deste o amor e a morte.

« *Gontran* »

— Oh! a loucura do amor! a loucura! a loucura! a loucura! disse a mãe deixando cahir a carta e ajoelhando junto do filho.

XXII

O ESPECTRO NO BANQUETE

Quando Raul d'Oraie se apresentou, em cumprimento da ultima vontade de Gontran, em casa de Lucia para entregar-lhe um ramo de violetas, com a carta de despedida, e pedir-lhe as cartas do finado, ella pronunciou estas palavras dignas da historia.

— Como assim! pois elle matou-se! matou-se no dia de meus annos! Como se não podesse esperar até amanhã!

A comediante dava n'esse dia um jantar aos convivas; Tinham sido contemplados os primeiros nomes da mocidade dourada. Quantos ficariam zangados porque ella os não convidou! porém ella tinha dito de antemão:

— Não quero que hajam treze pessôas á mesa.

Gontran era o decimo terceiro.

Lucia teve medo e enterneceu-se lendo a carta; não é

bom chorar em dia de festa. Por conseguinte pediu a Raul que voltasse no dia seguinte para tratar d'esse negocio.

Raul sahiu, pensando no pouco lugar que occupa um apaixonado, vivo ou morto, em casa de uma perdida que adorou.

Lucia não transferio a festa para o dia seguinte. A noite choveram bouquets nas salas.

As violetas de Gontran ficaram sepultadas debaixo das camelias e rosas.

Todos os convivas compareceram, ás oito horas foram para a mesa.

— Meu caro amigo, disse a dona da casa a um de seus convivas, o senhor vem á minha festa de cara triste ! Um pouco de alegria, se faz favor.

Era o conde d'Aspremont.

— Na verdade, disse elle amargamente, o que mais me admira é que eu ainda me admire.

O conde d'Aspremont era um homem de caracter no meio de todos esses rapazes lançados a redea solta no Steeple-chase das aventuras. Tinha um profundo sentimento de justiça. Queria que cada um se puzesse em seu lugar. Desiludido de tudo, aspirava ao ideal do bem, mas não tinha coragem para romper com os azares da vida parisiense. Sem preconceitos de casta nem de fortuna, tinha uma theoria politica; mas achava-a revolu-

cionaria demais para que elle se metesse a trabalhar no edificio social.

Orpham, tinha esbanjado o patrimonio com as cartas e com as mulheres. Mas não chorou sobre suas ruinas. Passando um dia de caça perto de uma de suas terras vendidas pelos credores, exclamou, como já não sei que prodigo: « Ah! eu era bem capaz de te gastar outra vez. »

Foi o unico pezar que manifestou.

Ha um Deus para os filhos prodigos. Logo que ficou arruinado, recebeu uma herança milagrosa de que se fallou muito em 1868. D'esta vez pensou com a fortuna que tinha, em fazer um casamento de conveniencia, e não se preoccupou mais senão em procurar uma mulher que fosse para elle a imagem da fidelidade e da virtude. Quem o acreditaria? está casado.

A noticia da morte de Gontran espalhou-se em poucas horas entre a mocidade parisiense. Um sentimento de amarga curiosidade impelliu d'Aspremont a vir tomar á seu lugar no banquete de Lucia. Elle não lhe queria muito bem, mas ia assim como se vae ao Jardim das Plantas para ver monstros.

Não podia comprehender que a comediante não transferisse a festa, apezar de conhecel-a bem.

Atirou-se arrojadamente á questão, sem pezar as consequencias.

Palavra de honra! disse elle, eu acho muito natural,

Lucia, que a senhora fizesse mudar o espectaculo de hoje por causa da sua festa, mas francamente acharia mais natural ainda que não houvesse aqui festa hoje.

Lucia não se perturbou.

— Meu caro, a vida tem suas exigencias: porei luto amanhã para lhe ser agradavel.

E lançou um olhar terrivel a d'Aspremont.

— Já sei, toma luto á moda da côrte: um dia de luto pesado e outro de luto alliviado.

Lucia tinha sempre a resposta prompta:

— Deixe estar! seu amigo hade ser tratado como um principe.

Este prologo de jantar tinha deitado sobre os convivas o gelo de uma mortalha. Embora Lucia tivesse mudado de sociedade como mudou de creados, ninguem ignorava que aquella casa, em que estavam todos jantando, tinha sido dada á actriz por Gontran. Essa paixão ás escancaras tinha feito bastante barulho para que o echo repetisse ainda os seus mais brilhantes episodios. De certo, Gontran não era homem para deixar um nome immorredouro como Alcibiades, Alexandre ou Cesar, mas emfim, era natural que no dia da sua morte se fallasse n'elle tanto mais quanto a sua morte foi uma das paginas mais accentuadas da sua vida.

Tentaram fallar de outra cousa. Lucia, que sabia dirigir a conversação atravez dos obstaculos como sabia dirigir os seus cavallos inglezes por entre as carruagens

das grandes avenidas, tentou levar o espirito de seus convivas para o theatro. Fallou-se do occaso de Mlle. Duvergel e da aurora de Mlle. Casa Pearl nos mesmos horisontes estrellados de diamantes; mas, por mais que evocassem as imagens mais luminosamente alegres da sociedade elegante, uma palavra imprevista fazia recordar o rosto pallido de Gontran. Tinha elle sido amigo de todos, tinha tocado um pouco em tudo; era inutil revolver nomes estrangeiros, o nome d'elle apparecia sempre.

Só um dos convivas, d'Aspremont, conservou-se em silencio e olhava para a comediante com tanta attenção como se estivesse no theatro.

E era isso um espectaculo para elle que vivia no turbilhão e que gastava tempo a estudar as mulheres.

No emtanto, o vinho de Champagne gelado, de volta da Russia, e o vinho espumoso do Rheno, marca Johanisberg, servido desde o principio do jantar, conforme a moda já consagrada nas primeiras casas, tinha subido á cabeça de todos os convivas, excepto do conde d'Aspremont.

Lucia, tambem exaltada pelos primeiros turbilhões da embriaguez, abandonou-se a uma bella inspiração:

— Tanto peor! exclamou ella, affrontemos a morte face a face. Eu tenho lido os philosophos! O tumulo é uma porta aberta; Gontran já foi occupar a sua cadeira em um novo mundo onde ha talvez espectaculos tão serios como os dos Bouffes. Não o lamento. Nós não cho-

ramos por nossos amores que morrem; e é essa a verdadeira morte, porque elles não renascem. Porque havemos de chorar pelos homens, que tem de renascer?

— Lucia tem razão, disse um conviva, não é a vida que é uma viagem, é a morte.

Lucia deu uma gargalhada.

— Pobre Gontran! fiz-lhe boas; mas, onde se não soffre, não se goza. É a minha divisa. Entre outras, representei com elle uma boa comedia, mas sobre essa guardo segredo.

— Conte, conte! disse um seu visinho, um quasi—embaixador que conhecia bem as mulheres.

— Não! jurei não a contar.

— A quem o jurou?

— A mim mesma.

E a comediante que estava a perder a cabeça bateu com a mão sobre o coração.

— Aqui não ha ninguem de consciencia, ora ande, póde fallar, disse-lhe o visinho da direita, o celebre Tres-Estrellinhas que marca a chuva e o bom tempo á politica da noite.

Declararam todos que consideravam Lucia desligada do seu juramento.

— Oh! no fim de contas, foi uma cousa inocente, disse ella. Eu pensava que o amava ainda.

— Porque nunca o amou, murmurou d'Aspremont.

— Silencio! Imaginem que um bello dia elle participou-

me que se ia casar com a filha já não sei de quem, mulher de boas cores e bom dinheiro. À noite, fugi durante o intervallo, e fui, toda encapotada, aos bastidores dos Italianos; que vejo! augusto céu! o meu Gontran a fazer a corte á noiva! A rapariga era bonita, mas um tanto vermelha. É crivel! exclamei eu, é a criada de Rosa. Com effeito a semelhança era perfeita: o mesmo rosto com os mesmos cabellos, ebano sobre carmim. Os senhores todos conhecem a creada de Rosa!

— Conheço, disse um conviva que queria fazer espirito; se eu fosse amante de Rosa, trocava os papeis.

— Levada pelo ciume, tive duas ideias, a primeira era a mais sensata, abandonei-a. Era esta: tomar essa rapariga para o meu serviço para desgostar Gontran da noiva.

— Era bem lembrada, mas, disse o teimoso conviva, talvez a senhora tivesse medo que elle se enganasse.

— Eu!

Bonita exclamação! Lucia deixou cahir sobre elle um olhar de desdem, como se fosse de todo impossivel confundil-a com uma creada.

— Eu, disse ella, nunca habitei mansardas.

Arrependeu-se logo de ter dito estas palavras porque, apezar de estar um pouco ebria, vio que os seus convidados olhavam uns para os outros como a lembrar-se da casa terrea em que ella morou.

— Continúa, disse o principe, está-me interessando.

— Adoptei portanto a segunda idéia, porque não achei terceira. Tinha eu á mão um meu ex-amante que não tinha que fazer porque não tinha mais dinheiro. Dei-lhe vinte e cinco luizes.

— Com effeito, paga bem os seus espectaculos.

— Scio! se me interrompem, não conto a historia.

Calaram-se.

— Dei, pois, vinte e cinco luizes ao sujeito dizendo lhe: Eis a mulher — estylo Victor Hugo. — A mulher era a criada de Rosa. E disse-lhe: «Seja qual for a virtude d'esta rapariga, quero que ella esteja aqui hoje de noite, antes de elle ir para os Bouffes. Eu mesma quero vestil-a, arranjar-lhe a cara, riçar-lhe o cabello, branquear-lhe um pouco os braços e as mãos, dar-lhe ares de gente, ensinar-lhe maneiras distinctas, e depois o uso, como hade então estar digna de ti, meu caro tu irás ceiar com ella no n. 12 do café Inglez». O sujeito queria comprehender, mas eu disse-lhe: « Isso não é da tua conta. Faz com que, á uma hora da noite, a mulher esteja alegre e amorosa; hade abrir-se a porta do gabinete, tu hasde tomar uns ares de Pachá de volta de Paphos; quero offerecer esse espectaculo a um dos meus amigos Tenho dito ». Acreditam que o homem poz-se com partes!

— E tu admiras-te d'isso? disse o principe.

— Admira-me, sim, que se receba quinhentos francos por ter o trabalho de ir ceiar. Atirei-lhe a nota, elle

amarrotou-a com desdem, mas metteu-a no bolso.—Está tratado, disse elle, darei a essa rapariga os quinhentos francos.—

— E accrescentou com ares de grande senhor desabusado : — Sem que isso me obrigue a cousa alguma.

De todos os convivas, o unico que estava com verdadeira curiosidade, era Jorge d'Aspremont. Sabia emfim a causa da morte de Mlle. de Marcey.

Quiz disparatar, mas conteve-se.

— Como o senhor está pallido, disse Lucia que olhava para todos para ver se lhe prestavam attenção.

— Estou ouvindo, disse o conde. É bonito, continúe.

— Não é verdade que foi uma linda invenção? Bem sei que no tempo dos Romanos houve uma historia identica, — Valeria, tragedia em cinco actos, em verso, representado por Mlle Rachel ; — no tempo de Luiz XVI, houve a celebre comedia do collar.

Eu tambem quiz crear uma situação para os autores dramaticos futuros.

— E então, perguntou o principe, o que aconteceu ?

— O que aconteceu! á uma hora da noite passei com Gontran, a porta do n. 12 abriu-se, e nós vimos a seguinte tocante quadro : uma creada, e quem eu ensinára o modo de estar, a dar ao leque em companhia de um ex-janota.

— E que disse Gontran ?

— Gontran! Ficou curado no mesmo momento da

mania de casar. Enganei-me, tornou a pedir a minha mão e eu conduzi-o ao meu leito nupcial.

Lucia tinha contado esta historia — que arremessou ao tumulo Mlle. de Marcey com os seus vinte annos e o seu amor, e que n'aquelle mesmo dia foi a causa da morte de Gontran, — com a desenvoltura de uma mulher que tivesse visto aquillo no theatro ou que o tivesse lido no *Figaro* ou no *Gaulois*.

Nem uma intonação do coração, nem uma expressão d'alma!

No entanto Jorge d'Aspremont tinha-se levantado, pallido, terrivel.

— Porque se levanta? perguntou-lhe Lucia com ar distrahido, sem prever nem de longe o que elle ia dizer.

— Porque me levanto! exclamou elle, porque esta meza é maldita!

Levantou a toalha e fez cahir os copos de quatro ou cinco convivas.

— O senhor está doido! disse o principe, levantando-se tambem.

D'Astremont atirou-lhe com o guardanapo.

— Porque me levanto! repetiu, não querendo responder senão a Lucia, vou dizer-lh'o. Vim aqui porque vou a toda parte; mas não quero demorar-me ante a calumnia que mata. Eu sabia que a senhora era cruel a sangue frio, mas não sabia que era homicida. Sabe o que fez com a sua odiosa comedia do Café Inglez? Matou

Mlle. de Marcey. E foi porque a senhora matou Mlle de Marcey que Gontran Staller se suicidou hoje de manhã.

Lucia sentiu-se abalada vivamente por essa apostrophe.

Tentou mascarar a emoção com um sorriso.

— Náo ria! gritou-lhe desesperado Jorge d'Aspremont.

Correu para ella como uma besta féra; estava fóra de si, tel-a-hia esmagado debaixo dos pés; mas embargaram-lhe o caminho.

— É preciso mettel-o na camisola de força, disse Lucia.

E correu a refugiar-se, sempre sorrindo, nos braços do principe.

D'Aspremont tomou um punhado de sal e atirou-o em torno de si em signal de maldição.

— Maldita seja a mulher e maldita seja a casa! disse elle arrastondo, com um olhar altivo, o principe que, exasperado, avançava para elle.

CAPITULO V

O QUE É A FELICIDADE?

Para edificação das ambiciosas, contarei a decadencia de Lucia. É um quadro capaz de fazer empallidecer os mais scepticos.

Para as actrizes e as cortezãs, a vida em Paris é tão rapida e tão agitada que ellas nem tem tempo de olhar para traz.

São sempre arrastadas por todas as correntes e todos os turbilhões. Como todas as suas eguaes, Lucia não gastava uma só hora em estudar-se. O que ella menos conhecia, era o proprio coração; do que ella menos sabia, era do estado de sua alma. Era como os viajantes que fogem sempre de casa para percorrer as estalagens das quatro partes do mundo: quando por accaso voltam ao lar já nem se conhecem.

Este viver sempre fóra de casa não bastava a felicidade

de Lucia, mas não ha remedio senão seguir cada uma o seu destino, é preciso fazer o que todos fazem.

Fazer o que todos fazem, para Lucia, era levantar-se ao meio-dia, almoçar quasi sem sentar-se á mesa, correr para o ensaio passando por casa de Worth, não se fazer esperar senão meia hora, apparecer no Bosque, arrastar a cauda do vestido á beira do lago, jantar as pressas, correr á scena depois de ter corrido pelas ruas, emfim cear em casa ou em casa dos outros, porém nunca só, algumas vezes a dous, outros em companhia numerosa, para acabar jogando.

E os dias em que não tinha espectaculo não eram dias de descanço; depois da comedia do palco, a comedia do amor. E para esta, não havia ponto. Lucia nunca tinha tido o luxo de estar sem trabalho, porque precisava sustentar a casa e a cavalhariça. Ficava furiosa quando ouvia gabar o trem d'esta ou a mobilla d'aquella outra. Não lhe bastava ser afamada pela belleza, queria sel-o tambem pelo luxo. Em meio de todas essas allucinações do orgulho e de todos esses cuidados das steeplechase da paixão, como achar tempo para olhar para o seu intimo? Onde iria parar aquella carreira? seria o alvo a felicidade? Oh! meu Deus, de certo que não, ella o que fazia era obedecer á lei fatal do movimento. E d'ahi talvez ella imaginasse que a felicidade consistia em enraivecer as rivaes com a sua casa, os seus cavallos e os seus diamantes, e, ia-me esquecendo, o seu talento,

porque ella tinha-o como todas as mulheres de vontade.

No entanto, um dia em que estava só em casa, teve o prazer de visitar-se: passeou lentamente pela casa toda, desde a estufa até a estribaria, parando em toda a parte e em toda parte dizendo: *isto é meu*; mas depois de repetir a si mesma vinte vezes esta phrase, viu que isso não era felicidade. A felicidade consistia pois em representar comedias e ter um publico idolatra.

— Não, disse ella ainda, não é tambem isso, porque esse publico idolatra não é meu o publico do Theatro francez, nem o da Opera, nem o dos Italianos, nem mesmo o dos theatros inferiores a esses, é o publico de uns theatros que não são theatros: Por mais que ella fizesse, nunca a tomariam a serio. É certo que ella quiz fazer crer que tinha cantado na Italia porque passou um inverno em Milão e em Veneza com o amante, mas conheciam-a bastante para lhe darem credito mesmo quando ella fallava verdade.

— No fim de contas, disse ella de repente n'esse dia, não vale a pena; e se alguem pensa que eu me divirto porque possuo isto tudo, engana-se, só ha uma cousa capaz de fazer a felicidade, é o amor.

Suspirou e disse:

— Mas o amor não está as ordens de todos, tratei-o mal e elle não volta.

Atirou-se desanimada a um canapé e poz-se a pensar

no tempo em que não tinha nem um soldo e era feliz. Lembrou-se d'aquelle folgazão pintor, Eugenio Deschamps, que a amava um pouco e que ella amava muito. Em bellas manhãs quando ella fazia de Venus ou de Diana, vestida apenas com o seu pudor, e apprendendo a arte de ser bella em suas transfigurações.

— Ah! se elle quizesse, disse ella, como eu me teria agarrado a elle! Teriamos vivido de nada, mas viviriamos da felicidade!

E admirava-se de que aquella detestavel officina de pintor, mobiliada só por maus quadros, lhe désse a miragem do paraizo. É que lá vivia o amor com a sua rainha encantada, ao passo que em sua casa cheia de riquezas, mas queria que lhe fallasse ao coração.

Enganei-me, causava-lhe vivo prazer um retratinho d'ella feito pelo amante. Era um simples esboço, mas o pintor tinha apanhado o *não sei que* que faz a semelhança e o encanto. Porém ella lhe dissera: Não o retoques, não ficaria tão bonito.

Lucia entregou-se com delicia a essa querida recordação.

— Emfim, disse ella, talvez eu torne a amar. Tenho inspirado muitas paixões, tambem hei-de prender-me. Amei talvez um pouco Gontran, mas o que sei bem é que não amo o principe: parece-me que é um retrato que tenho pendurado na parede. E por desgraça elle desce muitas vezes do quadro.

Passou em revista todos os amantes e apaixonados, mortos e feridos, mas principalmente os vivos. Pensou em Eugenio Deschamps; mas esse era sceptico em amor.

Lembrou-se que, na vespera, á ceia em casa de uma amiga, tinha sentido grande emoção ouvindo cantar um senhor Carlos Abelle que fallava em fazer a volta do mundo na pista de Capoul.

— Se eu fosse correr mundo com elle, disse ella, como se precisasse de uma grande distracção.

Esse Carlos Abelle tinha lhe dito que a adorava, porque não havia de de ser verdade? Elle era bonito e cantava, porque o não havia ella de amar?

Bateram á porta:

— É o destino que me manda alguem para jantar comigo, disse Lucia.

O creado annunciou o sr. Carlos Abelle.

Quando Lucia lhe estendeu a mão, murmurou:

— É o amor que chega.

Mal pensava, ella que tinha feito morrer Gontran Staller e que Carlos Abelle, por sua vez, lhe trazia a morte no amor.

— É admiravel, disse Lucia fazendo-lhe signal para sentar-se perto d'ella, como o sr. se parece com o meu primeiro amante.

— É admiravel, disse Carlos Abelle no mesmo tom, como a senhora se parece com a minha primeira amante.

— Está gracejando.

— Não, não gracejo; ella era loura, a senhora é morena; ella era baixa, a senhora é alta; ella era estupida e a senhora tem espirito; mas eu amava-a e hoje amo á senhora, e ahi está em que se parece com ella.

Lucia achou bonito o que elle disse. E como Carlos Abelle acompanhou atrevidamente essas palavras com um beijo, ella murmurou empallidecendo.

— Eu te amo!

IV

PORQUE AS MULHERES PERDIDAS NÃO TEM FILHOS.

Abramos a porta de Lucia.

São tres horas; uma mulher, moça com uma menina ao collo, entrou no quarto de Lucia. É sua irmã Colombina, casada ha um anno.

Lucia passou a noite em uma ceia. Dansou e jogou; só se deitou de manhan: estava accordando nesse momento.

Colombina sente-se suffocada pelos perfumes que envenenavam a casa de Lucia. Respirava-se ali ao mesmo tempo fumo de charutos, agua de Lubin, rosas e violetas murchas, vinagre dos *quatro ladrões*, *pó á marechale*. É a vida artificial.

Colombina vem a casa da irmã movida pelo sentimento da religião e da familia. Ainda uma vez vem tentar arrancal-a das delicias e dos horrores da vida de cortezã.

Lucia ficou alegrissima por ver entrar a irmã. Saltou da cama para beijal-a.

Abraçou-a e deixou cahir lagrimas de alegria era adoravel e risonha a carinha da criança.

— Minha querida Lucia, disse Colombina, antes de ter meu filho fiz uma promessa, jurei a Deus salvar-te.

Lucia olhou para a irman com surpreza. Parecia não comprehender.

— Jurastes salvar-me! Mas eu não estou tão perdida como tu pensas. Dir-se-hia que me vens ver no hospital.

— Ah! minha Lucia querida, teu corpo está em um palacio, mas teu coração está no hospital; como perdes-te a altivez precisa para comprehender isto?

Lucia levantou a cabeça. Indignou-se, mas conteve-se.

— Já pensei n'isso, mas ainda é cedo, sou tão moça;

— Pois faz ao dever o sacrificio de tua mocidade. Peço-te em nome de minha mãe, em nome de minha filha.

E Colombina, mais meiga ainda:

— Olha, Lucia, minha felicidade não será completa emquanto os jornaes apregoarem por toda a parte os teus altos feitos. Meu marido tem o bom gosto de me não fallar de ti, mas desgosta-se com o que tu fazes.

— Como se eu lhe mandasse as minhas contas para que elle as pagasse!

— Seria bem capaz de as pagar se tu te compromettesses a não fazer mais loucuras,

— O que é isso! Bem se vê que tu tens o casamento para te distrahir: eu só tenho o amor. Mas socega, brevemente rompo esta vida, de um modo digno de ti. Amo. Nem mais uma palavra!

— Lembra-te, Lucia, que eu fiz uma promessa a N. S. da Victoria.

Conversaram durante meia hora; brincaram com a menina, beijaram-se e nada mais disseram a esse respeito.

Quando Colombina sahiu, Lucia poz-se a pensar passeando.

— No fim de contas, disse Lucia, parece-me que ella não se diverte muito com a felicidade. Eu amo o meu amante, mas se fosse obrigada a amar só a meu marido, não lhe acharia graça nenhuma, mesmo nenhuma. A vida de familia, *zut*!

Zut! é a exclamação mais eloquente de Lucia. É com esta palavra que ella accentua seus melhores periodos.

— No entanto, disse ella é uma verdadeira alegria trazer uma creança ao cóllo!

E deitou-se tristemente.

— É, mas eu nunca heide ter filhos! As mulheres perdidas são como as arvores dos tropicos que dão flores, mas não dão fructos, porque o sol queima-as

VII

UM AMANTE POR AMOR.

A princeza de ··· deu uma reunião cantante. Lucia foi convidada « para cantar » ; ao menos foi por isso que lhe mandaram quinhentos francos para pagar as luvas e o carro, conforme a expressão consagrada.

— Quinhentos francos! disse ella são para a minha creada.

N'esse tempo, Lucia gastava mil francos por dia e não se considerava paga com uma nota de quinhentos francos, mas nem por isso fechava a mão. O dinheiro para ella viesse donde viesse era sempre bemvindo.

Escreveo á princeza pedindo-lhe licença para levar comsigo o seu acompanhador Mr. Abelle. Já tinham fallado á princeza desse Abelle que ella estimaria muito que lá não fosse.

— Emfim, disse ella, talvez o tenham calumniado. E

demais, um acompanhador é quasi sempre um homem sem consequencia. Póde Mlle. Lucia trazer o seu.

Porque razão tinham calumniado Abelle? É que elle tinha sido acompanhador de diversas mulheres que não cantavam,— mas que elle fazia cantar — a fazer de amor. Para a cêra do santo!

No *Almanach das cinco mil moradas*, ha uma lacuna. É indispensavel consagrar uma pagina aos acompanhadores d'estas mulheres,— não me refiro aos musicos.— Elles tem um nome mais expressivo, mas o diccionario da academia, que anda sempre atrazado, não o referendou.

Carlos Abelle era filho de um advogado de ***, uma d'essas eloquencias de provincia que só fazem tremer o campanario. O velho Abelle tinha tres filhos, dous rapazes que elle destinava ao fôro e uma rapariga que destinava a um advogado. Tudo para a toga. A filha fez-se amasia de um estudante de medicina, o filho mais velho sentou praça aos dezoito annos nos dragões, e o mais moço que não quiz nunca estudar, a não ser musica, decidira que tinha vocação para a opera. Tomou lições de canto e piano. Aos vinte e oito annos veia dar com o nariz na porta da Opera e do theatro Lyrico, mas não desanimou dizendo que ainda que tivesse de correr o mundo inteiro havia de estrear,

E no entanto não estreou.

Em uma ceia dada por uma elegante, um de seus

amigos de collegio levou-o para o que desse e viesse. Isto é, se se aborrecessem pedir-lhes-hiam para cantar. Como era de esperar, aborreceram-se. Elle cantou. Até ali ninguem tinha dado por elle, mas a voz, que era realmente bôa, deu-lhe não sei que aureola, pelo menos aos olhos de Lucia.

Enthusiasmada, ella dirigia-se a elle, e comprimentou-o como o teria feito Mlle. Rachel a um laureada do conservatorio. Isso era commum de artista para artista, porque Lucia tomava-o a serio.

Toda a gente ria em torno d'ella quando a ouvia fallar com gravidade em Mario e Nilson, Faure e Patti, mas ha muito ella tinha-se habituado a tudo arrostar.

Ora, depois d'essa famosa ceia, Carlos Abelle « acompanhava » muito frequentemente Mlle. Lucia Moroni que já era celebre bastante para ir as reuniões da sociedade parisiense, nas noites em que Sars, Nilson e Carvalho tinham de cantar no theatro. Sabe-se que Adelina Patti não vae a casa alguma particular senão como marqueza de Caux. Como cantora, sua grandeza prende-a aos Italianos de S. Petersburgo.

Lucia Moreau, que era agora mais que nunca Lucia Moroni, estava quasi em moda na sociedade que faz a transicção entre a sociedade elevada e a equivoca. Apezar de ter como cortezã chafurdado em todos os lamaçaes parisienses, o theatro que annistia a mulher perdida, refazia-lhe a virgindade. Trabalhava todos os dias em

scena por sua rehabilitação, tanto com a frescura de sua voz como com as poeticas figuras que representava. Esqueciam todos a pouco e pouco suas escorregadellas e e suas quedas, a proporção que ella subia para a arte. Á força de amar, Magdalena foi perdoada : a arte tambem faz d'esses milagres. Lucia nem por isso se descuidava do seu amor ao ouro, disfarçado em amor ao luxo.

Tinha e entretinha sempre quatro paixões ao mesmo empo, como fazia com uma quadriga no bosque.

Havia sempre á roda d'ella a multidão dourada. Por cada amante que perdia, achava dous. Amantes de uma semana, amantes de um dia, amantes de uma hora ! Ella nem lhes sabia os nomes. Fazia como algumas donas de casa que chamam sempre ás cosinheiras Maria,— que é o nome mais commum porque é o mais bonito — Lucia chamava a todos os amantes Arthur. Com pequenas differenças, se era um Inglez, ella dizia *Arthurodei* ; se era um russo, *Arthurhoff* ; quando era um hespanhol, *don Arthur* ; quando era um Italiano, *signor Arthur*.

Mas o Carlos Abelle, só ninguem a ouvia, ella dizia *des Cieux*. E Carlos Abelle ia ao setimo céu. Porque se elle ambicionava ser um tenor celebre, era só com o fim de ser o amante que se esconde no guarda-vestidos.

Abelle devia vingar todos os desgraçados que Lucia tinha arruinado, devia vingar Gontran Staller que ella assassinara.

Esse homem tinha a alma mais depravada do mundo.

O máu vento do seculo tinhó soprado sobre elle em flor e tinha-o devastado, como o turbilhão que não vem seguido pela chuva.

Abelle tinha bem cedo se desquitado de todas as crenças. Comparava a Deus a um soldado de policia. Dizia alegremente de seu pae advogado: « defende viuvas e faz orphãos. » De sua mãe nem uma palavra, a não ser que todas as mulheres eram perdidas. O riso d'elle era amargo, só tinha amor a si. Odiava a gloria dos outros, a fortuna dos outros, o amor dos outros. Teria corado se lhe sahisse um grito do coração. Se fallava em honra era para fazer boa figura, mas, em particular deixaria esbofetear sem vergonha o fantasma de sua honra.

Tinha amigos porque tinha dinheiro; dizia-se baixinho que era dinheiro de Lucia, mas o dinheiro não se desvirtua ante a indignação. Quando Abelle dava uma ceia na Maison d'Or, o vinho d'yquem, o champagne Jules Mumum não tinham todas as suas virtudes?

Uma noite, porém, um de seus amigos, um gracejador do genero d'elle, ousou dizer-lhe, quando lhe dava Clos-Vougeot:

— Fica-me vermelho o cópo e o rosto, porque é o dinheiro de Lucia que paga o vinho. Mas, já que está no copo, o que ha a fazer é bebel-o.

— Ora viva! disse Abelle. Meu amigo, come-se sempre o dinheiro de alguem. N'esta mesa, é o dinheiro da

amante, n'aquella o do marido, n'aquella outra o do accionista. Dispensa-me do resto da ladainha, sem fallar nos caixeiros que tem as mãos ligeiras.

— Pois sim, disse o amigo, mas teu pae que tem deffendido toda a casta de cousas más, talvez não deffendesse esta.

Lucia foi pois para á casa da princeza... com o seu acompanhador ordinario. Achavam que ella era muito bonita e que elle era muito bonito.

Olhando para elle de perto, via-se que não tinha a belleza das linhas. O nariz era um pouco curto, e muito accentuado, mas tinha olhos expressivos, bonitos cabellos e dentes alvos. Repararam que elle punha carmim nos labios e pó de arroz no rosto.

A princeza não poude deixar de dizer-lhe, quando Lucia o apresentou:

— Oh! senhor, pó de arroz!

Elle respondeu com um pontinho de impertinencia:

— É que eu vou no mesmo carro em que veio Lucia.

A princeza conteve-se para não mandar pôr na rua o « acompanhador »

Nos palacios e casas particulares, quando os actores ou cantores chegam, vê-se sempre correr alguns rapazes para os improvisados bastidores. Vê-se tambem arriscar-se a lá ir algumas mulheres famintas do pomo vedado. Em casa da princeza, Lucia teve grande roda. Como ella parecia esquecer-se que M. des Guieux estava

presente, elle lembrou-lh'o diversas vezes pisando-lhe brutalmente os pés. Ella recebia isso por conta da paixão. Porém um individuo que estava á escuta ouvira!

— Socega! estás-me pisando!

E foi d'ahi o bisbilhoteiro consolar um ex-amante d'ella, dizendo-lhe:

— Lucia achou um senhor. Vês aquelle sujeitinho, a quem só falta um grão de belleza para ser perfeito? pois ella treme em presença d'elle como tu tremias em presença d'ella.

— Eu nunca tremi por causa d'ella.

— Ora vamos! já nem parecias homem. Mas não te envergonhes, vi outros mais covardes do que tu ante as impetuosidades d'esta mulher.

Naturalmente Lucia obteve esse triumpho. Pagaram-lhe só quinhentos francos, era preciso dar-lhe outros quinhentos em bravos, ou em bouquet.

Abelle nada teve, nem um comprimento. Por isso logo que se achou no carro tomou o bouquet de Lucia e deitou-o fóra.

Indignada, ella atirou-se a elle como se o quizesse mandar atraz do bouquet. Porém elle agarrou-lhe nas mãos e torceu-as. Tinha estado a conter o orgulho, o ciume e a colera. Fazia tudo explosão agora.

— Ah! tu pensas que eu havia de soffrer sem vingar-me de tantas humilhações.

Como ella não podia servir-se das mãos, servia-se dos

pés, mas encontrava valentes adversarios. Fez-se leôa. Mordeu a mão de Abelle. Elle provou-lhe que tinha mais força do que ella; disse-lhe com ar altivo:

— Adeus senhora!

Como o coupé ia a passo por causa da neve, elle abriu a porta e apeou.

— Adeus, senhora, disse elle.

Lucia fechou a porta do carro, e disse ao cocheiro que fosse mais depressa, embora désse cabo dos cavallos.

— Em fim! disse ella, respirando. Estou livre d'este homem! É uma fortuna! Estava a matar-me pouco a pouco. E eu tão doida que cuidavaque o amava e que não podia passar sem elle.

Como algumas cortezãs Lucia tinha duas camas; a cama—de dormir e a cama d'estado.—A cama dos dias communs e a cama dos dias de festa. A cama dos mortaes e a cama dos deuses.

Quando chegou a casa, não sabia em que cama iria deitar-se. Olhou para uma e para outra como que a pedir-lhes um conselho.

— Infame Abelle! disse ella, que felicidade elle não estar aqui.

Mas achava em ambas as camas um certo ar de abandono que a gelava.

— Vou pois sustentar o luxo de dormir sósinha! Mas faz frio, parece-me que estes lençóes foram feitos de neve.

Teve uns arripios e disse á creada que espertasse o lume.

E emquanto a rapariga atiçava a lenha:

— Carolina, disse, tu sabes onde mora Abelle?

— Sei, sim senhora Mr. Abelle não vem hoje?

— Não. Estamos brigados. Não o tornarei a ver. Mas tinha curiosidade de saber o que fará elle esta noite. Corre á casa d'elle.

— A estas horas!

— Não é longe.

— E a senhora pensa que eu vou achal-o em casa! Eu conheço bem Mr. Abelle. É lá capaz de passar uma noite na cama d'elle!

— Tu não sabes d'isso, disse Lucia com impaciencia. Vae já ver se elle está em casa.

— A senhora sabe que para ir á rua de Pouthien é preciso passar pela rua de Beny onde mora a Trinta e seis Vertudes: creio que seria bom subir á casa d'ella.

— Está doidã! as duas horas da madrugada. Vae com o lacaio.

A creada não replicou mais porque conhecia Lucia.

Logo que a creada sahiu, a cantora murmurou:

— Será possivel que elle vá a casa d'aquella rapariga!

E lembrando-se da luta no coupé:

— Pobre Carlos! disse ella, mordi-o até fazer sangue.

Já se não lembrava que Abelle tinha-lhe deixado as mãos roxas e os pés moidos.

A paixão subia-lhe de novo a cabeça. Tornou a chamar Carolina.

— Diz-lhe que me traga já as minhas cartas.

— E se elle não estiver em casa?

— Vae a casa d'essa mulher e diz que eu estou a morrer. É preciso que eu o veja.

Quando a creada chegou em frente da casa em que Carlos Abelle morava — todos os dias do meio-dia ás tres horas, o tempo preciso para mudar de camisa e escrever uma carta — elle chegava ao mesmo tempo, andando como um homem que não tem pressa de entrar para casa. Em caminho bateu a uma porta hospitaleira, mas a praça estava occupada. Consultava a memoria a ver se não tinha n'aquelle quarteirão alguma outra amante substituta para o consolar da falta da amante official.

Reconheceu Carolina.

— Que diabo fazes aqui a esta hora?

— Ando á sua procura.

— Para que?

— Ah! sim é lá com a senhora. Ella quer vel-o.

A criada poz-se a rir.

— Não se esqueça de levar-lhe as cartas d'ella, porque é esse o pretexto.

— Ah! Elle poz-se tambem a rir.

— As cartas d'ella! O que é a pretenção! Então ella imagina que eu faço collecção d'autographos? As

cartas d'ella ha muito que voaram com o fumo dos cigarros que eu fiz com ellas.

E tomando um ar tragico :

— Vae dizer a tua ama que eu estou aqui por minha vontade soberana e que não irei a casa d'ella senão á força de baionetas.

— Baionetas? Pois espere.

E Carolina, que tinha os braços robustos, agitou-os vigorosamente para ensinar-lhe o caminho. Elle quiz dar-lhe o troco, mas deixou-se bater porque o conteve o pudor : Carolina tinha os mais lindos seios que se tem visto, diziam os amantes de Lucia.

Quando elle chegou em frente da casa de Lucia precedido pelo lacaio e acompanhado pela creada, como um malfeitor entre dous policiaes, ouvio fechar uma janella.

Era Lucia que tinha estado anciosa na sacada.

Carlos Abelle não queria subir. Carolina agarrou-o e obrigou-o a subir de uma vez dous degráos, porque tinha mais força do que elle.

— Não, disse, querendo voltar. Eu não sei o que venho fazer aqui.

N'esse momento, a creada que o tinha seguro, viu apparecer Lucia na sacada.

— Senhora! Senhora! gritou ella rindo, venha ajudar-me.

Lucia, que já dava ouvidos só á paixão, desceu a escada quatro a quatro e estendeu os braços ao amante.

— Pois devéras, disse ella cobrindo-o de beijos, tu não voltarias se eu te não mandasse buscar?

— Nunca!

— Sempre!

VIII

UM NOIVO DAS DUZIAS

Lucia era a mulher das conciliações. Quando as mulheres estão a mil leguas de distancia das auroras virginaes, quando tem passado sem vergonha por todas as estações do amor — do amor que desce, — procuram as emoções violentas, como os glutões que acabam por comer pimenta da Cayenna. Ella dissera adeus para sempre aos passeios amorosos, ás divagações sentimentaes, ás conversas á lareira. Procurava a tempestade, invocava o raio. Não era a primeira vez que Carlos Abelle lhe dava e que ella o mordia. Até ahi acabavam sempre por perdoar-se, saborcando a doida embriaguez da paixão.

O namorado conhecia a força do seu despotismo sobre Lucia. Era sempre ella a primeira a ceder. Elle vinha depois sem condições, mas quasi sempre como um cão,

que ainda mostra os dentes, mesmo depois que o affagam.

Lucia adorava o amante e tinha medo d'elle.

Se elle era senhor d'ella, não era senhor em casa, muitas vezes tinha de esconder-se. Quando se dava um jantar ao principe, elle não jantava em casa, mas Lucia dizia-lhe isto pouco mais ou menos: « Toma, meu lobosinho, aqui tens um luiz, tenho gente de fóra para jantar. Bebe á minha saude, eu beberei á tua. Vou aborrecer-me muito, mas tu hasde vir depois da meia noite. » Algumas vezes Lucia dizia: « Tu virás á noite a pretexto de me fazer cantar. » Carlos Abelle recebia o luiz como quem recebe um ordenado, sem humilhação. Ha paços d'estado.

Abelle lembrou-se um dia de entender que não zombava bastante de Lucia. Ella tratava-o muito levianamente em publico — e muito amavelmente em particular — resolveu arrancar a mascara e tomar outra posição, imaginando que podia ser um dom Juan ou um Lovelace.

Foi pouco tempo depois da scena do carro. Elle não queria voltar ás reuniões particulares para lá fazer um papel tão secundario. Entendeu que Lucia tinha já bastante dinheiro ou bastantes joias para poder pôr na rua todos os seus principes.

Uma noite que ella queria que elle ficasse e que elle queria ir ao baile da Opera, disse-lhe elle de repente:

— Eu estou prompto a sacrificar-te todas as minhas

aventuras — porque te amo — mas é preciso que tu me sacrifiques todos os teus amantes — porque eu tenho ciumes d'elles.

Esta declaração de principios foi direita ao coração de Lucia.

— Meu querido! disse ella, tu bem sabes que isso é impossivel. Eu não teria com que pagar as despezas da casa. E os cavallos e os vestidos! Queres que eu ande á pé! Queres que eu ande núa!

— Sim, hasde andar a pé e com um vestido de chita. Nem me opponho a que andes nûa.

— Como Eva! mas Eva tinha peccado! Ah! meu amigo, tu não sabes quanto custam hoje as folhas de videira! Tu fallas-me em vestido de chita, de accordo. Mas um vestido de chita, se eu mesma o não fizer, custar-me-ha quinhentos francos de feitio.

— É verdade, disse Carlos Abelle, em tudo o feitio é que arruina; mas emfim tu deves ter algum dinheiro no banco ou em casa de algum tabellião.

— Ah! meu amigo, pouco mais de nada. Acreditas que com todas as minhas boas fortunas, apenas tenho vinte e cinco mil francos de renda.

— Já é alguma cousa, com os teus diamantes e a tua casa.

Lucia julgava que nada era.

— Meus diamantes! Pois tu imaginas que eu os vou vender? Olha, o proverbio diz. « A honra é um diamante

que a virtude traz no dedo.» Quando a gente não se chama — virtude — precisa usar outros diamantes.

— Ha mulheres bonitas que não tem senão adereços o que as não impede de ir a toda a parte.

— Tu és tolo! quanto mais se descobre que os diamantes que ellas trazem são falsos tanto mais se sabe que ellas são honestas. Mas o que veriam debaixo de uma pedra falsa, se olhassem para mim? Uma mulher perdida, que já perdeu tudo.

Abelle movia o charuto.

— Se tu me amasses um pouco, bem me podias sacrificar a tua casa.

— Minha casa? Mas onde queres tu que eu more? Vae ver os palacios d'essas mulheres. Assim eu nem tenho lugar para os meus vestidos. Meus cavallos estão em um subterraneo. Os criados moram no celleiro.

— Minha querida, tu não sabes o que estás dizendo. A tua casa vale trezentos mil francos, se tu a vendesses, terias mais vinte mil libras de renda. Que digo! cincoenta mil nos emprestimos estrangeiros.

— É verdade, murmurou Lucia, que se me abandonasse por um momento as idéas do casamento, eu seria então um bom partido. E tu pedias-me em casamento?

— Talvez, mais tarde ou mais cedo.

— Tome cuidado, olhe que ha hypoteses sobre a minha casa e sobre o meu coração.

Lucia reflectiu com orgulho que já havia em Paris mais

de uma actriz casada muito á moda na melhor sociedade. Lembrou-se de todas os cantoras que se tinham casado e que se tinham tornado senhoras distinctas. Reflectiu que tudo esquece. Mas não sabia a velha maxima que persegue a perdida até a sepultura: « A belleza passa, a peccadora fica. »

— Sabes, disse ella pegando nas mãos de Abelle, que eu sou capaz de fazer uma loucura por ti! Ah! como o amor transforma uma mulher! Já não me reconheço.

E Lucia recordou-se que outr'ora não gostava de viver senão em meio de barulho. Lucia que uma festa succedia a outra, a orgia á orgia. Sua athmosphera era a traição; tinha quatro amantes ao mesmo tempo. Amava-os uns contra os outros; queria que se batessem e se arruinassem por ella. Hoje todo esse ruido aborrecia-a. Só tinha um cuidado: ter uma hora para estar só com o amante. Por isso dizia-se no mundo elegante, que ella estava perdendo a graça. Ninguem se lembrava de attribuir isso ao amor. Não acreditavam que ella cahisse n'essa « asneira. »

— Pois bem, meu amor, heide pensar n'isso, disse ella banhando os olhos nos olhos de Carlos Abelle.

— Heide pensar n'isso quando já fôr tarde.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que estou farto de humilhações. Si o

meu amor me tem dado forças para supportar todos esses dissabores. Eu não sou nenhum pobre diabo.

E Carlos Abelle recordou complacentemente que tinha sido bem educado. Um dia que elle foi entregar ao pae o premio de honra que tinha ganho no lyceo, a mãe disse a chorar: — « Eu sempre disse que elle havia de ser a honra da familia. » —

— Se não fosses tu, disse elle beijando Lucia, eu abandonaria a musica, iria outra vez para a eschola de direito e seria um advogado celebre.

— Isso sim, disse ella, porque tens lingua de ouro e lingua de serpente.

— Por desgraça, minha Lucia, quando te vejo só tenho forças para cahir em teus braços.

Abelle não pensava nem uma palavra d'aquillo que dizia. Já nada tinha a esperar da familia. Não tinha coragem de reclamar da sociedade o seu direito ao trabalho. Tinha affeminado o caracter a ponto de o perder de todo. Era um homem ao mar — ou á mulher — o que ainda é peor.

Tinha vencido Lucia, a invencivel. Roubava, devastava como se tem conquistado. Não queria perder outra vez terreno. Mas n'esse dia, por mais que fizesse valer os seus direitos, e que lhe falasse de caricias e vinganças mostrando-lhe sorrisos e dentes, Lucia disse-lhe que o amava a morrer, mas que estava muito acostumada ao luxo para abandonar a sua vida dourada. Repetia sempre

que as suas amigas ficariam muito contentes se ella lhes não roubasse os amantes.

— Pois tu, dizia ella, não te ufanas de ter por amante uma mulher que tem uma côrte de principes ! uma mulher que faz curvar todas as cabeças aos seus caprichos.

— Tenho ahi muito de que me ufanar, disse Carlos Abelle. Quando um d'esses brutos apparece, tenho eu de desapparecer. Mas hei de vingar-me. Mais dia menos dia hei de pisar-lhes os brazões.

— Eu tambem, toleirão, piso nos brazões d'elles. Mas não te esqueças que são de ouro,

IX

UM BOM PRINCIPE

Sujeitando-se a um senhor, Lucia quiz augmentar o numero de seus escravos. Explico-me, quiz vingar-se dos caprichos de Abelle sendo mais caprichosa com os outros. Tornou-se arrogante com o principe e com os outros seus apaixonados, tanto mais quanto n'este tempo alguns jornalistas fallaram muito no seu talento e na sua belleza. Julgava-se ella então mais irresistivel do que nunca.

Tinha graça vêl-a, no theatro, no bosque, nas ceias a distribuir sorrisos mais ou menos expressivos com ares de duqueza.

Comediante de terceira ordem no theatro, era ella grande comediante em casa; tinha a habilidade de ter quatro amantes ao mesmo tempo, como sabia guiar uma e outra vez por divertimento em dias de corrida o carrinho de um de seus amigos d'além-Manche.

Jogava bem porque sabia esconder o jogo que tinha. Para a generalidade dos martyres, ella só tinha um amante, o principe. Mas na verdade, o principe, só o que fazia era dar tom á casa, o principe dava o titulo a essa commandita de amor em que entravam muitos accionistas. A força de Lucia consistia em nunca estender a mão; ao que ella dizia, o principe era inesgotavel em suas prodigalidades; innundava-a de diamantes, mas, dizia ella entre parenthesis, que o principe tinha um gosto barbaro e que só os francezes sabiam dar joias que se pudessem usar; e ahi está porque ella não recusava certos presentes, quando eram bons. Nunca se esquecia de dizer que era um sorvedouro de dinheiro, que quanto mais se lhe dava mais lhe faltava. E mostrava a mãosinha torneada para provar que não tinha dedos de gancho. Ao jogo dizia ella que sempre perdia, mas roubava sem cerimonia os parceiros de modo que gozava, graças aos seus muitos recursos, de trezentos e sessenta e cinco mil francos de renda, porque gastava mil francos por dia, segundo as contas officiaes do seu guarda-livros.

Mas um piparote do accaso podia deitar por terra o fragil edificio dessa fortuna ganha dia por dia. A unica cousa que possuia era a casa e os diamantes e ainda assim tinha sempre cem mil francos de joias no Monte de Soccorro. Dizia que isso era o seu capital mobilisado. Mostrava ás vezes as cautelas para influir os amantes,

porém mesmo os mais apaixonados gostam de arruinar-se a varejo, e não por atacado. Dão sem contar—depois de ter contado um punhado de notas do banco, bem amarrotadas; —mas preferem dar dez vezes dez mil francos a dar de uma vez só cem mil.

Tudo correu bem até o dia em que foi de notoriedade publica que Lucia tinha um amante de coração, e que o impunha até nas ceias a que ella ia para ganhar dinheiro. Na alta sociedade elegante ninguem se indigna por vêr uma mulher passar de mão em mão como ordem á vista que se torna melhor á força de assignaturas, mas não se consente que uma mulher se degrade. A gente é da sua roda ou não o é, Lucia foi em breve condemnada á reprovação social, graças a esse Carlos Abelle que andava por toda a parte agarrado á cauda dos vestidos d'ella. Elle por mais que puzesse tacões altos para parecer grande, por mais que fosse umas vezes humilde e outras impertinente, não conseguia tomar familiaridade com a gente de boa roda. Elle vingava-se d'isso em Lucia que por tabella se vingava n'elles, até o dia em que se decidiu entre algumas d'essas mulheres não tornar a vêr Lucia com o amante, nem ir mais á casa d'ella emquanto elle lá estivesse.

Essa decisão que em breve se tornou official foi a ruina de Lucia em pouco tempo, porque ella não quiz romper com Carlos Abelle para readquirir suas amizades. O principe, que era bom principe, veio vêl-a como de

costume, porém ella ficou cada vez mais só. Elle fez-lhe algumas observações, fazendo-lhe vêr que ella não tinha com que sustentar um amante de coração.

— Eu bem sei, meu caro principe, disse-lhe ella, que o senhor ainda me não deu dinheiro para tanto, e por isso não tenho um amante de coração, tenho um amigo que toca e canta commigo, que me acompanha ao piano quando eu vou cantar fóra...

— Perdão, interrompeu o principe, elle não a accompanha só ao piano; dir-se-hia que a senhora perdeu a sua sombra e que elle anda á procura d'ella; mas emfim eu não tenho o direito de a reprehender. Quiz apenas avisal-a. Se esse Carlos Abelle não é seu amante, não consinta que elle esteja aqui como quem está em sua casa; se é seu amante, tanto pe'or para a senhora; mas não fallemos mais n'isso, porque pode a senhora pensar que eu tenho ciumes e eu não sou tão tolo que caia n'essa.

— Pois bem! exclamou Lucia com impaciencia, dire; a M. Abelle que não venha mais aqui senão á hora das lições.

— Está bom, disse o principe pegando no chapéo, mas agora não se vá pôr a dar lição o dia inteiro.

Quando elle sahiu, Lucia fez um rapido exame de consciencia.

— É verdade, disse ella, o que diz o principe e o que dizem todos. Carlos ha de perder-me. Mas... eu amo-o.

X

UM DUELLO ATÉ O PRIMEIRO SANGUE

Carlos Abelle não esperou muito tempo occasião de vingar-se, porque estava mollemente reclinado sobre os joelhos de Lucia, quando annunciaram o principe Matjewski.

— Vai-te embora, depressa! disse ella.

— Não vou! respondeu elle.

Este *não vou* foi dito com tal intonação de vontade que inquietou Lucia.

Tinham-se levantado ambos. Ella passou-lhe docemente os braços pelo corpo e foi levando-o para a porta.

— Não! disse elle outra vez, enraizando-se no tapete.

— Lembra-te de quanto o principe me tem dado e de quanto me pode dar ainda! Eu te peço, meu amor, vae-te embora ou senta-te ao piano.

— Ao piano!

Não se pode dizer com que expressão Carlos Abelle exclamou « ao piano! »

Abriu-se a porta.

— Meu caro principe, disse Lucia, não corri ao seu encontro, porque estava estudando com o meu acompanhador.

O principe passou altivo por Carlos Abelle sempre enraizado.

— Lucia chama a isto estudar, disse o amante com ironia.

O principe julgou que tinha ouvido mal. Sentia-se quasi indignado por ouvir um pianista fallar da sua deusa com tanta familiaridade.

A comediante tentou deitar um pouco d'agua no vinho de Matjewski e de Carlos Abelle.

— Elle tem razão, disse ella, eu estava hoje indisposta. Fiz perder a paciencia ao piano e ao pianista.

E deu um passo para o amante — o de coração.

— Adeus, meu amigo, não me queira mal. Volte breve.

Mas Abelle conservava as raizes no chão.

— Não, minha senhora, disse elle alto, eu não volto.

— Pois sim! disse o principe irritado, passa-se bem sem a sua pessoa, senhor pianista. Supponho que hade haver em Paris um segundo acompanhador.

— Sim, senhor, disse Carlos desabafando, um segundo

acompanhador, para me servir de *segundo* e castigar a sua impertinencia.

E como o principe olhava para elle sorprehendido:

— Eu sei servir-me do piano, mas sei tambem servir-me de uma espada! continuou elle.

— Está doido, disse Lucia ao principe, não faça caso.

— Eu não estou tão doido assim, a senhora é que está perdendo a cabeça. Fica entendido, senhor, que nós vamos bater-nos?

— Ora deixe-se d'isso, eu não sou Dom Quichotte, não me bato com pianos. Vá divertir-se com os seus iguaes.

Carlos Abelle arrancou as raizes e moveu-se na direção do principe.

— Ah! não quer tomar-me ao serio! Pois bem, ordeno-lhe que saia, porque eu estou aqui em minha casa.

— Em sua casa! Foi o senhor quem pagou esta casa? acaso não é d'esta senhora?

O des-Griex sentiu-se um pouco desmontado. Mas não deixou de responder.

— Lucia está em casa d'ella e eu estou em minha casa, posque ella é minha amante e eu sou amante d'ella.

O principe pegou no chapeu que tinha posto em cima do piano.

— Não creia, disse Lucia fóra de si.

O principe affastou-se em silencio sem voltar a cabeça.

— Bater-nos-hemos, não é assim ! disse Carlos Abelle.

E com um cynismo que só Juvenal poderia descrever :

— Não pode recusar bater-se comigo, porque nós servimos ambos no mesmo regimento.

Lucia tinha tocado a campainha. Entrou um criado.

— Acompanhe este senhor, disse ella, indicando Abelle.

O criado não entendeu bem e sahiu atraz do principe que tinha passado o limiar da porta.

Quando Lucia e o amante ficaram sós, encararam-se como duas bestas feras prestes a obedecer á sua colera.

Não disseram uma palavra, porque não achavam expressões bastante energicas para aquella situação.

Lucia, como um tigre, avançou primeiro.

— Pois bem ! gritou ella, eu mesmo te farei sahir !

Quiz arrastar Carlos Abelle. Tinha-o já marcado com as garras. Elle, mais cruel, continha o furor, por ter mais certa a vingança. Mas, como ao primeiro bote Lucia tinha-o feito recuar tres passos, agarrou-a pelos braços e atirou-a ao chão.

Ella levantou-se com os cabellos em desalinho ; enroscou-se a elle como uma serpente.

O creado tinha voltado julgando que o tinham chamado outra vez ; comprehendeu o que se passava e fechou prudentemente a porta sem apparecer.

Carlos Abelle quiz soltar os braços de Lucia. Mas, como ella batia-lhe nas pernas com o tacão das botinas, elle apertou-a com as duas mãos como se fossem tenazes de ferro.

Foi horrivel! Se eu não quizesse demonstrar aqui as abominações d'esses amores que são a vergonha do amor, passaria em silencio estas repugnantes scenas. Mas convém que se saiba a que inferno descem essas condemnadas da paixão, que nunca mais poderão ir matar a sede ás fontes vivas.

Quando Abelle quiz atirar Lucia outra vez ao chão, cahiu com ella. Rolaram juntos pelo tapete, escumando de raiva, querendo matar-se, achando ainda em si lavas de desprezo.

Emfim, levantaram-se.

— Ah! d'esta vez, disse Lucia, está tudo acabado!

Carlos Abelle tinha-se chegado ao espelho para examinar as avarias. A camisa estava em pedaços; tinha uma unhada na face, os cabellos estavam na mais linda desordem. Torcia o bigode como a interrogar-se o que faria. De repente levantou a mão para tocar a campainha.

— D'aqui a pouco, disse Lucia, dê-me tempo para endireitar-me um pouco.

Tinha o vestido branco todo amarrotado, poz-se a alisal-o com a mão.

— Para que quer tocar a campainha?

— Quero que me tragam aqui a minha capa.

— Achal-a-ha na ante-sala.

— Quero sahir d'aqui, minha senhora, com todas as attenções que me são devidas.

— Sim, com todas as attenções devidas a um — pianista.

Não era isso que ella queria dizer. A prova é que Carlos esteve quasi a encolerisar-se.

Carlos tocou, — arrancando o cordão da campainha.

Lucia sentou-se a toda a pressa ao piano, pensando que ainda não sabiam em casa que ella se tinha batido com o amante.

Trouxeram a capa a Abelle.

— Adeus, minha senhora, disse elle depois que o creado sahiu. Caiam sobre a senhora todas as vergonhas que eu traguei n'esta casa.

— Vá, ande, que hade tragar muitas outras.

Lucia acompanhou esta resposta com uma aria d'Offenbach.

— Eu tambem, disse ella, sei acompanhar canções.

Abelle tinha chegado á porta. Bem se podia julgar que já era demais, que essas duas naturezas pervertidas não poderiam mais encarar-se sem raiva, que nunca mais o amor os uniria em um mesmo amplexo.

Porque é que d'ahi a uma hora, Lucia previnio ao seu mordomo que « Mr. Carlos Abelle » ficava para jantar ?

Carlos Abelle não se contentava com qualquer jantar, gostava de gulodices, truffas e doces ; que o vinho de

Champagne estivesse bem gelado; guardava-se só para elle vinho de Constança, para que nunca lhe faltasse. Era ordem passada na cosinha.

Abelle tinha ficado em virtude da lei d'essas pasmosas paixões que bebem á força na propria ignominia.

O jantar foi delicioso. Lucia beijava sem vergonha em presença dos creados a face que pouco antes arranhára.

— Está mais gostosa, dizia ella.

E accrescentava, com o tonico do perdão:

— Mas tu fizeste-me muitas manchas roxas.

— E estou eu, disse melancolicamente Abelle, com um duello em perspectiva.

— Pois não! disse Lucia conchegando ao seio a cabeça do amante como que para defendel-a da espada do principe. Se o principe tivesse ficado, sim. Se eu tornar a vel-o, dir-lhe-hei que o duello teve lugar entre nós dous.

— É verdade, a ti o primeiro sangue.

Estavam a beber Constança.

— Sabes, disse Lucia, que eu vou representar hoje, mas deixo-te fechado no meu quarto, com livros, jornaes e esta linda garrafa que tem tão boa cara.

— Pois sim, disse Carlos vendo o que restava na garrafa, mas não te esqueças dos charutos.

— Não. É demais tambem sabes que aqui és o senhor.

Quando Abelle ficou só no quarto de dormir de Lucia lembrou-se destas palavras.

— Tem razão, sou senhor aqui, disse elle. Não o heide esquecer.

E com um sorriso :

— É como na guerra, convém dar batalha e tomar a praça de assalto.

No dia seguinte de manhã Lucia disse ao amante que nunca tinha sido tão feliz.

— Ainda o serás mais quando eu tiver pisado todos os teus principes como fiz ao de hontem.

— Hasde deixar-me um, disse ella. Um que só hade vir a minha casa nos dias de chuva.

— Pois sim, se elle se portar com juizo, disse cynicamente Abelle.

XI

DIVIDAS DE JOGO E DIVIDAS DE CORAÇÃO

Passou-se algum tempo. Dizia-se que Lucia não appàrecia porque estava apaixonada como uma loba pelo homem a quem chamava o seu lobo.

Ora Carlos Abelle era o máu genio d'ella. Aconselhou-a a não reformar o contrato no Atheneu. Ella tinha lá um ordenado ridiculo, mas uma cantora sem theatro é uma estatua sem pedestal.

Pensou-se que Lucia ia deixar de cantar. Ella tinha sempre tido mais voz do que methodo, e por isso nunca a tinham tomado ao serio. A cortezã escorava a cantora como a cantora escorava a cortezã. Quando a cantora cahiu, a cortezã cahiu tambem das suas alturas.

Abelle tinha-lhe concedido receber um ultimo principe nos dias de chuva, era sempre o principe Matjewiski, mas esse tambem deixou de vir mesmo nos dias em que fazia bom tempo.

Ella vendeu o seu ultimo diamante não podendo decidir-se a abandonar o luxo em que vivia.

Foi Abelle o encarregado de vender o diamante a pretexto de que Lucia não entendia de negocios. Era uma admiravel pedra em forma de pera que a comediante tinha guardado em seu museusinho de joias, uma verdadeira pêra para os dias de sede.

Tinha-lhe sido dado por um principe moldavo que nem lhe sabia o valor, herança de familia, de ha muito condemnado a não correr mundo. Já agora deforrava-se.

— Oitenta mil francos! disse Carlos contentissimo, voltando de casa de uma mulher da moda.

E abanou a amante agitando oitenta notas diante do olhos d'ella.

— Não ha motivo para rir, disse Lucia. Tenho vontade de chorar, parece-me que me arrancam o coração.

Pegou nos bilhetes.

— O que é isto? trapos! Tenho deitado tantas fóra!

— Valha-me Deus! disse Abelle, eu quizera ter apanhado alguns. Tu sabes que tenho dividas impertinentes.

— Dividas, tu, meu lobo! Porque m'o não dissestes ha mais tempo?

Lucia reflectiu:

— Mas diga-me, meu caro senhor, porque é que o senhor contrahe dividas? Gasta com amantes?

Lucia recordou ao amante que desde que ella tinha despedido a sua roda elle vivia em casa d'ella a ponto

de ter deixado o casebre da rua Pauthien. Só sahio de lá para ir a alguma visita, ao que elle dizia. O dinheiro miudo, tirava-o elle da gaveta de Lucia que, como os medicos celebres, tinha sempre á vista um punhado de ouro.

— Ah! tu tens dividas? diz-me então que sociedade frequentas?

— Minha querida Lucia, eu frequento um pouco todas as sociedades, desde a melhor até a peor. Eu não sou nenhuma noiva.

— Então jogas?

Lucia deu com essas palavras a taboa de salvação ao amante que logo se agarrou a ella.

— Eu não jogo mais porque já joguei muito: não t'o queria dizer. Tu não imaginas de quanta tactica tive de usar para pedir emprestado aqui e acolá. Tinha de pagar em vinte e quatro horas. E agora estou inquietissimo.

Abelle fallou tão naturalmente que a comediante acreditou-o.

Lembrou-se do lansquenet que começou a ruina de Gontran Staller.

— Ahi está, meu querido, porque tu andavas distrahido! Quanto queres que eu te dê?

— Eu não quero que me dés, quero que me empreste. Mais tarde minha familia t'o pagará.

Abelle fallava sempre na familia como um criminoso falla sempre nos cumplices. A verdade é que elle bem

pouco tinha a esperar d'essa maldita herança. E demais as idades do pae e da mãe d'elle sommadas não chegavam a um seculo. Até a morte d'elles, nada podia esperar, porque já os tinha cansado com exigencias.

— Seja como fôr, disse Lucia, eu não regateio comtigo. Precisas de dez mil francos, de vinte mil?

— Sim, vinte mil francos, respondeu Carlos Abelle. Talvez me sobre alguma cousa que n'esse caso te restituirei, porque, uma vez pagas essas dividas de jogo, que preciso eu mais para ser feliz? basta-me o teu coração de ouro! Eis toda a minha fortuna.

E beijou Lucia com effusão como se elle se fundisse em amor e ella se fundisse em ouro.

— Vamos ao Bosque, sim? disse-lhe ella.

O amor cegava-a a tal ponto que ella achava muito simples mostrar o amante por toda a parte, ella que até então andava sempre só para não causar ciumes a ninguem.

Carlos Abelle não quiz ir ao Bosque.

— Vem, meu amigo, disse Lucia.

— Não! hoje não. Só tenho um desejo: é correr a pagar as minhas dividas.

Ora, quaes eram as dividas de Carlos Abelle? Eram dividas de coração.

XII

Mlle TRINTA E SEIS VIRTUDES

Já vos fallei, no livro — *les Grandes Dames*,— de uma rapariga— tinha sido cosinheira— conhecida com o nome Trinta e seis Virtudes. Ignoro a origem d'esse baptismo galante. Era uma finissima velhaca que fazia render as compras na cosinha do sr. Cupido. Natural de Bourgogne, onde em creança tinha bebido o succo da videira, não tinha grandes cores, mas tinha grande alegria. Chegou a Pariz aos desesseis annos com a vaga aspiração de fazer fortuna por qualquer preço, porque entendia que todos os officios são bons. Entrou— prompta para todo o serviço — para casa de uma rapariga da sua terra que fazia do amor meio de vida. Comprehendeu logo a recem-chegada que isso era mais facil do que fazer guisados. E por isso, como era muito bonita— muito apetitosa, como diziam os entendedores,— a principio servia

de distracção aos amantes da ama durante a ausencia d'ella— e tão bem o fazia que um dia a dona da casa não encontrou mais nem a cosinheira nem o amante official.

Moralidade: não convém ter na cosinha uma criada prompta para todo o serviço.

Sabe-se como as mulheres adquirem espirito. Mlle Carolina, por antonomasia Trinta e seis Virtudes,— não sei porque, a não ser por anti-phrase— adquiriu em breve muito espirito. Dispunha de muita malicia natural, bebida com o leite, ou antes com o vinho de Bourgogne.

Desde que ella appareceu entre as mulheres de terceira ordem que atulham as avenidas do vicio parisiense, fez impressão pela agudesa de espirito.

Entre essa gente fallar muito é ser eloquente. Carolina fallava sempre. Quem é que, á força de dizer tolices, não chega a dizer uma phrase espirituosa? É a sorte grande da loteria.

Ella não fez como as amas de leite que vem de Bourgogne, deixando lá um filho e remetem á familia todos os mezes dinheiro para as despezas. Viveu dia por dia, sem cuidar no dia seguinte, douda pelos lindos vestidos e pelas joias de carregação. O bolso da cortezã, é como o tonnel dos Danaides, — se me permittem esta velha expressão.

Abelle encontrou em uma ceia Carolina. Ella encantou-o com o seu espirito diabolico. Elle imaginou que isso seria capricho de uma hora, mas foi uma verdadeira

paixão. Elle tomava uma mulher— de passagem— como uma garrafa de champagne. Em uma hora de amor dava a garrafa por esgotada, desviava os labios, e não voltava lá.

A cara d'elle e as pilherias tinham conquistado muitas dessas creaturas que dão horas de sua vida sem dar cousa alguma. Simples questão de desfastio. Como o viam ha muito com Lucia, que era desdenhosa por excellencia, julgavam-o irresistivel e não faziam cerimonias com elle. E demais, era um homem sem consequencia.

Elle, por sua parte, dizia tambem que eram mulheres sem consequencias, e procurava hoje uma, amanhã outra. Entreactos comicos em sua comedia seria com Lucia.

A cantora ouvira dizer uma vez ou outra que o amante fallava a essas creaturas, mas não acreditava que se demorasse em tão baixa esphera o amante de uma mulher como ella, que tinha tido uma côrte de principes.

Ha tres classes de cortezãs em Pariz— sem contar as que exercem a profissão com licença da policia.— Ora, ha talvez maior distancia entre a cortezã altiva que diz ao Arentanario *para os italianos* ou *para casa* e a cortezã que anda a pé pelo boulevard des Capucines, do que entre duquesa e a burguesa. Por isso Lucia não se inquietara com os caprichos do amante. Mas esquecia-me dizer porque razão Carlos Abelle, que era adorado por Lucia, estava doudo por Carolina.

É que essa rapariga, que elle quiz domar como um

cavallo rebelde, atirou-o ao chão e pinoteou sobre elle. Era indomavel em sua alegria. Nunca tinha tido o seu quarto d'hora de sentimento. Zombava de todos os homens, porque não comprehendia que o amor fosse mais que uma gargalhada. Carlos Abelle, que tinha altas pretenções de dominador de mulheres, sentiu-se a principio sorprehendido por essa zombaria interminavel. Quiz vencer, combateu, apaixonou-se, deixou-se prender e não prendeu Carolina.

Apezar de andar sempre a rir, ella bem viu que elle estava apaixonado. A principio orgulhou-se, porque essa gente não julga os homens pelo que elles são, mas sim pelo que parecem: Carlos Abelle estava em moda n'aquelle mundo equivoco. Divertia umas tocando piano, divertia outras por ter lido antes d'ellas os jornalecos— quero dizer os grandes jornaes.— Estas achavam-o bonito porque elle tinha uma cabeça de cabelleireiro ao domingo, aquellas achavam-o espirituoso porque elle zombava d'ellas,

Carolina não fazia cerimonias para receber todos os dias os dous ou tres luizes que Lucia dava a Carlos Abelle, para despezas miudas. Naturalmente elle fallava da familia. Pouco a pouco, depois de se ter sentido orgulhosa, a ex-cosinheira sentiu-se feliz. Os luizes entretem a amisade. E demais o amor acaba por gerar amor. Ella continuava a rir, mas dizia-lhe:— Eu gosto mais de ti que dos outros.— Ser mais amado que os outros, era a

sorte — enganei-me, — era o ideal d'esse homem que recebia com a mão direita o que dava com a esquerda, sem córar, porque tambem não corava ao receber.

Um dia acordou doudo de amor por Carolina. Estava ainda mal desperto, beijou furiosamente Lucia; por engano.

— Porque motivo estes não sabem tanto? perguntou elle a si proprio.

Levantou-se a toda pressa e correu a casa de Carolina.

— Ah! como eu te amo! exclamou elle beijando-a quasi sem respirar.

Esse grito, foi o grito da morte de Lucia.

E é por isso que Carlos Abelle tinha dividas de coração, e por isso pediu sem vergonha vinte mil francos á amante rica, para os dar á amante pobre. Ha muito que elle entendia que Carolina era digna de um pedestal. Vivia ella, como todas as mulheres da sua classe, em um commodo mobiliado indigno d'ella e d'elle. Elle que estava habituado ao luxo em casa de Lucia, indignava-se sempre de ver em casa de Carolina uma mobilia de occasião que tinha pertencido a todos e a todas.

Porque razão Carolina, que elle considerava mais formosa que Lucia, não havia ter tambem seus dias felizes? Tinha sido cosinheira! mas onde tinha Lucia dado os primeiros passos? Lucia tinha-se feito cantora, mas Caro-

pina não podia fazer-se comediante? Já citavam-se seus ditos nas ceias e nas corridas.

Carlos Abelle dividiu em duas partes os vinte mi r ancos da cantora: uma para Carolina e outra para si. Foi nas proximidades do anno bom.

— Vou fazer-te uma surpreza, disse elle á ex-cosinheira.

De facto, no primeiro de janeiro, apresentou-se em casa d'ella ás onze horas e disse-lhe solemnemente:

— Vem commigo, quero levar-te á tua casa.

Levou-a á rua de Berry a um bonito aposento em que tinha reunido moveis de toda a casta.

— Oh! um piano! exclamou Carolina.

E tocou ao luar acompanhando-se com um murro e uma patada.

— Tudo isto é meu? repetio ella.

— Tudo, minhaquerida, até o proprietario, que é como tu de Bourgogne.

— Custa-me a crêr no que vejo!

Carolina poz-se a cantar e a dansar como se tivesse descoberto a California.

— Oh! que bonita cama, exclamou ella de repente. Mas, sabes? vou prender-te no meu quarto de dormir e tu não has de sahir para casa de tua princeza senão amanhã de manhã.

— Bom! disse Abelle, agora tenho duas prisões.

XIII

A PENA DE TALIÃO

Á meia noite, o amante por partidas dobradas era esperado com impaciencia em casa de Lucia. Tinha-lhe elle dito que ia jantar com a familia, mas que viria fazer *reveillon* com a amante.

Fez realmente *reveillon* com a amante, mas não foi com Lucia.

Á meia noite e um quarto, Lucia tinha vinte vezes relido os cartões de visita de anno bom dizendo com um sentimento de melancholia: — Inda se lembram de mim.

— Eram cartas com brazões e titulos de principes, duques, marquezes e condes. Os barões mal pensavam aventurar-se aquellas alturas.

E Carlos Abelle não chegava. Quem o poderia demorar? Desde onze horas ella esperava-o com a cabeça em fogo. Que estava elle a fazer?

— Em familia elle aborrece-se: é impossivel que se demore tanto em casa do irmão.

Chamou a creada.

— Carolina! dize a João que esteja prompto para ir levar uma carta.

— A senhora não sabe que é mais de meia noite?

— Para mim não ha hora? Previne João e volta.

E quando Carolina voltou;

— É verdade minha irmã te disse que vinha cá amanhã?

N'esse dia, Lucia que, á força de amar Carlos Abelle, julgava que ia deixar de ser cortezã e caminhar para a virtude, tinha escripto á irmã uma carta muito affectuosa.

Colombina, a menina illuminadora de gravuras que já era uma verdadeira mulher, sentiu-se tocada pela carta de Lucia, em que a cantora pedia a irmã que lhe perdoasse dando-lhe a mão no dia seguinte de manhã ás oito horas, á missa de Madeleine. Colombina respondeu verbalmente á creada: « Não vou á Madeleine, mas irei a casa de Lucia. »

Resposta inesperada! grande alegria da comediante, que disse comsigo: Se eu casasse com Carlos Abelle, minha irmã dar-se-hia comigo.

— Como é bonita sua irmã, minha senhora, disse Carolina. Parece um anjo com a sua alvura e seus olhos azues. Só ver uma cara assim faz vontade de ir á missa.

— Não é? disse Lucia. E eu que queria dar-lhe um amante. O que é perder a cabeça com as primeiras loucuras. Mas estou hoje bem longe de pensar assim!

— Bem se vê, murmurou Carolina como um arzinho de censura. O anno passado no dia de anno bom, não se podia dar um passo dentro de casa sem pisar em presentes. E este anno? Nada. Apenas uns confeitos.

— E eu tenho orgulho da minha solidão. Quizera não ter conhecido ninguem.

— Pois sim, mas a senhora é como os principes que dizem fazer pouco caso dos titulos de nobreza; agora que tem uma boa casa e diamantes: Quer que eu lhe dê um conselho? será o meu presente de anno bom.

Lucia reprehendia-se sempre por conversar muito com a creada, mas não podia perder esse mau costume. Disse a Carolina:

— Ora vamos! Falle, mas, por quem é, não diga tolices.

— Pois bem! fallarei sem cerimonia. A senhora quer acabar como tem acabado muitos outras, casando. Isso vae de encontro aos meus principios, mas, emfim! eu comprehenderia se a senhora tentasse a ventura com um titular; isso dá tom, fica-se sendo alguma cousa. Mas com um pianista.

Lucia conteve o furor; admirava-se de que aquella rapariga ousasse fallar tão francamente.

— Mr. Abelle não é um pianista, é um filho familia. Póde aspirar a tudo.

— Se, ao menos, elle amasse a senhora.

— Não sei porque o duvidas, elle sacrificou tudo por mim.

Carolina deu uma grande gargalhada.

— Basta! basta! disse Lucia, que já não podia conter-se, não preciso de teus olhos para vêr bem. Aconselho-te a tratar com todo o respeito Mr. Abelle. Acho que tomas muita liberdade com elle. As creadas são sempre assim. Só estimam as pessoas que as tratam severamente. Mr. Abelle tem o defeito de fazer espirito com todos, até com os creados.

Tinha já a creada recebido as suas festas. Ella viu que a casa ia-se tornando má e respondeu claramente.

— Pois bem! Mr. Abelle não torna a fazer espirito comigo. Bem vejo que cahi no desagrado da senhora, amanhã rei para minha terra, mas tomo a liberdade de dizer mais uma palavra. Esta abelha é uma vespa que hade sujar o mel da senhora e morder-lhe depois o coração:

— Vae! vae! disse Lucia, pódes ir já, se quizeres. Não espera... vae depois da ceia.

— A que horas a senhora tenciona cear?

— Vae, anda! E vê que esteja tudo prompto para quando Mr. Abelle chegar

— E se elle não vier? arriscou-se a perguntar a creada, voltando a cabeça.

— Se elle não vier !

Lucia saltou como uma leôa. Carolina voltou.

— Escute, minha senhora, eu não ousava dizer-lhe a verdade, mas acredite-me. Lembro-me do que lhe devo e fallo só por amisade: M. Abelle engana-a.

— Engana-me ! Tu não sabes o que dizes.

— Sim, engana-a, com uma mulher que se chama Carolina como eu, e que já foi cosinheira, como eu.

— Tu mentes !

Mas Lucia via com desespero que a creada não mentia.

— Tanto não minto que a estas horas M. Abelle e Mlle Carolina fazem *reveilon* sem se inquietar com a senhora. Se já se viu cousa asssim !

— Quem te disse isso ?

— Ora, meu Deus, só quem não sabe d'isto é a senhora M. Abelle arruina-se com aquella mulher.

Lucia lembrou-se dos vinte mil francos ; fez-se a luz em seu espirito.

— Tu tens certeza do que dizes, ... Carolina ?

Este nome — Carolina não queria mais passar pelos labios de Lucia.

— Tenho certeza, sim senhora ; uma mulher de nada. Ah ! eu nem sei como M. Abelle desceu tanto, mesmo que não fosse amado pela senhora.

— Se eu acreditasse em tal, disse Lucia, não o tornaria a ver. Escuta — Carolina — nem uma palavra a

este respeito, — e principalmente não penses em deixar-me.— Oh! hei de vingar-me.

Lucia levantou-se, tinha a cabeça em fogo, agitava a mão no ar como se fosse bater a rival.

Era mais de meia hora depois da meia noite. Olhou para o relogio; viu-se ao espelho e achou-se feia; deu um murro no vidro.

— Oh! senhora, exclamou Carolina, quebrou o espelho.

— Foi de proposito; espelho quebrado em dia de anno bom, é signal de desgraça. Desgraçada de mim! desgraçado d'elle!

Carolina estava estupefacta, não ousava dizer nem mais uma palavra.

O sangue zunia nos ouvidos de Lucia.

— Bateram?

— Não, senhora.

— Se baterem, não abram. Hade passar a noite na rua como um cão.

— E logo depois:

— Sabes — Carolina — onde mora essa mulher?

— A dous passos d'aqui, rua de Berny. Sei porque temos o mesmo padeiro e a mesma fructeira.

— Sou eu talvez quem pago as contas, disse Lucia.

— Ainda não, mas lá chegará, tenha fé.

— Oh! infamia das infamias!

Da-me o chapeu e a pelissa.

— Para que, senhora? Está chovendo.

— Pois bem! levaremos um chapeu de chuva. Ha cinco annos que não sei o que isso é. Depressa! depressa! depressa! os pés ardem-me, sinto o inferno em mim. Oh! minha cabeça!

Lucia levou a mão á cabeça, pinoteando.

D'ahi a cinco minutos andava ella á chuva com a creada em frente ás janellas d'essa Carolina que lhe roubava o coração e a alma.

Tres janellas do quarto andar deixavam transparecer a luz das vélas.

— É alli, disse a comediante. Tira d'ahi o guarda chuva, não me deixa ver.

Lucia empurrou para longe a creada.

— Assim a senhora molha-se.

— Molhar-me-hei, tanto melhor! A chuva hade acalmar-me. Que tres janellas são aquellas?

— Para lhe não ocultar cousa alguma, minha senhora, é o quarto de dormir e o toucador. Estou certo que elles estão ceando no toucador.

Lucia tinha ainda esperança de que a criada se enganava e enganava-a. Mas o ciume fallava mais alto que suas ultimas illusões.

— Está! está! disse ella, sinto que elle está alli. Preciso ir a casa d'aquella mulher.

E quiz atravessar a rua.

— Oh! senhora, disse Carolina retendo-a, não faça isso!

— Hei de ir, quero ir lá em cima, matal-os ambos.

— Ora, minha senhora, nós não estamos no theatro, vamos-nos embora. Quem causa lastima não é a senhora, é elle! perder uma mulher como a senhora por causa de uma creatura como aquella, matal-o não seria castigo. Não lhe dê a senhora mais dinheiro, e está vingada, porque aquella mulher manda-o logo passear. E fica elle entre duas mulheres de ventas no chão.

Lucia perdia o juizo.

— Pois se eu não subir, sóbe tu. Diz-lhe que eu estou á espera d'elle. Veremos se elle ousa affrontar-me face a face, porque elle pensa que eu nada sei; pensa que eu creio que elle está em casa da familia.

A creada não conseguiu dissuadir a ama; Lucia, para dicidil-a, chegou-se á porta e tocou resolutamente.

Abriu-se porta.

— Sóbe, ou então subo eu, dize que eu estou doente, dize que eu morri, dize o que quizeres....

Lucia fallava ainda, quando sahiu um homem da casa. Reconheceu Carlos Abelle.

Ella vacillou e encostou-se a Carolina. Não sabia o que dizer.

Como todos os homens que só se occupam com mulheres, Carlos Abelle não quiz passar sem ver de perto as duas que alli estavam.

— Sou eu, senhor, disse gravemente Lucia.

Ella estava tão pallida, tinha no rosto tão triste expressão, que elle mal a reconheceu, mesmo porque não podia imaginar que ella fosse ahi parar.

Apezar de ser bom comediante, ficou alguns segundos sem poder fallar.

Lucia estava quasi desmaiada nos braços de Carolina.

— O que ha? perguntou finalmente Carlos Abelle.

— O que ha? é a senhora que está doente e não fica mais boa, respondeu a creada.

— Não comprehendo.

— Eu é que o não comprehendo, respondeu atrevidamente a rapariga.

Tinha passado para Lucia o tempo das coleras. Chegára á essa phase da paixão em que as explicações são as lagrimas. Sua desgraça, tão bruscamente revelada, parecia-lhe tal que ella nem sentia forças para lastimar-se.

— Eu ia para tua casa, disse Abelle.

— É verdade, respondeu ella amargamente, é este o caminho. Pois vem, vem a minha casa para ver o que fizeste de mim, se eu não morrer antes de lá chegar.

Elle quiz dar-lhe o braço, porém ella reuniu todas as forças para repellil-o.

— Oh! não, disse ella, não acabe de matar-me.

Entraram em casa.

Quando Carlos Abelle viu a amante na saleta onde tan-

o tempo o esperára, feliz a principio, depois inquieta, ciumenta e desesperada por fim, impresionou-o a suat pallidez de marmore. Todo o sangue lhe refluira para o coração, por tres vezes perdeu os sentidos. Elle certificou-se de que aquella mulher que fingia com todos não fingia agora com elle.

Oh! como ella pagava todas as torturas que tinha feito soffrer a Gontran Staller e a outros.

Ella adorava Carlos Abelle, tinha-lhe sacrificado tudo, fortuna, theatro e amantes. Toda a sua vida resumia-se n'elle. Era por elle que ella construia na imaginação o seu ultimo castello de cartas: elle trahia-a, a ella que era formosa, que era altiva, que era elegante, por uma mulher de infima classe.

E quem sabe se elle amava essa mulher?

As primeiras palavras que pronunciou quando pôde fallar, foram estas, ditas com a mais meiga inflexão:

— Meu amigo, se já me não ama, o que veio aqui fazer?

— Eu já te não amo!

E Carlos Abelle atirou-se aos pés de Lucia. Desatou a soluçar, e conseguin deitar lagrimas.

Era um homem capaz de tudo.

— Mas se me amas, porque me enganas?

Carlos Abelle quiz ainda tentar uma mentira; mas bem vio que Lucia sabia tudo.

Bateu no peito, berrou que era indigno de Lucia, ro-

lou pelo chão implorando que lhe perdoasse. Tinha sido um quarto de hora de extravagancia, jurou não tornar a commetter taes torpezas.

Lucia chorou muito.

— Olha, disse ella, o teu amor é minha vida e a minha morte. Diz-me a verdade. Se me amas, perdôo-te. Se já me não amas, deixa-me.

— Teu amor, replicou Carlos Abelle, é tambem a minha vida e a minha morte. Viver sem ti, seria morrer. Viver comtigo, é viver.

Lucia perdoou.

— Pois sim! disse comsigo a creada furiosa, vou arrumar a minha trouxa.

— Minha senhora, disse ella alto, dá licença que eu parta amanhã de manhã para ir ver minha mãe?

— Hoje mesmo se quizeres, disse friamente Lucia, que queria prender-se outra vez ás suas illusões.

XIV

PERFUME DE VIRTUDE EM CASA DE PROSTITUTA

Carlos Abelle continuou a representar os seus dous papeis, fingindo amar Lucia, mas só amando a ex-cosinheira.

Já se fallava nas desventuras da cantora. Dizia-se que ella estava doida por um tratante que lhe dava pancadas e que a arruinava em favor de uma velhaca.

Diziam mais que era bem feito, porque não se tinham esquecido que Lucia tambem já tinha feito o mesmo. Quantos tinham soffrido! quantos se tinham empobrecido por ella! sem fallar nos que por ella morreram!

Mas dá-se com isto o que se dá com os criminosos condemnados á morte. Antes do julgamento o crime causa indignação, á hora do supplicio o paciente inspira compaixão.

A pallidez e a tristeza de Lucia acabaram por commo-

ver os mais endurecidos e os mais scepticos. A principio negaram que ella podesse amar, depois já não havia duvida. Arruinava-se pelo amante, atirava-se á paixão como a um abysmo, não se salvaria d'elle.

Annunciou-se em breve a venda da casa. Perguntavam se a não compraria a ex-cosinheira. De feito, essa caminhava em sentido opposto. Ao passo que Lucia descia para a ruina, ella subia para a fortuna.

Um dia que Lucia, que já não tinha cavallos, foi ao Bosque em um carro da praça, não pela gente, mas pelo Bosque porque queria respirar um pouco de ar puro, reconheceu, em um coupé puchado por dous cavallos inglezes, Carlos Abelle e sua rival.

Foi mortal o golpe. Ella cria vagamente que o amante via ainda uma vez ou outra essa mulher, como via outras muitas. Seria possivel que elle a acompanhasse ao Bosque? seria possivel que ella tivesse tão bonitos cavallos?

— Ah! murmurava ella, este homem é o meu algoz.

Não teve coragem para vel-os outra vez. Voltou para casa a esconder as lagrimas e a vergonha.

Annunciaram-lhe a irmã, correu a ella e beijou-a.

— Ah! Colombina! Colombina! tem pena de mim! Sou muito desgraçada! Que horrivel castigo! O homem que tu odeias, o homem que prometteu casar comigo, mata-me antes do casamento. É já a causa da minha ruina, seria tambem a causa da minha morte.

E contou tudo a Colombina; como Carlos Abelle se tinha imposto em casa d'ella; como ella soffrera o dominio d'elle, sempre a revoltar-se; como elle se tinha feito senhor absoluto de seu coração e de sua pobre cabeça; como lhe obedecia cegamente, ella que nunca obedecera a ninguem! E todas as suas mentiras, e todas as suas traições, e todas as suas infamias!

— Pois então, disse Colombina, fecha-lhe a porta. Não está tudo perdido quando ainda se tem fé em Deus.

— Mas elle não me deixa ver Deus! eu só o vejo a elle, sempre elle, é o meu supplicio.

— Se tu o desprezas, não o amas!

— Desprezo-o e amo-o! N'isso vae o meu castigo! Ha um anno que lucto para arrancal-o do coração. E quanto mais quero odial-o, mais me prendo a esta cruz. Estou crucificada em vida. Não durmo, o ciume dilacera-me o coração. Sinto o inferno na cabeça. Ah! Colombina, Colombina! beija-me a fronte com teus labios de mulher honesta.

Lucia cahiu ajoelhada aos pés da irmã.

Colombina beijou Lucia com seus labios sempre virginaes.

A infeliz sorriu. Pareceu-lhe que uma aragem do céu lhe passára pelos cabellos incendidos.

Assim que Colombina sahiu Lucia tomou outro carro para ir ao Père-Lachaise.

— A sepultura de Gontran Staller? perguntou ella a um dos guardas.

Levaram-a perto do tumulo do duque de Morny.

Lucia leu o nome do homem que se matára por ella. Cahiu ajoelhada e chorou largo tempo.

Chorar é rezar.

Fugiu como uma ladra ao reconhecer de repente a irmã de Gontran Staller.

A volta do cimeterio, encontrou Abelle á porta da casa.

Não lhe disse uma palavra: elle não a tinha visto no Bosque; ella não queria humilhar-se mostrando ciumes.

— Não sabes, disse elle alegremente, venho do circulo. Apostei que tu tinhas apenas vinte e dous annos Perdi, mostraram a tua certidão de idade. Creio que era uma aposta cavalheiresca? Dá-me mil francos.

Esta mentira foi mais uma ferida.

Só havia em casa dous mil francos. Lucia foi em silencio buscar uma nota de mil francos e entregou-a ao amante.

Olhou para elle gravemente, como se quizesse procurar-lhe a alma nos olhos.

Achou-o mais bello do que nunca. Por mais que elle fizesse, ella via-o sempre pelo mesmo prisma: estava ainda enfeitiçada.

De cada vez que ella queria romper de todo, dizia: Paciencia, elle ha de voltar.

Julgava reconquistal-o pela bondade e pela doçura.

Elle quiz beijal-a pela alegria que lhe causavam os mil francos.

— Agora não, disse ella, logo á noite.

Á noite, apezar de ter vindo cedo, elle achou Lucia deitada.

— A senhora está muito doente, disse-lhe a creada.

Já não era Carolina.

Para onde teria ella ido?

Carolina estava então ao serviço da outra Carolina, e dizia, referindo-se a Lucia, que não gostava do sol no occaso.

— Porque está a senhora doente? perguntou alegremente Carlos Abelle.

— O medico fez-me a mesma pergunta. Perguntou o que tinha succedido hoje á senhora. Eu disse-lhe que não sabia.

Lucia estava com muita febre. Passavam-lhe pelos olhos os fantasmas do delirio.

— Gontran, disse ella, estendendo a mão a Carlos Abelle.

O biltre teve medo. Sabia a historia de Gontran Staller, sabia que Lucia o tinha arruinado e que em sua miseria e em seu desespero elle se suicidára.

— Quem sabe, disse elle empalidecendo, se ella não terá o mesmo fim?

XV

O LADRÃO E A MORTE

Estava acabado, Lucia não devia mais levantar-se da cama. A véla ardera pelos dous extremos. De um lado a lampada romana, do outro o tocheiro funerario. Tinha tripudiado com a alegria, devia adormecer com a dor. A felicidade tela-hia feito viver mais tempo; mas devendo pelos rudes tormentos do ciume, depois de o ter sido pelas alegrias estereis do orgulho, tinha de extinguir-se em poucos dias.

Quando as mulheres perdidas não acham onde acalmar a cabeça, depois das altas loucuras de seus primeiros feitos, morrem victimas da propria mocidade. Verdadeiro fogo de artificio a que se não deita nem um balde d'agua. Algumas arrastam-se pela mizeria conservando ainda um sorriso; antes tiram a sorte grande, sobrevivendo a si mesmas pelas familia ou pelos filhos, e uma ou outra, por um amor que as salva:

Lucia era uma das victimas do amor que mata.

Nem a lembrança da sua roda, nem a vista da sua belleza, nem sua fortuna, nem seu luxo, nem suas amizades poderam cousa alguma contra esse enviado da desgraça, o ultimo que ella tinha de amar, a punição de todos os seus pecados.

Seria a mão da Providencia que se revelava assim terrivel em sua vingança? Seria o acaso das cousas, cujo golpe é ás vezes certeiro porque nem sempre se engana quando atira a primeira pedra a uma mulher?

O medico de Lucia receava uma febre cerebral. Perguntou a Carlos Abelle se ella tinha tido algum desgosto.

— Desgostos! respondeu, esta mulher é a creatura mais feliz do mundo! Desde que abjurou o passado só tem uma idéa, ser minha mulher!

O tratante tomou uns ares de dignidade.

— Mas comprehende, continuou elle, que apezar de lhe ter promettido casar com ella em breve, esperava obter primeiro o consentimento de minha familia. Os homens bem educados não casam com suas amantes.

O medico olhou para Carlos Abelle como se lhe dissessem: os homens bem educados não vivem a custa das suas amantes.

— Olhe, disse elle, que se eu o consulto sobre os desgostos de Lucia é para saber se são irremidiaveis. Creio que a conheço bem. Ella tem uma verdadeira sede

de reabilitação; se o senhor se não casar com ella, não conseguirei salval-a.

— Mas eu não posso casar com ella á queima-roupa, emquanto ella está em delirio.

— E demais, disse o medico retirando-se, casar com este homem, seria descer ainda! Lavo d'ahi as mãos.

Passaram alguns dias. A doente ia peor.

Uma noite, mandou chamar d'Aspremont.

Elle sabia quanto ella soffria, foi vel-a.

Ia para fallar-lhe de Deus: ella fallou-lhe de Gontran Staller.

— É extraordinario, disse-lhe ella, parece-me que todo o amor que eu tinha por Carlos Abelle era uma illusão; não posso vel-o sem que lhe ache as feições de Gontran Stalles; foi a elle que eu amei, é a elle que ainda amo.

D'Aspremont, que era philosopho, procurava explicar essa miragem, quando Lucia continuou, estendendo-lhe a mão:

— Eu fui infame para com o seu amigo; mas tenho soffrido tanto que deve-me perdoar. Perdoe-me em nome d'elle. Vou morrer; mande-me um padre amanhã de manhã. Tenho esperanças que Deus tambem me hade perdoar.

D'Aspremont quiz consolar Lucia e chamal-a de novo á idéia da vida.

— Não, disse-lhe, só peço um favor: ser enterrada

na sepultura de Gontran Staller. Fui lá chorar, encontrei a irmã d'elle. Peça-lhe isso; elle amou-me tanto, que estou certa que está a minha espera.

D'Aspremont commovido, não podia comprehender como se tinha transformado de repente em compaixão o odio que tinha por Lucia. Nada é eterno no coração humano; é uma casa em que vem habitar uns apoz outros os sentimentos mais oppostos. Todos os peccados, todas as virtudes tem n'elle direito de domicilio O coração não é um mundo, é o mundo inteiro.

D'Aspremont prometeu a Lucia que, se ella morresse, seria enterrada ao lado de Gontran Staller.

Nas ultimas horas da vida, volta-se a gente para as auroras, esquece-se dos ultimos trilhos percorridos, e retempera-se a alma para fazer a viagem da morte nas frescas emanações da mocidade. Lucia recordava com paixão o bom tempo, seus primeiros passos na vida, no amor e no theatro. Pedia que lhe trouxessem o seu retrato pintado por Eugenio Deschamps.

— Ah! como eu era feliz n'aquelle tempo.

E viu passar a melancholica figura de Gontran.

— Porque o não amei eu mais? disse ella.

E sentia calafrios ao pensar na ultima entrevista, quando elle veio amarrotado pela insomnia e pela miseria chorar á porta da casa que elle mesmo lhe tinha dado. Sentiu horror de si, queria fazer penitencia e

achava que as traições de Carlos Abelle não tinham sido expiação bastante.

O conde d'Aspremont ainda lá estava: annunciaram o amante.

— Não quero mais vêl-o, disse Lucia escondendo o rosto com as mãos; é a minha vergonha, é a minha morte.

D'Aspremont julgava que essas palavras lhe sahiam do coração, e disse em voz alta ao criado:

— Diga a esse senhor que tem ordem de não deixar mais entrar aqui.

— Espere, disse Lucia, não lhe diga isso hoje. Quero vel-o pela ultima vez, quero dizer-lhe, eu mesma, que já o não amo, que nunca o amei.

D'Aspremont pegou friamente no chapéo.

— Hade vir ver-me outra vez, sim? disse a moribunda.

— Não, porque poderia encontrar o seu amante.

— Juro-lhe que de amanhan em diante elle não virá mais a minha casa.

— Então virei amanhã. E se puzer esse homem na rua, trar-lhe-hei uma irmã de caridade.

Um raio de alegria passou pelo rosto de Lucia.

— O arrependimento, disse ella, é já o ceu!

D'Aspremont passou, na sala contigua, de chapeu na cabeça, por Carlos Abelle que tentou sorrir.

— Como vae ella? disse elle, querendo fazer parar o conde.

Mas ficou petrificado por um olhar que dizia claramente não o conheço.

Para vingar-se d'essa humilhação, entrou elle de chapéu na cabeça no quarto de Lucia.

— Então que modo de tratar é este? disse elle.

Lucia teve medo. Elle tinha-a dominado pelo amôr, dominava-a pelo terror ainda. Quando elle estava ausente julgava ella que tudo estava acabado; logo que elle reapparecia, ella recahia em sua escravidão, porque já não tinha bastante virtude para resistir á propria covardia.

— Meu amigo, disse-lhe ella com a maior doçura na voz, sinto que vou morrer, lembre-se de mim que o amei tanto.

A colera de Carlos Abelle cahiu como a dignidade de Lucia. Achava-a mais disfigurada ainda que de manhan. Pressentio que breve ella morreria.

— Diz-me, meu amigo, disse ella reanimando-se o que farás quando eu morrer?

— Tu não hasde morrer! mas se morreres, viverei ainda da tua lembrança.

Lucia sorrio amargamente.

— Com as outras. Mas perdoo-te, porque lembro-me que me amaste. Mas olha, é preciso que sejas um

homem de bem, precisas trabalhar, porque tu não tens fortuna, e eu bem pouco tenho.

Carlos Abelle olhou para Lucia como para advinhar-lhe a ideia.

— E demais disse elle, tua fortuna não me pertence.

— Oh! murmurou ella, eu não quero morrer sem fazer testamento.

Carlos Abelle teve a dificuldade em esconder a legria. Tinha elle calculado que, vendendo tudo, Lucia ainda tinha bem uns cem mil francos. Em sua miseria ella tinha conservado a melhor roupa branca e a preta para illudir os olhos. Ella venderia isso tudo, rendas, roupas de theatro, camisas maravilhosas capazes de passar pelo fundo de uma agulha, — ou então daria tudo a Carolina.

Mas era preciso um testamento. Lembrou-se que Lucia podia morrer antes de fazel-o: fez proposito de a não deixar mais para aproveitar a primeira occasião que apparecesse para a fazer escrever.

Passou lá a noite.

As onze horas, dirigiu as idéas de Lucia para o testamento.

— A proposito, disse elle, representando habilmente, preciso escrever a meu irmão; tens ahi uma penna?

Lucia ergueu a mão descarnada e tocou a campainha, chamando a creada.

A rapariga trouxe todos os preparos para escrever.

— Põe isso na mesa de cabeceira, disse Carlos Abelle.

A creada tinha-se deixado ficar em pé tristemente junto da cama. Elle fez-lhe signal que se retirasse, como se quizera praticar alguma acção má.

E começou uma carta para que Lucia pensasse em escrever.

— Olha, Lucia, disse elle, o que eu tenho de escrever a meu irmão leva-me mais tempo do que se eu tivesse de fazer o meu testamento.

Lucia estava com os olhos meio fechados como se não tivesse forças para ouvir, nem responder.

— E agora me lembro, disse de repente Abelle, porque não heide eu mesmo fazer o meu testamento? Quem sabe? tu podes ainda viver mais do que eu.

Rasgou a carta começada e escreveu a toda a pressa.

« Deixo a Mlle Lucia Maria — minha noiva — todos os bens moveis e immoveis que me pertencerem no dia da minha morte, sem excepção nem reserva: »

Datou, assignou e passou o papel pelos olhos de Lucia.

Ella leu e agradeceu-lhe estendendo-lhe a mão.

— Não é facil de fazer?

— É, disse ella, mas tu escreveste o meu nome de guerra. E demais não foi em papel sellado.

— É o mesmo. Basta pagar uma multa e mandar sellar o papel.

— Pois sim, mas quando eu fizer o meu testamento, heide fazel-o em papel sellado.

O desespero passou pela alma do velhaco. Não pensou perder tudo.

— Juro-te que basta que escrevas tres linhas, como eu fiz, abaixo do meu testamento, se queres fazer o teu. Será tão valioso como se tivesse sido feito com as maiores formalidades.

Quer não tivesse Lucia forças para escrever, quer comprehendesse o sentimento que movia Carlos Abelle, respondeu-lhe:

— Amanhã.

E continuou:

— Amanhã é o grande dia. Hade vir um padre para dar-me a extrema unção e eu mandarei chamar o meu tabellião. Quero que o meu testomento fique em regra.

Abelle já não sabia a que taboa de salvação se agarraria.

— Juro-te, disse elle, que é inutil vir cá o tabellião. Pelo contrario, o que se exige, é a sinceridade. Tanto é assim que os erros de orthographia são precisos em um testamento.

Lucia não ouvia ou fingia não ouvir,

— Está dormindo, disse Abelle deixando cahir a penna com desespero.

Quando veio o medico, d'ahi a meia hora, Lucia ainda dormia.

Depois de a ter observado, o medico sacudiu a cabeça e disse ao amante :

— Esta mulher não vae longe. A morte já lhe marcou o rosto. Deus meu! como tem cahido de hontem para ca!

Pegou-lhe na mão.

— É extraordinario! já não tem pulso. Julgava-a mais forte.

Acordou-a e endireitou a almofada.

— E então? perguntou-lhe risonho, como vae?

— Bem! respondeu Lucia.

— Tomou a poção?

— Não, tenha horror a tudo. E demais morro de somno.

— Pois durma.

— Pois sim. Olhe, prohiba-lhe, continuou ella indicando Carlos Abelle, de estar ahi a garatujar perto de meus ouvidos.

— A doente tem razão, disse o medico, o senhor bem pode fazer a sua correspondencia amanhã.

Lucia tinha-se voltado para o outro lado da cama.

— Adeus, doutor. Venha amanhã depois do meio dia porque de manhã espero o senhor cura.

Mas, a estas ultimas palavras, tornou a chamar o medico.

— Doutor, cahe neve, os pobres tem frio, faça-me o

favor de dar aos seus pobres a minha ultima nota de mil francos.

E suspirou.

— Ai! eu não tenho — os meus pobres! acrescentou ella amargamente.

Tirou debaixo do travesseiro uma nota de mil francos e estendeu-a ao medico.

Mas Abelle que estava mais perto d'ella disse vivamente:

— Não precisa ter esse trabalho, doutor. Ella calumnia-se dizendo que não tem pobres: eu conheço-os bem e sei onde os encontrarei.

Abelle tinha pegado na nota de mil francos. A moribunda pareceu não ter comprehendido, tão dominada estava já pelo somno da morte.

Abelle roubava os pobres!

O medico que se tinha affastado chamou o amante.

— Meu caro senhor, disse-lhe elle, esta mulher está a morrer, não é ella quem hade receber Deus amanhã, será Deus que a hade receber a ella. Estou com uma mulher em trabalho de parto aqui perto, voltarei de madrugada.

A noite foi alternativamente dolorosa e suave para a moribunda. Dormiu ora calma e risonha, ora com ancias de morte.

Carlos Abelle só pensava no testamento. O que fazer? como dicidil-a a escrever? Se elle pegasse na mão como

se faz aos meninos de eschola? Tres linhas depressa se escrevem.

De manhã chegou-se a Lucia e tentou ainda mas em vão fazel-a escrever. Era uma mão morta, já fria.

Olhou em torno de si como um homem que vê fugir-lhe a fortuna.

— Hontem, disse elle, tudo isto era meu! Agora está tudo perdido!

Não podia habituar-se a essa ideia, que os restos da fortuna de Lucia não lhe pertenceriam.

— Que farão d'isto? dizia elle.

É a minha fortuna!

CAPITULO XVI

O RELOGIO DAS HORAS DE AMOR

De sua mobilia principesca Lucia tinha conservado tudo o que estava no quarto de dormir. Não quiz nunca vender essa adoravel pendula Luiz XVI de prata massiça com relevos de ouro, avaliada em dez mil francos. Era o seu ultimo luxo. Essa pendula tinha marcado as melhores horas da sua vida. Fallava-lhe como a um confidente. Era o seu ultimo amigo.

— Este relogio, por exemplo, disse Abelle, heide leval-o para casa. Na confusão da ultima hora, ninguem dará por isso.

Lembrava-se de tambem de por no lugar d'elle o relogio pequeno do toucador.

Havia já algumas horas que Lucia não respondia quando elle fallava, olhava para elle, mas parecia não vel-o.

Julgando que Lucia dormia, elle chegou-se ao fogão e levantou o relogio de prata como para ver se era facil leval-o debaixo do mac-farlane.

— Se o reclamarem, disse elle, direi que ella deu-m'o.

N'esse momento, Lucia perguntou-lhe que horas eram.

Elle estremeceu.

— O relogio parou, respondeu elle, queres que traga para aqui o do toucador?

— Não! dá corda a esse, sabes como eu gosto d'elle. Esse é que hade marcar a minha ultima hora. Lembras-te como era doce o som d'elle, quando eu não tinha que representar á noite e que nós diziamos loucuras?

— Oh, diabo! pensou Abelle, com desespero, agora está melhor.

Lucia levantou a cabeça.

— Sinto-me suffocada, dá-me um copo d'agua e abre a janella.

Carlos Abelle correu a abrir a janella. Quando trouxe o copo d'agua, Lucia tinha outra vez fechado os olhos.

— Acabou se, disse elle, está morta!

— Pegou-lhe na mão, e deixou-a cahir.

— Já gelada!

Pegou-lhe segunda vez na mão e roubou-lhe um annel de diamante, as unicas pedras que Lucia tinha reservado.

Voltou ao relogio. Mas a creada podia vel-o.

Foi buscar a capa. A [illegible] dormitava na sala de jantar.

— Então, como vae a senhora ?

— Está dormindo. Eu vou sahir por um pouco, d'aqui a uma hora estarei de volta.

Poz o mac-farlane, voltou ao quarto de dormir, e pegou no relogio.

Não queria voltar a cabeça, mas a morte chama os vivos. A morte tem um poder occulto que obriga os olhos a encaral-a.

Abelle approximou-se da cama como para dizer adeus a Lucia.

Mas debaixo da capa o relogio deu horas.

Lucia abriu os olhos.

— Bem vês que não está parado ! murmurou ella como se despertasse de um longo somno.

Sabe-se que o ultimo pensamento dos moribundos é o tempo : perguntam sempre que horas são, como se presentissem que vão em pouco ouvir soar a hora da vida eterna.

Abelle ficou embaraçado como um ladrão que vê um agente de policia.

— Espera, disse Lucia, fazendo-lhe signal para desviar-se, deixa-me ver que horas são.

Elle obedeceu machinalmente.

— O meu relogio ? onde está o meu relogio ? exclamou ella.

Aquella mulher, que talvez se não tivesse mais levan-

tado se não tivesse ouvido dar horas, teve inda forças para saltar fóra da cama e arrastar-se até o fogão.

— Meu relogio ! o meu relogio ! disse ella ainda.

Fazia medo. O amante, espantado por si e por ella pegou-lhe na mão para a não deixar cahir.

Deus quiz que se fizesse luz no espirito de Lucia porque ella viu no dedo de Carlos Abelle o seu annel de diamante.

— Que fizeste ! gritou-lhe ella.

Abria para elle seus grandes olhos como para perguntar-lhe se tinha tirado o annel como uma lembrança de amor.

Mas as moribundas tem a segunda vista.

— Foi por causa do diamante, disse ella.

E tapou os olhos, estremecendo.

Abelle quiz impedil-a de cahir, mas com esse movimento a capa abriu-se e Lucia vio o relogio.

— Ladrão! disse ella.

E cahiu.

———

CAPITULO XVII

O ULTIMO PASSO

Carlos Abelle fugiu espavorido. Não tinha bem avaliado seu crime. Não tinha bem encarado a propria infamia.

Tinha obedecido á odiosa ambição do ouro que lhe inspirara o amor que sentia pela ex-cosinheira,

Porém, ao fugir, como pensou no que tinha feito, ou antes por sentir ainda a influencia do olhar terrivel de Lucia, atirou o relogio para cima de um canapé e precipitou-se meio louco para fóra de casa

Esbarrou na passagem com Eugenio Deschamps.

Lucia tinha escripto na vespera ao seu primeiro amante pedindo-lhe qne lhe viesse dizer adeus. Parecia-lhe que Eugenio Deschamps lhe traria uma aragem da mocidade.

Queria tambem dar-lhe uma lembrança se morresse.

— Que diabo terá este sujeito! murmurou o pintor vendo passar Abelle.

Ha muito Eugenio procurava uma occasião para dizer a Abelle o que pensava a respeito d'elle; foi o que fez com bastante eloquencia levantando a mão como para dar-lhe uma bofetada.

Carlos Abelle não se indignou. Fugiu mais depressa ainda.

— Ora ainda bem! disse Eugenio Deschamps entrando.

O amante de Lucia não tinha sido o unico a arrecadar parte do espolio.

O pintor não encontrou em casa viva alma.

Não sabia que Lucia estava tão doente. Bateu á porta do quarto de dormir apezar de estar aberta.

Passando da claridade para o escuro a principio só viu trevas.

Pouco depois entreviu Lucia agonisando aos pés da cama. Chegou-se a ella com uma violenta palpitação de coração.

— Pobre mulher, disse elle vendo que ella ia exhalar o ultimo suspiro, está já pallida como a morte.

Pegou-lhe na mão, estava gelada.

— Lucia! Lucia! gritou elle, como se receasse não ser mas ouvido.

Lucia suffocava

Olhou para elle com olhos desvairados.

Repelliu-o a principio pensando que era Carlos Abelle.

— Lucia! Lucia! gritou outra vez Eugenio Deschamps.

— Ah! és tu! murmurou ella, tentando sorrir.

E pegou-lhe na mão e puchou-o para si.

— Deus então perdoou-me, disse ella, palavra por palavra.

Só esta visita inesperada podia fazer com que ella se esforçasse para viver ainda um momento.

— Então Deus perdoou-me eu esperava um padre, para não morrer como um cão; tu vieste, rezarás por mim. Ah! se tu soubesses como eu te amei! Dá-me aquelle crucifixo que está alli em baixo do ramo de buxo.

Eugenio Deschamps levou o crucifixo aos labios de Lucia.

— Quanto é bom amar a Deus, disse ella impondo as mãos.

E após curto silencio:

— Se tu quizesses, disse fixando a imagem, eu não seria hoje a ultima das mulheres. Eu teria vivido como uma das tuas servas. Fostes tu que me condemnastes a viver e morrer como uma mulher perdida.

Eugenio Deschamps so-ergueo-a do leito. Posto que habituado a não tomar nada ao serio, não pôde, comtudo reter duas lagrimas que orvalhavam as mãos de sua primeira amante.

— Pois bem, disse elle, eu vivirei para ti somente.

— Sim, sim, murmurou ella, tu viverás para mim, a esta hora em que vou morrer.

Foram suas ultimas palavras. A agonia findara-se.

Em vão Eugenio Deschamps a abraçou, em vão fallou-lhe: sua alma voara a eternidade.

— É certo, disse elle, bastaria um pouco de amor para que estas raparigas não fossem mulheres perdidas.

FIM

INDICE DOS CAPITULOS

I. — As nuvens negras da felicidade..... 5
II. — O abysmo côr de rosa..... 9
III. — O decahimento do amor..... 19
IV. — A feste sobre os cyprestes..... 27
V. — O espectro do banquete..... 31
VI. — Porque as mulheres perdidas não tem filhos..... 49
VII. — Um amante por amor..... 53
VIII. — Um noivo das duzias..... 65
IX. — Um bom principe..... 73
X. — Um duello até o primeiro sangue..... 77
XI. — Dividas de jogo e dividas de coração..... 85
XII. — Mlle Trinta e Seis Virtudes..... 89
XIII. — A pena de Talião..... 95
XIV. — Perfume de virtude em casa de prostituta..... 107
XV. — O ladrão e a morte..... 113
XVI. — O relogio das horas de amôr..... 125
XVII. — O ultimo passo..... 129

FIM DO INDICE DO SEGUNDO TOMO.

1874. — Typ. Franco-Americana, rua d'Ajuda, nº 18.

Obras que se achão á venda n'esta livraria:

J. M. de Macedo

O Forasteiro, romance. 3 v. in-8º enc. 7$000, br..... 5$009
Os Quatro Pontos Cardeaes. — A Mysteriosa, romances. 1 v. in-8º enc. 3$000. br..... 2$500
Um noivo á duas noivas, romance. 3 v. in-8º br. 6$, enc. 8$000
A Namoradeira, romance. 3 v. br. 6$, enc..... 8$000
Nina, romance. 2 v. br. 4$, enc..... 5$000
As Mulheres de Mantilha, romance historico. 2 v. br. 4$000
enc.. ..... 5$000
A Luneta Magica, romance. 2 v. in-8º br. 4$, enc.... 5$000
As Victimas Algozes, quadros da escravidão. 2 v. br. 5$000
enc..... 7$000
A Moreninha. 1 v. com estampas, enc..... 3$000
A Nebulosa. 1 v. enc..... 3$500
Culto do Dever. 1 v. enc..... 3$000
Memorias de um Sobrinho de meu Tio. 2 v. enc..... 5$000
Moço Louro. 2 v. enc..... 5$000
Os Dous Amores. 2 v. enc..... 5$000
Romances da Semana. 1 v. enc..... 3$000
Rosa. 2 v. enc..... 5$000
Vicentina, 3ª edição. 3 v. br. 5$, enc..... 7$000
Theatro Completo. 3 v. enc..... 9$000
Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedias. 1 v. in-8º br..... 2$000
Lusbella, comedia. 1 v. in-8º br..... 1$500
Fvntasma Branco, comedia. 1 v. in-8º br..... 1$500
Novo Othello, comedia. 1 v. in-8º br..... 500
O Primo da California. comedia. 1 v. in-8º br..... 1$000
Cincinato Quebra Louça. Comedia. 1 v. in-8º..... 1$500

J. Norberto de Souza e Silva

Romances e novellas. 1 v. br. 3$000, enc..... 4$000
Brazileiras celebres. 1 v. in-8º enc..... 2$000
Flores entre espinhos. 1 v. in-8º enc..... 2$000

Fausto

Scenas da vida republicana. Reminiscencias do feliz tempo escolar. 1 v. in-12, enc. 1$600, br..... 1$000

Um provinciano ladino.— Onde se encontra a verdadeira felicidade. 1 v. in-12, enc. 1$600, br..... 1$000

A caça de um Baronato.— A herança esperada e inesperada, 1 v. enc. 1$600, br..... 1$000

Um casamento de tirar o chapeo, seguido de: O Diabo não é tão feio como se pinta, Charadas da campanha, Uma viagem ao sul do Brasil. 1 v. in-12 enc. 1$600, br..... 1$000

Dois Dias de Felicidade no Campo, Seguido de: Curso de Experiencia repentina. Pensamentos de pequena superficie mas de grande profundidade. O Relogio de Gertrudes. 1 v. in 12 enc. 1$600, br..... 1$000

L. Guimarães Junior

Filagranas. 1 v. in-8º, enc. 3$000, br..... 2$000

Contos sem Pretenção: A Alma do outro Mundo, o Ultimo Concerto, o Homem e o Cão. 1 v. in-8º enc. 3$, br.. 2$00

Joaquim Serra

Quadros, poesias. 1 vol. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

Bernardo Guimarães

O Seminarista, romance brasileiro. 1 v. in-8º, enc. 3$, br..... 2$000

Historias e Tradicções da provincia de Minas-Geraes: A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8º enc. 3$, br..... 2$000

Cantos da Solidao. Poesias, 1 v. enc..... 6$000

Ponson du Terrail

O Capitão dos penitentes negros. 1 v. br. 1$000 enc. 2$000

A. E. Zaluar

Revelações. 1 v. in-4º enc..... 5$000

1874.—Typ. Franco-Americana r. d'Ajuda 18.

A. Dumas filho

O Homem-Mulher, 1 v. in-12, enc. 1$600, br..... 1$000

Victor Hugo

Os Homens do Mar, 3 v. in-4º br..... ..... 3$000

A. Assollant

O Doutor Judassohn. Estudo sobre o caracter allemão. Versão de A. Gallo. 1 v. in 12, enc. 1$600, br..... 1$000
Confissão de um Badense.—O Coronel Happerthaler, Versão de A. Gallo. 1 v. in-12 enc. 1$600, br..... 1$000

A. Esquiros

Historia dos Martyres da Liberdade, augmentada com episodios historicos tirados da historia do Brazil e de Portugal. 2 v. in-4º enc. 10$000, br..... 8$000

Th. Fix

Historia da guerra do Paraguay, traduzida por A. J. Fernandes dos Reis e annotada por ***. 1 v. in-8º enc. 5$000 br..... 4$000

Emm. Liais

Supremacia Intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas. Versão de Abranches Gallo. 1 v. in-8º br. 2$000, enc..... ..... 3$000

V. Valmont

O Espião Prussiano, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana, traduzido por V. Colonna, 1 v. in-8º br. 2$000, enc. 3$000

A. Belot

A Mulher de Fogo, 2 vol. in-12, enc. 3$000, br.... 2$000

A. Belot et J. Dautin

O Matricida. 2 v. in 12 enc. 3$000, br... ..... 2$000
Dacolard e Lubin. 2 v. in 12, enc. 3$000, br..... 2$000

Octavio Feuillet

Julia, romance. 1 v. in-12 enc. 1$600, br..... 1$000

Edmond About

O Nariz de um Tabellião. Versão do francez por A. Gallo. 1 v. in-12, enc. 1$600, br..... 1$000

1874. — Typ. Franco-Americana, rua d'Ajuda, nº 18.

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

Collecção in-12 a 1$000 o volume

J. DE ALENCAR.	— Til	4 v
BERN. GUIMARÃES.	— O Indio Affonso	1 v.
O. FEUILLET.	— Julia	1 v.
J. SANDEAU.	— João de Thommeray	1 v.
FAUSTO.	— Um Casamento de tirar o Chapéo . .	1 v.
—	— A Caça de um Baronato	1 v.
—	— Scenas da Vida Republicana	1 v.
—	— Um Provinciano ladino	1 v.
—	— Dous dias de Felicidade no Campo . .	1 v.
ROCK JUNIOR	— Um Marido por um pé de meia . .	1 v
—	— O Bom do Sr. Leitão.	1 v.
—	— O Pandego	1 v
A. BELOT.	— A Mulher de Fogo	2 v.
A. BELOT e J. DAUTIN.	— O Matricida	2 v.
—	— Dacolard e Lubin	2 v.
E. ABOUT.	— O Nariz de um Tabellião.	1 v.
A. DUMAS FILHO.	— O Homem-Mulher.	1 v.
—	— Sophia Printemps.	2 v.
MAX-VALREY	— Martha	3 v.
P. DE ROCK.	— Friquette.	2 v.
—	— Memorias.	2 v.
—	— A casa Perdaillon & Comp.	1 v.
A. ASSOLANT.	— Confissão de um Badense	1 v.
—	— O Doutor Judassohn	1 v.
E. GABORIAU.	— A Vida Infernal	6 v.
—	— A Corda na Garganta.	5 v.
P. FÉVAL.	— O Sobrevivente	4 v.
E. FEYDEAU.	— A Arte de agradar	1 v.
E. DE MONTÉPIN.	— O Marido de Margarida.	2 v.
—	— A Condessa de Nancey.	2 v.
—	— O Amante de Alice	2 v.
—	— O Bigamo.	4 v.
FERVACQUES & BACHAUMONT	— Rolande	2 v.

1874.—Typ. Franco-Americana, rua d'Ajuda, 18.

17532